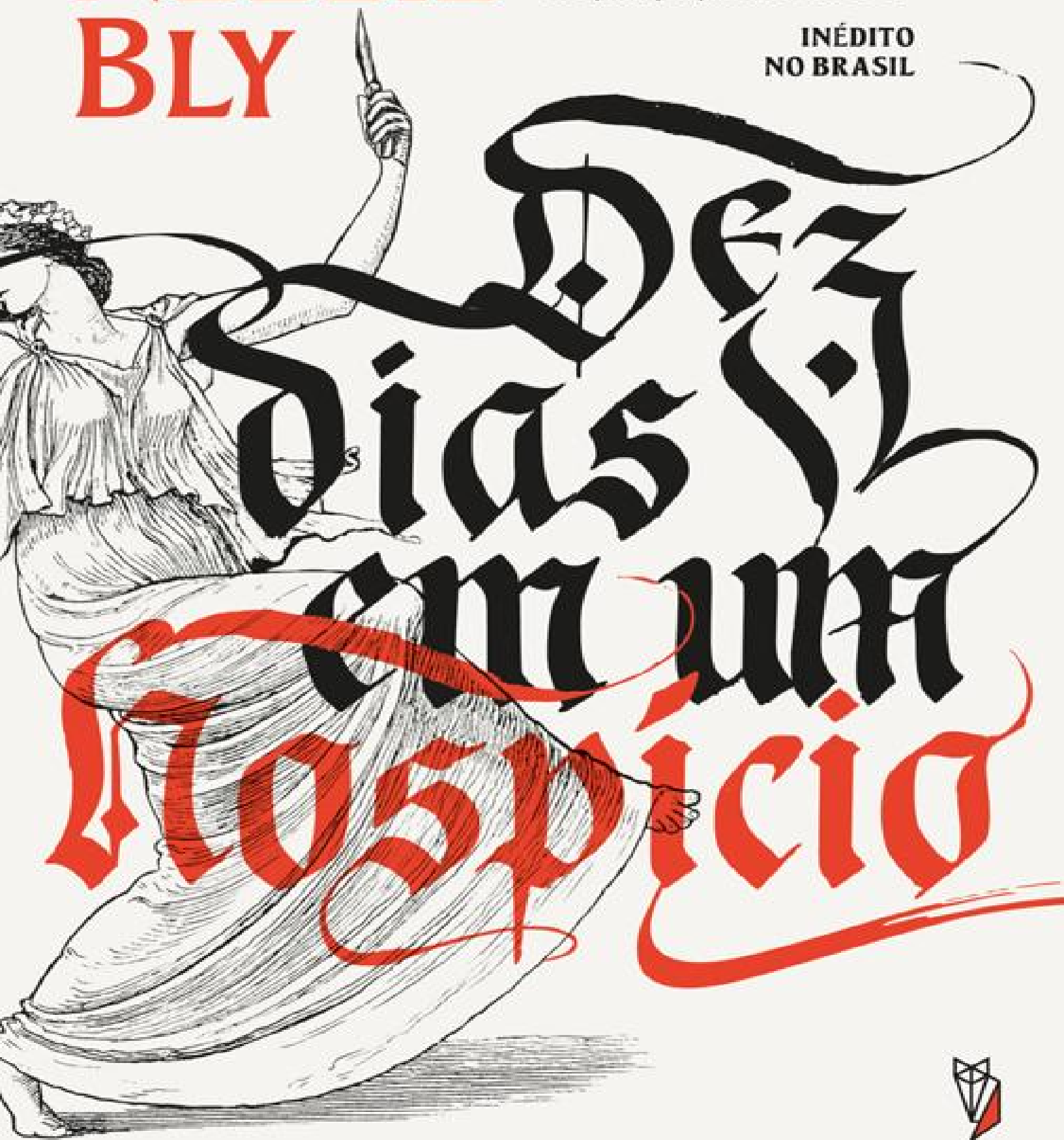


NELLIE
BLY

O terrível relato real de uma jornalista
que se arriscou ao internar-se em um
hospital psiquiátrico em **1887**

INÉDITO
NO BRASIL





DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)



NELLIE BLY

Dez dias em um aspício

CONTÉM: DISTÚRBIOS
PSICOLÓGICOS, VIOLÊNCIA,
ABUSO FÍSICO E MENTAL.

Tradução de
KARINE RIBEIRO
Primeira edição

WISH 

Tradução

Karine Ribeiro

Capa e Projeto Gráfico

Marina Avila

Preparação

Camila Fernandes

Ilustração de capa

Nymphe Danseuse, (1895) Walter Crane, MET Museum, adaptada.

Revisão

Yasmine de Lucca e Renata Cezimbra

B 661

Bly, Nellie

Dez dias em um hospício / Nellie Bly; tradução de Karine Ribeiro. – São Caetano do Sul, SP: Wish, 2020.

192 p.

ISBN 978-65-88218-06-8 (capa dura)

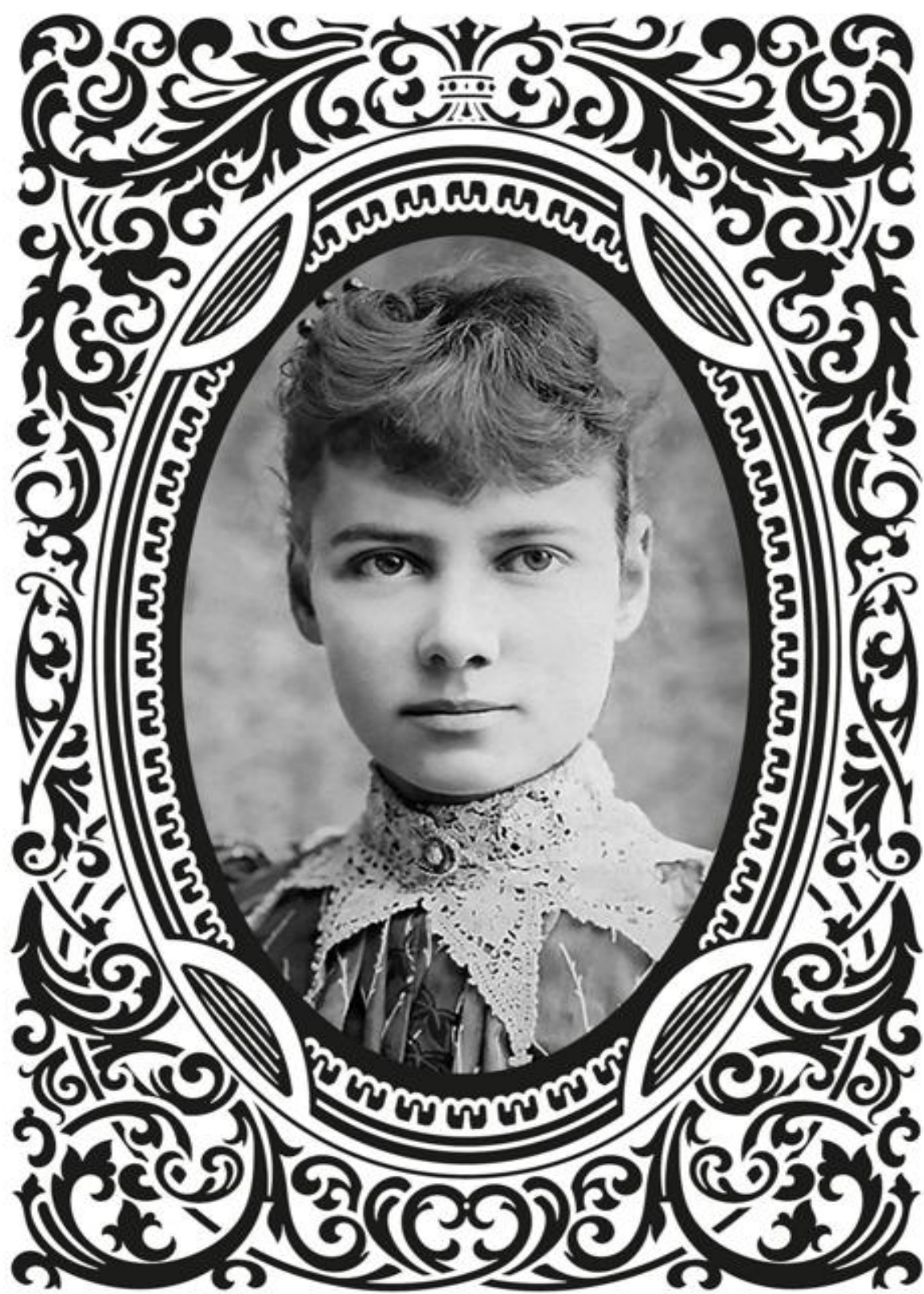
1. Hospitais psiquiátricos I. Seaman, Elizabeth Cochran II. Ribeiro, Karine

III. Título CDD 362.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Hospitais psiquiátricos 362.2

© Copyright 2020 Editora Wish. Este livro possui direitos de tradução e projeto gráfico e não pode ser distribuído ou reproduzido, ao todo ou parcialmente, sem prévia autorização por escrito da editora.



Sumário

[Prefácio da editora](#)

[Introdução](#)

[Uma missão delicada](#)

[Preparando-me para a provação](#)

[No lar temporário](#)

[O juiz Duffy e a polícia](#)

[Insanidade declarada](#)

[No Hospital Bellevue](#)

[Com o objetivo à vista](#)

[Dentro do hospício](#)

[Um especialista\(?\) trabalhando](#)

[Meu primeiro jantar](#)

[No banho](#)

[Passeando com as lunáticas](#)

[Sufocando e batendo nas pacientes](#)

[Algumas histórias tristes](#)

[Incidentes da vida no hospício](#)

[O último adeus](#)

[O Grande Júri de investigação](#)

[A corajosa vida de Nellie Bly](#)



Prefácio da editora

Antes de terminarmos a leitura deste livro, sentiremos uma de nossas mãos segurando o rosto, reclinado, enquanto pensamos: *Como foi possível, um dia, tamanha crueldade?*

A verdade é: só recentemente as pessoas atípicas estão sendo atendidas de forma humanizada. A brasileira Nise da Silveira (1905 - 1999) foi uma médica psiquiátrica que revolucionou o tratamento dos transtornos mentais em nosso país. Ela expôs as barbáries as quais as pessoas com deficiência intelectual eram submetidas no hospital psiquiátrico no qual trabalhava. O filme “Nise: O Coração da Loucura” (2005), estrelado por Glória Pires, é um retrato do desasseio, desrespeito e inflexibilidade aos quais os pacientes estavam sujeitos.

Hoje, não se utilizam mais os termos *hospício, louco, insano* ou qualquer outra palavra que difame ainda mais a já severa situação dos transtornos de humor e de personalidade. A decisão de manter os termos próximos aos descritos pela autora foi pensada com cuidado para o leitor poder compreender, de forma completa e palpável, como os atípicos eram vistos e tratados antigamente - e como isso hoje causa aversão, mais de cem anos depois.

A realidade já é triste demais, mesmo tantos anos após Sigmund Freud iniciar sua carreira de estudo e tratamento de quem antes era visto como um problema a ser trancafiado em grades distantes para seus gritos não serem ouvidos. Muitos dos transtornos são tratáveis e os recursos terapêuticos garantem uma melhora na qualidade de vida do paciente e dos familiares, mas muitas famílias não têm acesso a bons hospitais psiquiátricos, medicamentos ou terapias com profissionais especializados.

No caso de Nellie Bly, a corajosa jornalista que acompanharemos em “Dez dias em um hospício”, o problema não está apenas nos maus-tratos causados aos pacientes, mas em uma falta de conhecimento em relação aos transtornos, levando pessoas típicas (ou sem transtornos graves) a serem internadas, medicadas e maltratadas a ponto de desenvolverem fobias, manias e distúrbios, como no caso de “Bicho de Sete Cabeças”, filme nacional de 2001 estrelado por Rodrigo Santoro e baseado na autobiografia de Austregésilo Carrano Bueno, ou a história também baseada em fatos reais de “Um Estranho no Ninho”, com a atuação de Jack Nicholson, lançado em 1976.

Existe uma luta antimanicomial cujo princípio é que o ambiente pode – ao menos enquanto não é aprimorado – piorar ou gerar novos transtornos para os pacientes, causando ainda mais sofrimento. Ao mesmo tempo, após o encerramento de diversos hospitais públicos, não é incomum encontrar pessoas precisando de auxílio psiquiátrico morando nas ruas e buscando outras formas disfuncionais de aliviar sua dor, como o uso de drogas ou suicídio.

Esperamos que este livro ajude a demonstrar que violência e negligência não ajudam na melhora do quadro ou bem-estar dos pacientes, e que as famílias convivendo com atípicos precisam de auxílio constante e metódico do governo para poderem, pacientes e familiares, viver mais satisfatoriamente.

Marina Avila
Editora da Wish

Introdução

Desde que minhas experiências no Hospício da Ilha de Blackwell foram publicadas no *World*¹, tenho recebido centenas de cartas sobre o assunto. A edição contendo a minha história esgotou faz tempo, e tenho tentado fazê-la ser republicada na forma de um livro para satisfazer as centenas de pessoas que ainda pedem uma cópia.

Fico feliz em poder declarar que, como resultado da minha visita ao hospício e das revelações daí advindas, a cidade de Nova York destinou US \$ 1.000.000 a mais por ano para cuidar dos insanos. Portanto, tenho pelo menos a satisfação de saber que os pobres infelizes serão mais bem-cuidados por causa do meu trabalho.

Nellie Bly

Capítulo 1

Uma missão delicada

No dia 22 de setembro, o *World* perguntou se eu conseguiria fazer com que me internassem em um dos hospícios² de Nova York, com o objetivo de escrever uma narrativa simples e clara sobre o tratamento dado aos pacientes lá confinados, os métodos de administração etc. Eu teria a coragem de enfrentar a prova exigida por tal missão? Eu seria capaz de fingir as características da insanidade de forma a enganar os médicos e viver uma semana entre os insanos sem as autoridades do lugar descobrirem que eu era apenas uma forasteira tomando notas? Respondi acreditar que sim. Tinha certa fé na minha habilidade como atriz e pensei que poderia fingir insanidade por tempo bastante para completar qualquer missão confiada a mim. Eu conseguiria passar uma semana na ala dos insanos na Ilha de Blackwell? Respondi que sim. E consegui.

Minhas instruções eram simplesmente continuar com meu trabalho habitual até sentir que estava pronta. Também, eu deveria narrar fielmente as experiências pelas quais passaria e, uma vez dentro dos muros do hospício, descobrir e descrever seu funcionamento interno, sempre tão bem escondido do conhecimento público, tanto pelos enfermeiros vestidos de branco quanto por barras e parafusos.

— Não pedimos que você vá até lá com o objetivo de fazer revelações sensacionalistas. Descreva as coisas como as encontrar, boas ou más, elogie ou acuse como achar

melhor, e diga sempre a verdade. Mas tenho medo desse seu sorriso crônico — disse o editor.

— Não vou mais sorrir — respondi, e fui executar minha missão delicada e, como descobri mais tarde, difícil.

Se entrasse no hospício, o que mal esperava conseguir, eu não imaginaria que minhas experiências viessem a conter algo mais do que uma simples narrativa da vida naquele lugar. Não achava possível que tal instituição pudesse ser mal administrada e que crueldades existissem sob seu teto. Sempre tive o desejo de conhecer a vida no hospício com mais detalhes — um desejo de ser convencida de que as mais desamparadas criaturas de Deus, os insanos, eram tratadas com gentileza e decência. Considerava exageradas ou fictícias as muitas histórias que havia lido sobre abuso nessas instituições, mas ainda tinha o desejo latente de saber a verdade.

Eu estremecia ao pensar no quanto os insanos estavam sob o poder de seus guardiões, e como alguém poderia chorar e implorar para ser libertado, tudo em vão, se tais guardiões não quisessem fazê-lo. Ansiosa, aceitei a missão de conhecer o funcionamento interno do Hospício da Ilha de Blackwell.

— Como você vai me tirar de lá depois que eu entrar? — perguntei ao meu editor.

— Não sei — ele respondeu. — Mas vamos tirá-la mesmo que precisemos dizer quem você é, e com qual objetivo fingiu insanidade. É só entrar.

Eu não tinha muita fé na minha habilidade de enganar os especialistas em insanidade, e acho que meu editor tinha menos ainda.

Todos os preparativos para a minha provação foram deixados sob a minha responsabilidade. Apenas uma coisa foi decidida: eu prosseguiria sob o pseudônimo de Nellie Brown, cujas iniciais eram as mesmas do meu próprio nome

e estavam bordadas na minha vestimenta, de forma a não haver dificuldade em acompanhar meus movimentos e me ajudar em qualquer complicação ou perigo que eu pudesse enfrentar. Havia maneiras de entrar na ala dos insanos, mas eu não as conhecia. Poderia adotar um dos dois caminhos: fingir insanidade na casa de amigos e deixar que me internassem por decisão de dois médicos competentes, ou alcançar meu objetivo através dos tribunais policiais.³

Refletindo, pensei ser mais sensato não me impor aos meus amigos nem pedir a médicos de boa índole que me ajudassem em meu propósito. Além do mais, para chegar à Ilha de Blackwell, meus amigos teriam de fingir pobreza e, infelizmente para o que eu tinha e pretendia, meu conhecimento sobre as dificuldades dos pobres, exceto pela minha própria pobreza, era muito superficial. Por isso, decidi o plano que me levou ao cumprimento bem-sucedido da minha missão.

Conseguí entrar na ala de insanos na Ilha de Blackwell, onde passei dez dias e dez noites e tive uma experiência da qual nunca esquecerei. Assumi a tarefa de representar o papel de uma pobre e infeliz louca e senti ser meu dever não fugir de nenhum dos resultados desagradáveis que viriam. Tornei-me uma das pessoas na ala dos insanos por aquele período, tive muitas experiências, vi e ouvi muito do tratamento concedido a essa classe indefesa de nossa população, e, quando havia visto e ouvido o suficiente, minha libertação foi prontamente garantida. Saí da ala dos insanos com prazer e arrependimento — prazer por poder mais uma vez aproveitar a brisa fresca do céu. Arrependimento por não poder trazer comigo algumas das mulheres desafortunadas que viveram e sofreram comigo, e as quais, estou convencida, são tão sãs quanto eu era e sou agora.

Mas deixe-me dizer uma coisa: do momento em que entrei na ala dos insanos na Ilha, não fiz nenhuma tentativa

de continuar a cumprir o *papel* de insana. Falei e agi da mesma forma como faço no dia a dia. No entanto, é estranho dizer que, quanto mais falava e agia como sã, mais louca todos pensavam que eu era, exceto um médico, cuja bondade e modos gentis não esquecerei tão cedo.

Capítulo 2

Preparando-me para a provação

Mas de volta ao meu trabalho e missão... Depois de receber as instruções, retornei à minha pensão e, quando a noite veio, comecei a praticar o *papel* no qual eu deveria fazer minha *estreia* pela manhã. Que tarefa difícil, pensei, aparecer diante de uma multidão e convencê-la da minha insanidade. Eu nunca tinha estado perto de pessoas insanas na minha vida e não tinha a mínima ideia de quais seriam suas ações. E teria de ser examinada por vários médicos que se especializaram em insanidade e diariamente têm contato com os insanos! Como eu poderia esperar passar por esses médicos e convencê-los de que estava louca? Eu temia não conseguir enganá-los. Comecei a pensar que a minha tarefa seria em vão, mas precisava cumpri-la.

Fui até o espelho e examinei meu rosto. Lembrei-me de tudo o que havia lido sobre o comportamento dos loucos e como, acima de tudo, devem ter um olhar fixo, abri os olhos o máximo possível e encarei meu reflexo sem piscar. Asseguro que a visão não era tranquilizadora, mesmo para mim, especialmente tão tarde da noite. Tentei aumentar a luz na esperança de que isso aumentasse minha coragem. Consegui apenas parcialmente, mas me consolava com a ideia de que em mais algumas noites eu não estaria lá, e sim trancada em uma cela com muitos lunáticos⁴.

Não estava frio, mas, mesmo assim, quando pensei no que estava por vir, arrepios gelados percorreram minhas costas no mesmo ritmo da transpiração desmanchando

lentamente os cachos da minha franja. Enquanto ensaiava diante do espelho e imaginava meu futuro como lunática, li trechos de histórias de fantasmas improváveis e impossíveis, de modo que, quando o amanhecer começou a afugentar a noite, senti estar com o humor certo para minha missão, porém ainda com fome o bastante para sentir que queria o café da manhã. Lenta e tristemente, tomei meu banho matinal e me despedi em silêncio de alguns dos artigos mais preciosos conhecidos pela civilização moderna. Com ternura, deixei minha escova de dentes de lado e, quando me ensaboava uma última vez, murmurei:

— Pode ser por alguns dias, e pode ser por... mais tempo.

Depois vesti as roupas velhas escolhidas para a ocasião. Estava com vontade de olhar tudo com muita seriedade. É melhor dar um último “olhar carinhoso”, pensei, porque a tensão de fingir ser louca e ficar trancada com uma multidão de loucos poderia afetar meu próprio cérebro, e eu nunca me recuperaria. Mas nem uma vez pensei em fugir da minha missão. Calmamente, pelo menos por fora, saí para a minha louca empreitada.

Primeiro achei melhor ir para uma pensão e, depois de garantir a hospedagem, informar em confidência à proprietária ou proprietário, quem quer que fosse, sobre estar procurando trabalho e, alguns dias depois, aparentemente ficar louca. Quando reconsidereei a ideia, temi que demorasse muito tempo para acontecer. De repente, pensei em como seria mais fácil ir a uma pensão para mulheres trabalhadoras. Sabia que, se fizesse uma casa cheia de mulheres me achar louca, elas não descansariam até eu estar fora de seu alcance e num lugar seguro.

Em uma lista telefônica, selecionei o Lar Temporário para Mulheres, no número 84 da Second Avenue. Enquanto caminhava pela avenida, decidi que, uma vez dentro do Lar,

eu deveria fazer o melhor possível para começar minha jornada rumo ao Hospício da Ilha de Blackwell.

Capítulo 3

No lar temporário

Fui então começar minha carreira como Nellie Brown, a insana. Enquanto percorria a avenida, tentei assumir a postura que as donzelas têm em pinturas intituladas “Sonhando”. Expressões “distantes” têm um ar de loucura. Passei pelo quintalzinho pavimentado até a entrada do Lar. Toquei a campainha, que soou tão alto quanto um carrilhão de igreja, e aguardei com nervosismo a abertura da porta do Lar, que eu pretendia que não demorasse muito a me deixar sob a responsabilidade da polícia. A porta se abriu com força, e uma garota baixa de cabelos louros, por volta de uns treze anos, apareceu a minha frente.

— A proprietária está? — perguntei suavemente.

— Sim, mas está ocupada. Vá até a sala dos fundos — respondeu a garota, numa voz alta, sem nenhuma mudança em seu rosto peculiarmente maduro.

Segui essas instruções não muito gentis e educadas e me encontrei numa sala escura e desconfortável. Lá aguardei pela chegada da minha anfitriã. Estava sentada há pelo menos vinte minutos quando uma mulher magra de vestido simples e escuro entrou, parando diante de mim e inquirindo:

— Sim?

— A senhora é a proprietária? — perguntei.

— Não — ela respondeu — A proprietária está doente, sou a assistente dela. O que você quer?

— Quero ficar aqui por alguns dias, se a senhora puder me hospedar.

— Bem, não há quartos individuais, estamos lotadas. Mas se quiser ocupar um quarto com outra garota, posso fazer isso por você.

— Para mim está ótimo — respondi. — Quanto vocês cobram? — Eu havia levado apenas cerca de setenta centavos comigo, sabendo bem que, tão logo meu dinheiro acabasse, seria posta para fora, e ser posta para fora era o que eu queria.

— Cobramos trinta centavos por noite — foi a resposta dela, e com isso paguei por uma noite de hospedagem e ela saiu com a desculpa de ter outra coisa para fazer. Deixada só para me distrair tão bem quanto pudesse, comecei a explorar o ambiente.

Não era agradável, para dizer o mínimo. Um guarda-roupa, uma mesa, uma estante, um órgão e várias cadeiras completavam a mobília do quarto, no qual pouca luz do sol entrava.

Quando havia me familiarizado com o ambiente, um sino, competindo com o barulho alto da campainha, começou a ressoar no porão, e simultaneamente mulheres foram marchando escada abaixo, saídas de todas as partes da casa. Imaginei, pelos óbvios sinais, que o jantar estava servido, mas, como ninguém havia me dito nada, não fiz nenhum esforço para seguir o comboio faminto. Ainda assim, quis que alguém tivesse me convidado a descer. Saber que as pessoas estão comendo, e nós não fomos convidados, mesmo estando sem fome, sempre produz um sentimento de solidão e saudade de casa.

Fiquei feliz quando a assistente da proprietária subiu e me perguntou se eu não queria algo para comer. Respondi que sim e perguntei seu nome. Sra. Stanard, ela disse, e imediatamente anotei no bloco de notas trazido comigo

para registrar lembranças, e no qual havia escrito várias páginas de absurdo total para os cientistas curiosos.

Assim equipada, esperei novidades. Mas o jantar... Bem, segui a sra. Stanard pela escada sem carpete, até o porão, onde um grupo grande de mulheres comia. Ela encontrou espaço para mim numa mesa com outras três. A garota de cabelos curtos que havia aberto a porta estava agora como copeira. Colocando as mãos nos quadris e me encarando um tanto embaraçada, ela disse:

— Carneiro cozido, bife cozido, feijão, batatas, café ou chá?

— Bife, batatas, café e pão — respondi.

— O pão já vem — ela explicou, e foi para a cozinha, a qual ficava nos fundos. Pouco tempo depois, voltou com o que eu havia pedido em uma bandeja larga e maltratada, que largou diante de mim. Comecei minha refeição simples. Não era muito atraente, então, enquanto fingia comer, observei as demais.

Muitas vezes refleti sobre a forma repulsiva que a caridade sempre assume! Ali havia um lar para mulheres dignas e, no entanto, que zombaria o nome era. O chão estava nu, e as mesinhas de madeira ignoravam os embelezadores modernos, como verniz, polimento e toalhas de mesa. É inútil falar sobre o tecido barato e seu efeito na civilização. No entanto, espera-se que essas trabalhadoras honestas, as mulheres mais merecedoras, chamem esse lugar vazio de lar.

Quando terminava a refeição, cada mulher ia até a mesa dos fundos, onde a sra. Stanard recebia o pagamento. Aquele exemplar da humanidade que era a copeira me deu uma conta vermelha, muito usada e abusada. Meus gastos foram por volta de trinta centavos.

Depois do jantar, subi as escadas e voltei ao meu lugar na sala escura. Estava incomodada e com frio, e havia

decidido: não aguentaria aquela situação por muito tempo, então, quanto mais cedo assumisse meu papel de insana, mais cedo seria libertada dessa ociosidade forçada. Ah! Aquele foi de fato o dia mais longo que já vivi. Apaticamente, observei as mulheres no salão da frente, onde todas se sentaram, exceto eu.

Uma nada fazia além de ler e coçar a cabeça e ocasionalmente chamar por “Georgie” sem levantar os olhos do livro. “Georgie” era seu garotinho muito brincalhão, e mais barulhento do que qualquer criança que eu já tinha visto. Ele fazia todo tipo de coisa rude e malcriada, pensei, e a mãe não dizia nada, exceto se ouvisse outra pessoa gritar com ele. Outra mulher estava sempre adormecendo e acordando com o próprio ronco. Senti-me perversamente agradecida porque ela só acordava a si mesma. A maioria das mulheres nada fazia, mas havia algumas fazendo renda e crochê sem parar. A enorme campainha nunca parava, assim como a garota de cabelos curtos. Ela, aliás, era uma dessas jovens que cantam trechos de todas as canções e hinos compostos nos últimos cinquenta anos. Existe tormento nos dias de hoje. O toque da campainha trouxe mais pessoas querendo abrigo durante a noite. Exceto por uma mulher, que era do interior e tinha vindo à cidade fazer compras, todas eram trabalhadoras, algumas com filhos.

Conforme a noite se aproximava, a sra. Stanard veio até mim e disse:

— O que tem de errado com você? Está triste ou encrencada?

— Não — respondi, quase atordoada pela sugestão. — Por quê?

— Ah, porque dá para ver pela sua cara. Conta a história de um grande problema.

— Sim, tudo é tão triste — falei, de um modo casual com o qual pretendia refletir minha loucura.

— Mas você não deve deixar que isso a preocupe. Todos temos nossos problemas, mas os superamos com o tempo. Que tipo de trabalho está procurando?

— Não sei, é tudo tão triste — respondi.

— Gostaria de ser babá e usar um belo avental branco com touca? — ela perguntou.

Coloquei meu lenço sobre o rosto para esconder um sorriso e respondi, num tom abafado:

— Eu nunca trabalhei. Não sei como trabalhar.

— Mas precisa aprender — ela disse. — Todas as mulheres aqui trabalham.

— Elas trabalham? — falei, num sussurro baixo. — Elas me parecem horríveis, como se fossem loucas. Tenho tanto medo delas.

— Elas não parecem muito gentis — ela respondeu, assentindo — Mas são trabalhadoras boas e honestas. Não temos gente louca aqui.

Novamente, usei meu lenço para esconder um sorriso, pois pensei que, antes que amanhecesse, ela pensaria ter ao menos uma louca em seu rebanho.

— Todas elas parecem loucas — repeti — e tenho medo delas. Há tanta gente louca por aí, e ninguém sabe o que elas podem fazer. Há tantos assassinatos, e a polícia nunca pega os assassinos — e completei a frase com um soluço que teria comovido uma audiência de críticos blasé.

Ela deu um pulo súbito e convulsivo, e eu soube que a minha primeira tentativa havia funcionado. Foi divertido ver a velocidade com que ela se levantou da cadeira e sussurrou apressadamente:

— Daqui a pouco volto para falar com você.

Eu sabia que não voltaria.

Quando o sino da ceia soou, segui as outras até o porão e participei da refeição da noite, a qual era semelhante ao

jantar, mas com preço mais baixo e com mais pessoas, pois as mulheres que trabalhavam fora durante o dia haviam retornado. Depois da refeição, todas fomos para as salas, onde nos sentamos, ou ficamos de pé, pois não havia cadeiras suficientes.

Foi uma noite infeliz e solitária, e a luz triste saindo do queimador de gás na sala e da lâmpada a óleo no corredor ajudava a nos envolver numa tonalidade escura e a inundar nossos espíritos de uma melancolia profunda. Senti que não seria necessário muito tempo imersa naquela atmosfera para me transformar no espécime perfeito para o papel que pretendia assumir.

Observei duas mulheres, parecendo as mais sociáveis da multidão, e as escolhi como as que trabalhariam na minha salvação, ou, melhor dizendo, minha condenação. Pedindo licença e dizendo me sentir solitária, perguntei se podia me juntar a elas. Consentiram graciosamente, então, usando meu chapéu e luvas, que ninguém me pedira para tirar, sentei-me e escutei uma conversa bastante cansativa, da qual não participei, apenas mantive meu olhar triste, respondendo “sim” ou “não” ou “não sei dizer” aos comentários delas. Por várias vezes, eu disse a elas que achava que todas na casa pareciam loucas, mas foram lentas em entender minha observação muito original. Uma disse que seu nome era sra. King e que era do sul. Então disse que eu tinha um sotaque sulista. Perguntou-me sem rodeios se eu realmente não vinha do sul. Respondi: “Não, não vim”. A outra mulher começou a falar sobre os barcos de Boston e me perguntou se eu sabia a que horas eles saíam.

Por um instante, me esqueci do meu *papel* de insanidade e informei a hora correta. Ela então perguntou qual trabalho eu faria, e se já havia trabalhado. Respondi que achava muito triste haver tantas pessoas trabalhando no mundo. Ela disse não ter sorte, e que havia ido até Nova

York, onde trabalhara corrigindo provas de um dicionário médico por um tempo, mas que sua saúde havia decaído, e agora ia trabalhar em Boston novamente.

Quando a criada veio nos dizer para ir para a cama, reforcei estar assustada e afirmei novamente que todas as mulheres da casa pareciam loucas. Ela insistiu que eu fosse para a cama. Perguntei se não poderia me sentar na escada, mas ela respondeu, decididamente:

— Não, pois todas na casa pensariam que você está louca.

Finalmente permiti que me levassem para um quarto.

Agora devo apresentar uma nova personagem pelo nome em minha narrativa. É a mulher que tinha sido revisora e estava para retornar a Boston. Seu nome era sra. Caine, uma mulher corajosa e de bom coração. Ela veio até o meu quarto, sentou-se e conversou comigo por um longo tempo, penteando meu cabelo gentilmente. Tentou me persuadir a despir-me e ir para a cama, mas teimosamente me recusei. Durante esse tempo, algumas mulheres se juntaram ao nosso redor. Elas se expressavam de várias maneiras:

— Pobre maluca — diziam.

— Ora, ela é que é louca!

— Tenho medo de ficar com essa criatura tão louca na casa.

— Ela vai nos matar antes do amanhecer.

Uma mulher estava prestes a trazer um policial para me levar embora de uma vez. Todas estavam num estado de medo terrível e real.

Ninguém queria se responsabilizar por mim, e a mulher que deveria ocupar o quarto comigo disse que não ficaria com “aquela louca” nem por todo o dinheiro dos Vanderbilts⁵. Foi então que a sra. Caine disse que ficaria

comigo. Eu disse a ela que gostaria de sua companhia. Ela foi deixada sozinha comigo. Não se despiu, mas deitou-se na cama, observando meus movimentos. Tentou me induzir a deitar, mas tive medo de o fazer. Sabia que, se não resistisse, logo estaria dormindo e sonhando tão prazerosa e profundamente quanto uma criança. Eu sabia, para usar uma expressão idiomática, que deveria ser capaz de “me dedurar”. Havia decidido que ficaria acordada a noite inteira. Então insisti em me sentar na beirada da cama e olhar inexpressivamente para o nada. Minha pobre companhia entrou num estado lastimável de infelicidade. A todo momento, ela se levantava para me olhar. Disse-me que meus olhos brilhavam intensamente e começou a fazer perguntas, querendo saber onde eu havia morado, havia quanto tempo estava em Nova York, o que estivera fazendo, e muitas outras questões. Para todas as suas perguntas, dei apenas uma resposta — que havia me esquecido de tudo, que desde minha dor de cabeça ter começado, eu não conseguia me lembrar de nada.

Pobrezinha! Com quanta crueldade a torturei, e que coração bondoso ela tinha! Mas como torturei todas elas! Uma sonhou comigo — um pesadelo. Depois de passar mais ou menos uma hora no quarto, assustei-me ao ouvir uma mulher gritar no quarto ao lado. Comecei a imaginar que estava mesmo num hospício.

A sra. Caine acordou, olhou ao redor, assustada, e escutou. Então saiu para o quarto ao lado, e a ouvi fazer perguntas a outra mulher. Quando voltou, disse-me que a mulher tivera um pesadelo medonho. Estivera sonhando comigo. Havia me visto, ela contou, correndo até ela com uma faca na mão, com a intenção de matá-la. Ao tentar escapar, ela conseguira gritar, conseqüentemente acordando e escapando do pesadelo. Então a sra. Caine voltou para a cama, consideravelmente agitada, mas com muito sono.

Eu também estava cansada, mas havia me preparado para o trabalho e estava determinada a me manter acordada a noite inteira a fim de levar minha representação a um final bem-sucedido pela manhã. Ouvi a meia-noite chegar. Ainda tinha que esperar seis horas até o amanhecer. O tempo passava excruciantemente devagar. Os minutos pareciam horas. Os barulhos na casa e na rua cessaram.

Temendo que o sono me envolvesse, comecei a relembrar a minha vida. Tudo era tão estranho! Um incidente, por insignificante que seja, é mais um elo para nos ligar ao nosso inevitável destino. Comecei pelo início e vivi novamente a história da minha vida. Velhos amigos foram lembrados com muito prazer; velhas inimizades, velhas mágoas, velhas alegrias reapareceram. Os momentos difíceis da minha vida ressurgiram, e o passado se tornou presente.

Quando terminei, voltei meus pensamentos bravamente na direção do futuro, pensando, a princípio, no que o novo dia traria, depois fazendo planos para continuar a minha missão. Perguntei-me se seria capaz de atravessar o rio até o objetivo da minha estranha ambição, de me tornar, por fim, uma reclusa nos saguões habitados por minhas irmãs mentalmente destruídas. E então, lá dentro, qual seria a minha experiência? E depois? Como eu sairia? Ah, eles me tirariam de lá.

Aquela foi a noite mais importante da minha existência. Por algumas horas, fiquei frente a frente comigo mesma!

Olhei pela janela e saudei com alegria o breve cintilar do amanhecer. A luz ficou mais forte e acinzentada, mas o silêncio continuava. Minha companhia dormia. Eu ainda precisava superar mais uma hora. Felizmente encontrei emprego para a minha atividade mental. Em seu cativeiro, Robert Bruce⁶ havia ganhado confiança no futuro, e passado o tempo tão agradavelmente quanto possível diante das circunstâncias, ao observar uma aranha construir sua teia.

As criaturas à minha disposição não eram tão nobres. No entanto, acreditei ter feito algumas valiosas descobertas na história natural. Eu estava prestes a adormecer, apesar de tudo, quando de repente me assustei a ponto de acordar completamente. Pensei ter ouvido algo rastejar e cair sobre a coberta com um baque quase inaudível.

Tive a oportunidade de estudar esses animais interessantes muito detalhadamente. Era óbvio que tinham vindo tomar o café da manhã, e ficaram bem desapontados ao descobrir que o prato principal não estava lá. Eles correram para cima e para baixo no travesseiro, juntaram-se, pareceram ter conversas interessantes e agiram como se estivessem intrigados com a ausência de um café da manhã apetitoso. Depois de uma longa consulta, eles finalmente desapareceram, procurando vítimas em outros lugares e deixando-me passar os longos minutos dando minha atenção às baratas, cujo tamanho e agilidade foram uma surpresa para mim.

Minha companhia estivera adormecida por um longo tempo, mas agora acordava e expressava surpresa ao me ver ainda desperta e aparentemente tão animada quanto um grilo. Ela foi compreensiva, como sempre. Veio até mim, pegou minhas mãos e tentou me consolar, perguntando se eu não gostaria de ir para casa. Ela me manteve no andar de cima até quase todas as pessoas estarem fora da casa e então me levou até o porão para tomar café e comer pão. Depois disso, em silêncio, voltei ao meu quarto e me sentei, deprimida. A sra. Caine ficou cada vez mais ansiosa.

— O que fazer? — ela exclamava. — Onde estão seus amigos?

— Não — respondi. — Não tenho amigos, mas tenho algumas malas. Onde estão? Eu as quero.

A boa mulher tentou me acalmar, dizendo que elas logo seriam encontradas. Ela acreditava que eu enlouquecera.

Mesmo assim, eu a perdoo. Somente depois que se está com problemas é que se percebe quão pouca simpatia e bondade existem no mundo. As mulheres do Lar que não tinham medo de mim queriam divertir-se às minhas custas, e assim me incomodaram com perguntas e comentários que, se eu estivesse mesmo louca, teriam sido cruéis e desumanos. Somente essa mulher no meio da multidão, a bonita e delicada sra. Caine, exibia um verdadeiro sentimento feminino. Ela obrigou as outras a pararem de me provocar e ficou com a cama da mulher que se recusava a dormir perto de mim. Ela protestou contra a sugestão de me deixar sozinha e me trancar durante a noite para que eu não pudesse prejudicar ninguém. Insistiu em permanecer comigo para oferecer ajuda, caso eu precisasse. Penteou meu cabelo, banhou minha tez e falou comigo de modo tão reconfortante quanto uma mãe falaria com uma criança doente. Tentou de todas as maneiras me fazer ir para a cama e descansar, e, quando chegou a manhã, levantou-se e me envolveu num cobertor, com medo de que eu pegasse um resfriado; então, me beijou na testa e sussurrou, com compaixão:

— Pobre criança, pobre criança!

Quanto admirei a coragem e a gentileza daquela pequena mulher! Como desejei tranquilizá-la e sussurrar que eu não era louca, e como esperava que, se alguma pobre garota tivesse a infelicidade de ser o que eu estava fingindo ser, pudesse encontrar alguém com o mesmo espírito de bondade humana da sra. Ruth Caine.

Capítulo 4

O juiz Duffy e a polícia

Mas voltemos à minha história. Mantive meu *papel* até que a assistente da proprietária, a sra. Stanard, entrou. Ela tentou me persuadir a ficar calma. Comecei a ver claramente que ela queria me colocar para fora do Lar custasse o que custasse, de preferência em silêncio. Isso, eu não queria. Recusei-me a me mover, mas continuei repetindo que perdera as minhas malas. Finalmente alguém sugeriu chamar um policial. Depois de um tempo, a sra. Stanard colocou seu chapéu e saiu. Então eu soube estar fazendo progresso rumo ao hospício. Logo ela retornou, trazendo consigo dois policiais — homens grandes e fortes — que entraram no quarto sem nenhuma cerimônia, esperando, com certeza, encontrar uma pessoa violentamente louca. O nome de um deles era Tom Bockert.

Quando entraram, fingi não vê-los.

— Quero que vocês a levem em silêncio — disse a sra. Stanard.

— Se ela não fizer silêncio — respondeu um dos homens —, vou arrastá-la pelas ruas.

Continuei fingindo não os notar, mas certamente queria evitar fazer um escândalo lá fora. Felizmente, a sra. Caine veio me resgatar. Ela contou aos policiais sobre minhas queixas a respeito das minhas malas, e juntos planejaram uma maneira de me levar em silêncio, ao me dizer que iriam comigo procurar por meus pertences. Perguntaram-me se eu iria. Respondi ter medo de ir sozinha. A sra. Stanard

então disse que me acompanharia e conseguiu que os policiais nos seguissem a uma distância respeitável.

Ela ajeitou meu véu, saímos do Lar pelo porão e começamos a atravessar a cidade, os dois policiais seguindo-nos a alguma distância. Caminhamos em silêncio e finalmente chegamos à delegacia, a qual a boa mulher me garantiu ser o escritório de remessas e ali certamente deveríamos encontrar o que eu procurava. Entrei com medo e tremendo, por uma boa razão.

Alguns dias antes, eu havia encontrado o capitão McCullagh numa reunião em Cooper Union. Havia lhe pedido informações, as quais ele me dera. Se estivesse lá, não poderia me reconhecer? Então tudo estaria perdido. Puxei meu chapéu o máximo possível para cobrir o rosto e me preparei para a provação.

Lá estava o robusto capitão McCullagh de pé, perto da mesa. Ele me observou com atenção enquanto o policial à mesa conversava em tom baixo com a sra. Stanard e com o policial que me trouxera.

— Você é Nellie Brown? — perguntou o policial. Respondi achar que sim. — De onde você vem? — ele perguntou. Respondi que não sabia, e a sra. Stanard lhe deu muitas informações sobre mim; contou quão estranhamente eu agira no Lar, que não havia dormido à noite e na opinião dela eu era uma pobre desafortunada que enlouquecera por receber um tratamento desumano. Houve uma discussão entre a sra. Stanard e os dois policiais, e Tom Bockert recebeu a ordem de nos levar ao tribunal em um carro.

— Venha — disse Bockert. — Encontrarei as suas malas.

Fomos juntos, a sra. Stanard, Tom Bockert e eu. Comentei ser muito gentil da parte deles me acompanhar, e que não os esqueceria. Conforme andávamos, continuei falando sobre as minhas malas, fazendo algum comentário

ocasional sobre a sujeira das ruas e o caráter curioso das pessoas encontradas no caminho.

— Acho que nunca vi pessoas como essas. Quem são elas? — perguntei, e meus companheiros olharam para mim com expressões de pena, evidentemente pensando que eu era estrangeira, imigrante, ou algo assim.

Disseram-me que aqueles eram trabalhadores. Afirmei mais uma vez que pensava haver trabalhadores demais no mundo para a quantidade de trabalho a ser feito, e foi então que o policial P. T. Bockert me olhou com atenção, achando que a minha sanidade se fora de vez. Passamos por vários outros policiais, em geral perguntando aos meus resolutos guardiões o que havia de errado comigo. Nessa hora, algumas crianças maltrapilhas também nos seguiam, fazendo comentários, na minha opinião, tão originais quanto divertidos.

— O que ela fez?

— Fala, polícia, onde pegou ela?

— De onde você tirou ela?

— Ela é bonita!

A pobre sra. Stanard estava mais assustada que eu. A situação foi ficando interessante, mas eu ainda temia pelo meu destino diante do juiz.

Enfim chegamos a um prédio baixo, e Tom Bockert gentilmente nos deu a informação:

— Aqui é o escritório de remessas. Logo encontraremos suas malas.

A entrada do prédio estava cercada por uma multidão curiosa, e pensei que meu caso ainda não era ruim o suficiente para eu passar por ela sem fazer um comentário, então perguntei se todas aquelas pessoas haviam perdido suas malas.

— Sim — ele disse —, quase todas essas pessoas estão procurando por malas.

— Elas também parecem estrangeiras — respondi.

— Sim — disse Tom —, são estrangeiras que acabaram de chegar. Todas perderam suas malas, e nos custa muito tempo ajudá-las a encontrá-las.

Entramos na sala de audiências da polícia de Essex Market. Enfim a dúvida sobre a minha sanidade ou insanidade seria resolvida. O juiz Duffy estava sentado atrás da mesa alta, com um olhar que parecia indicar que estava distribuindo, em atacado, a essência da bondade humana. Eu temia que não tivesse o destino que procurava, por causa da bondade vista em cada linha do rosto dele, e foi com tristeza no coração que segui a sra. Stanard enquanto ela respondia à convocação para ir até a mesa, onde Tom Bockert acabara de relatar o caso.

— Venha até aqui — disse o policial. — Qual é o seu nome?

— Nellie Brown — respondi, com um sotaque. — Perdi minhas malas e gostaria que o senhor as encontrasse.

— Quando chegou a Nova York?

— Eu não cheguei a Nova York — respondi, enquanto completava, mentalmente: *Porque estou aqui já há algum tempo.*

— Mas você está em Nova York agora.

— Não — insisti, parecendo tão incrédula quanto pensei que uma louca pareceria. — Eu não fui a Nova York.

— Essa garota é do oeste — ele disse, num tom que me fez tremer. — Ela tem um sotaque de lá.

Alguém que estivera ouvindo nosso breve diálogo afirmou ter vivido no sul e que meu sotaque era sulista, enquanto outro policial estava certo de ser do leste. Fiquei

muito aliviada quando o porta-voz se virou para o juiz e disse:

— Juiz, temos aqui um caso peculiar de uma jovem que não sabe quem é, nem de onde veio. É melhor resolver isso logo.

Comecei a tremer com algo mais do que o frio e olhei a multidão estranha à minha volta, composta por homens e mulheres malvestidos, com histórias de vidas difíceis, abuso e pobreza impressos no rosto. Alguns conversavam ansiosamente com os amigos, enquanto outros ficavam parados com um olhar de desesperança total. Em todos os lugares havia um punhado de policiais bem-vestidos e bem-alimentados assistindo à cena de forma passiva e quase indiferente. Era algo rotineiro para eles. Mais um infeliz adicionado a uma longa lista que há muito deixara de ser seu interesse ou preocupação.

— Venha aqui, moça, e levante o seu véu — chamou o juiz Duffy, com um tom de voz que me surpreendeu, pois tinha uma severidade não esperada daquele seu rosto gentil.

— Com quem o senhor está falando? — inquiri, da maneira mais imponente.

— Venha aqui, minha querida, e levante o seu véu. Se a Rainha da Inglaterra estivesse aqui, ela teria que levantar o véu — ele disse, muito gentilmente.

— Assim é bem melhor. Não sou a Rainha da Inglaterra, mas levantarei meu véu.

Enquanto eu o fazia, o juizinho olhava para mim, e então, num tom muito doce e gentil, disse:

— Minha querida criança, o que há de errado?

— Nada errado, só que perdi minhas malas, e este homem... — indiquei o policial Bockert — Prometeu me levar aonde eu as pudesse achar.

— O que a senhora sabe sobre essa criança? — perguntou o juiz, severamente, para a sra. Stanard, a qual estava de pé ao meu lado, pálida e trêmula.

— Não sei nada sobre ela, só que foi para o Lar ontem e pediu para passar a noite.

— O Lar! O que quer dizer com isso? — perguntou o juiz Duffy, rapidamente.

— É um lar temporário para trabalhadoras no número 84 da Second Avenue.

— Qual é o seu trabalho lá?

— Sou assistente da proprietária.

— Bem, conte o que sabe sobre o caso.

— Quando estava indo para o Lar ontem, eu a vi descendo a avenida. Ela estava sozinha. Eu havia acabado de entrar no Lar quando a campainha tocou e ela entrou. Quando falei com a moça, ela quis saber se poderia passar a noite, e eu disse que sim. Após um tempo, ela disse que todas as pessoas na casa pareciam loucas e que tinha medo delas. Depois, não quis ir para a cama e ficou acordada a noite inteira.

— Ela tinha dinheiro?

— Sim — respondi por ela. — Eu lhe paguei por tudo, e a comida foi a pior que já provei.

Houve um sorriso geral e alguns murmúrios de “ela tem razão sobre a comida”.

— Pobre criança — disse o juiz Duffy —, ela está bem vestida e é muito educada. Seu inglês é perfeito e eu apostaria que é uma boa garota. Tenho certeza de que é querida por alguém.

Todos riram, e coloquei meu lenço no rosto e me esforcei para sufocar as risadas que ameaçavam estragar meus planos, apesar das minhas resoluções.

— Quero dizer que é querida por alguém — o juiz emendou apressadamente. — Tenho certeza de que alguém procura por ela. Pobre menina, serei bom com ela, pois se parece com a minha irmã, que é falecida.

Houve quietude por um momento após esse anúncio, e os policiais me olharam com mais gentileza, enquanto eu abençoava silenciosamente o juiz de bom coração e esperava que quaisquer pobres criaturas que pudessem ser afligidas como eu fingia ser encontrassem um gentil homem como o juiz Duffy em seu caminho.

— Gostaria que os repórteres estivessem aqui — ele disse por fim. — Seriam capazes de descobrir algo sobre ela.

Fiquei muito assustada, pois se alguém pode descobrir um mistério, é um repórter. Eu achava que preferiria enfrentar uma multidão de médicos, policiais e detetives especializados a dois espécimes brilhantes do meu ofício, então disse:

— Não vejo por que tudo isso é necessário para me ajudar a achar minhas malas. Esses homens são indecentes, e não os quero que me encarando. Vou embora. Não quero ficar aqui.

Assim dizendo, baixei o meu véu e desejei secretamente que os repórteres estivessem ocupados em outro lugar até eu ser enviada ao hospício.

— Não sei o que fazer com a pobre criança — disse o preocupado juiz. — Precisa que alguém tome conta dela.

— Mande-a para a Ilha — sugeriu um dos policiais.

— Ah, não! — disse a sra. Stanard, evidentemente alarmada. — Não! Ela é uma dama, e colocá-la na Ilha seria o mesmo que matá-la.

Pela primeira vez, senti vontade de chacoalhar aquela boa mulher. A Ilha era justamente o local que eu pretendia alcançar e ela estava tentando me impedir de ir para lá! Era

muito gentil, mas bastante inconveniente dadas as circunstâncias.

— Algo de suspeito aconteceu aqui — disse o juiz. — Acredito que essa criança tenha sido drogada e trazida para esta cidade. Providenciem os documentos e nós a mandaremos a Bellevue para ser examinada. Provavelmente o efeito da droga passará em alguns dias, e ela poderá nos contar uma história surpreendente. Ah, se ao menos os repórteres viessem!

Eu os temia, então disse algo sobre não querer ficar mais ali com todos me olhando. O juiz Duffy mandou o policial Bockert me levar ao escritório dos fundos. Depois que nos sentamos, o juiz Duffy entrou e me perguntou se eu morava em Cuba.

— Sim — respondi com um sorriso. — Como o senhor descobriu?

— Ah, eu sabia, minha querida. Agora, me diga: onde? Qual parte de Cuba?

— Na *hacienda* — respondi.

— Ah — disse o juiz —, uma fazenda. Você se lembra de Havana?

— *Si, señor*. É perto de casa. Como sabia?

— Ah, eu sabia de tudo. Agora, por que não me diz o nome da sua cidade? — ele perguntou persuasivamente.

— Não consigo me lembrar — respondi, triste. — Tenho uma dor de cabeça recorrente que me faz esquecer as coisas. Não quero ser incomodada. Todos estão me fazendo perguntas, e isso faz minha cabeça piorar. — E, de fato, fazia.

— Bem, ninguém vai incomodá-la mais. Sente-se e descanse um pouco. — E o genial juiz me deixou sozinha com a sra. Stanard.

Foi quando um policial chegou com um repórter. Eu estava muito assustada, pensei que seria reconhecida como jornalista, então virei a cabeça e disse:

— Não quero ver nenhum repórter, não verei nenhum. O juiz disse que eu não devo ser incomodada.

— Bem, não há nenhuma insanidade nisso — disse o homem que trouxera o repórter, e juntos deixaram a sala.

Novamente, tive medo. Havia ido longe demais em não querer ver um repórter, e minha sanidade fora detectada? Se eu tivesse dado a impressão de ser sã, estava determinada a desfazê-la, então me levantei e corri para lá e para cá pelo escritório, com a apavorada sra. Stanard agarrada ao meu braço.

— Não vou ficar aqui, quero minhas malas! Por que me incomodam com tanta gente?

E assim continuei até que o médico chegou, acompanhado pelo juiz.

Capítulo 5

Insanidade declarada

— **A**qui temos uma pobre garota que foi drogada — explicou o juiz. — Ela se parece com a minha irmã, e todos podem ver que é uma boa garota. Estou interessado na criança, e quero tratar dela como se fosse minha. Quero que seja gentil com ela — ele disse para o médico.

Então, virando-se para a sra. Stanard, perguntou se ela não poderia me hospedar por uns dias até meu caso ser investigado. Felizmente, ela disse não, porque todas as mulheres do Lar tinham medo de mim e iriam embora se eu por lá ficasse. Temi que ela aceitasse caso o pagamento lhe fosse garantido, então disse algo sobre a comida ruim e que não tinha intenção de retornar ao Lar.

Logo em seguida, veio o exame. O doutor parecia inteligente, e eu não tinha a esperança de enganá-lo, mas estava determinada a manter a farsa.

— Ponha a língua para fora — ele ordenou, rapidamente.

Eu sorri por dentro.

— Ponha a língua para fora quando eu mandar — disse ele.

— Eu não quero — respondi, sincera o bastante.

— Você deve. Está doente, e o médico sou eu.

— Não estou doente e nunca estive. Só quero minhas malas.

Mas coloquei a língua para fora, e ele a olhou de maneira sagaz. Depois, senti meu pulso e escutou as batidas do meu coração. Eu não tinha a menor ideia de como o coração de uma pessoa louca batia, então segurei a respiração enquanto ele escutava. Em seguida, ele tentou ver o efeito da luz nas minhas pupilas. Erguendo a mão um centímetro diante do meu rosto, ele me disse para olhá-la, então, afastando-a rapidamente, examinou meus olhos. Fiquei intrigada ao saber como a insanidade podia ser vista nos olhos e pensei que a melhor coisa a fazer diante das circunstâncias era fitar. Foi o que fiz. Mantive os olhos fixos em sua mão, sem piscar, e, quando ele a removeu, usei toda a minha força para evitar piscar.

— Que drogas você tomou? — ele me perguntou.

— Drogas! — repeti, pensando. — Não sei o que são drogas.

— As pupilas dos olhos dela estão dilatadas desde que ela chegou ao Lar. Não mudaram nem uma vez — explicou a sra. Stanard.

Fiquei imaginando como ela sabia se haviam mudado ou não, mas fiquei quieta.

— Acredito que ela esteve usando beladona⁷ — disse o médico, e pela primeira vez fui grata por ser um pouco míope, o que era o motivo da dilatação das pupilas.

Achei que não faria mal ser sincera, já que não prejudicaria meus planos, e contei que era míope, não estava nem um pouco doente, nunca tinha estado e ninguém tinha o direito de me deter quando eu queria encontrar minhas malas. Eu queria ir para casa. Ele escreveu muitas coisas em um livro longo e fino e depois disse que me levaria para casa. O juiz disse a ele para me levar e ser gentil comigo, e dizer às pessoas do hospital para serem gentis comigo e fizessem tudo o que pudessem

por mim. Se tivéssemos mais homens como o juiz Duffy, os pobres infelizes não passariam a vida toda na escuridão.

Agora eu começava a ter mais confiança em minhas próprias habilidades, já que um juiz, um médico e várias pessoas me declararam louca, e baixei meu véu com muito prazer quando me disseram que eu seria levada de carruagem, e que depois poderia ir para casa.

— Estou tão feliz por ir com os senhores — eu disse, e fui sincera. Fiquei muito feliz mesmo.

Mais uma vez, vigiada pelo policial Bockert, caminhei pelo pequeno e lotado tribunal. Senti-me bastante orgulhosa de mim mesma quando saí pela porta lateral para um beco, onde a ambulância esperava. Perto dos portões fechados e gradeados havia um pequeno escritório ocupado por vários homens e grandes livros. Todos entramos lá, e, quando eles começaram a me fazer perguntas, o médico se interpôs e disse que tinha todos os documentos e era inútil me perguntar mais alguma coisa, porque eu não conseguia responder. Foi um grande alívio para mim, pois meus nervos já estavam sentindo a tensão.

Um homem de aparência rude queria me colocar na ambulância, mas recusei sua ajuda tão decididamente que o médico e o policial o mandaram desistir, e eles mesmos realizaram essa galante tarefa. Não entrei na ambulância sem protestar. Declarei nunca ter visto uma carruagem daquelas antes e que não queria andar nela, mas depois de um tempo deixei me convencerem, como pretendia fazer.

Jamais esquecerei aquele passeio. Depois de ser colocada no cobertor amarelo, o médico entrou e sentou-se perto da porta. Os grandes portões foram abertos, e a multidão curiosa que havia se reunido se afastou para dar lugar à ambulância que recuava. Como eles tentaram ter um vislumbre da suposta louca! O médico viu que eu não gostava das pessoas olhando para mim e, atencioso,

abaixou as cortinas, depois de me consultar. Ainda assim, isso não afastou as pessoas. As crianças corriam atrás de nós, gritando todo tipo de gíria e tentando espiar por baixo das cortinas. Foi um passeio bem interessante, mas devo dizer, também foi torturante. Eu me segurei, mas não havia muito o que segurar, e o motorista dirigiu como se temesse que alguém nos alcançasse.

Capítulo 6

No Hospital Bellevue

Enfim alcançamos Bellevue, a terceira parada no meu caminho para a ilha. Eu havia passado com sucesso pelos desafios no Lar e no tribunal da polícia de Essex Market, e agora estava confiante que não falharia. A ambulância parou com um chacoalhar súbito e o médico saiu.

— Quantos são? — escutei alguém perguntar.

— Apenas uma, para o pavilhão — foi a resposta.

Um homem bruto se aproximou, agarrou-me e tentou me arrastar para fora, como se eu tivesse a força de um elefante e fosse resistir. O médico, vendo minha expressão de repugnância, ordenou a ele para me deixar em paz, dizendo que cuidaria de mim. Ele então me levantou com cuidado e eu andei com a graça de uma rainha passando pela multidão, que se reunira curiosa para ver a nova infeliz. Com o médico, entrei em um pequeno escritório escuro, onde havia vários homens. Aquele que estava atrás da mesa abriu um livro e começou a longa série de perguntas que me haviam sido feitas tantas vezes.

Recusei-me a responder, e o médico disse que não era necessário me incomodar ainda mais, pois ele tinha todos os documentos preenchidos e eu estava insana demais para poder dizer qualquer coisa relevante. Fiquei aliviada por ter sido tão fácil aqui, pois, embora ainda não tivesse medo, comecei a me sentir fraca por falta de comida. A ordem foi dada para me levar à ala dos insanos, e um homem musculoso avançou e me pegou com tanta força pelo braço que uma dor correu através de mim. Isso me deixou

enraivecida e, por um momento, esqueci meu *papel* quando me virei para ele e disse:

— Como ousa me tocar? — Ao ouvir isso, ele me soltou um pouco, e me livreí dele com mais força do que pensava ter. — Não irei com ninguém além deste homem — eu disse, apontando para o médico da ambulância. — O juiz disse que ele deveria tomar conta de mim, e não irei com mais ninguém.

O médico disse que me levaria, e fomos de braços dados, seguindo o homem que havia sido rude comigo. Passamos por uma área bem-cuidada até alcançar a ala dos insanos. Uma enfermeira vestida de branco estava lá para me receber.

— Esta jovem deve esperar pelo barco aqui — disse o médico, afastando-se.

Implorei para que ele não fosse, ou que me levasse junto, mas ele disse que gostaria de jantar primeiro, e que eu deveria esperar por ele. Quando insisti em acompanhá-lo, ele afirmou precisar ajudar em uma amputação, e que não seria bom para mim estar presente. Ficou evidente que ele acreditava estar lidando com uma louca. Naquele instante, o mais horrível e insano grito veio de um pátio dos fundos. Com toda a minha bravura, senti um calafrio com a perspectiva de ficar trancada com uma companheira realmente louca. É claro que o médico percebeu meu nervosismo, pois disse ao atendente:

— Que barulhão fazem os carpinteiros.

Virando-se para mim, explicou que novos edifícios estavam sendo erguidos e que o barulho vinha de alguns dos trabalhadores envolvidos. Eu disse que não queria ficar lá sem ele e, para me acalmar, ele prometeu voltar em breve. Deixou-me e finalmente me encontrei como ocupante de um hospício.

Fiquei na porta e contemplei a cena diante de mim. O saguão longo e sem carpete fora esfregado até atingir aquela brancura peculiar vista apenas em instituições públicas. Nos fundos do corredor havia grandes portas de ferro fechadas por um cadeado. Vários bancos de aparência rígida e algumas cadeiras de salgueiro eram os únicos artigos de mobiliário. Em ambos os lados do corredor haviam portas que davam para o que eu supunha e que de fato eram quartos. Perto da porta de entrada, do lado direito, havia uma pequena sala de estar para as enfermeiras, e do outro lado, uma onde o jantar era servido. Uma enfermeira de vestido preto, chapéu branco e avental, armada com um molho de chaves, encarregava-se do saguão. Logo aprendi o nome dela, srta. Ball.

Uma velha irlandesa era a empregada encarregada de tudo. Ouvi-a ser chamada de Mary e fico feliz em saber que existe uma mulher de bom coração naquele lugar. Dela, recebi apenas bondade e a maior consideração.

Havia apenas três pacientes, como são chamadas. Eu era a quarta. Pensei que poderia começar a trabalhar naquela mesma hora, pois ainda esperava que o primeiro médico pudesse me declarar sã e me enviar de volta ao vasto mundo. Então fui até o fundo da sala, apresentei-me a uma das mulheres e lhe perguntei tudo sobre ela. Seu nome, ela disse, era srta. Anne Neville, e estava doente por excesso de trabalho. Trabalhava como camareira e, quando sua saúde cedeu, foi mandada para um lar de freiras para ser tratada. Seu sobrinho, que era garçom, estava desempregado e, por não poder pagar suas despesas no lar, a transferiu para Bellevue.

— Há algo de errado com você, mentalmente? — perguntei.

— Não — disse ela. — Os médicos me fizeram muitas perguntas curiosas e confusas, mas não há nada de errado com o meu cérebro.

— Você sabia que apenas pessoas loucas são mandadas para este pavilhão? — perguntei.

— Sei, sim, mas não posso fazer nada. Os médicos se recusam a me escutar, e é inútil dizer qualquer coisa às enfermeiras.

Convencida dos vários motivos pelos quais a srta. Neville era tão sã quanto eu, transferi minha atenção para uma das outras pacientes. Eu a encontrei precisando de cuidados médicos e bastante abobalhada, embora tenha visto muitas mulheres nas esferas inferiores da vida, cuja sanidade nunca foi questionada, e que também não eram brilhantes.

A terceira paciente, a sra. Fox, não falou muito. Ficou bem quieta e, depois de me dizer que seu caso não tinha solução, recusou-se a falar. Comecei então a me sentir mais segura da minha posição e decidi que nenhum médico conseguiria me convencer de que eu era sã, desde que tivesse a esperança de cumprir minha missão. Uma pequena enfermeira de pele clara chegou e, depois de colocar o chapéu, disse à srta. Ball para ir jantar. A nova enfermeira, srta. Scott, veio até mim e disse, rudemente:

— Tire o chapéu.

— Não vou tirá-lo — respondi. — Estou esperando pelo barco, e não vou tirá-lo.

— Bem, você não vai entrar em barco algum. Melhor saber de uma vez. Você está num hospício.

Embora plenamente ciente desse fato, suas palavras me chocaram.

— Eu não queria vir para cá. Não estou doente nem louca, e não vou ficar — eu disse.

— Será um longo tempo até que possa sair se não fizer o que lhe mandam — respondeu a srta. Scott. — É melhor tirar o chapéu, ou farei uso da força e, se eu não for capaz, só preciso tocar um sino e terei ajuda. Você vai tirá-lo?

— Não, não vou tirar. Estou com frio e quero ficar com meu chapéu. Você não pode me obrigar a tirá-lo.

— Vou lhe dar alguns minutos, e, se você não o tirar, então usarei a força, e aviso que não serei gentil.

— Se você tirar meu chapéu, tirarei o seu. E então?

A srta. Scott foi chamada à porta, e, como eu temia que um acesso de indignação pudesse demonstrar muita sanidade, tirei o chapéu e as luvas, e estava sentada em silêncio, olhando para o nada, quando ela voltou. Eu tinha fome e fiquei muito satisfeita ao ver Mary fazer os preparativos para o jantar. Os preparativos foram simples. Ela apenas puxou um banco reto até o lado de uma mesa vazia e ordenou que as pacientes se reunissem em volta do banquete; depois, trouxe um pequeno prato de lata, com um pedaço de carne cozida e uma batata. Não poderia estar mais frio se tivesse sido cozido na semana anterior, e não tivera chance de se familiarizar com sal nem pimenta. Como eu não me sentava à mesa, Mary foi até o canto onde eu estava e, enquanto entregava o prato, perguntou, com forte sotaque irlandês:

— Tem umas moedinhas, querida?

— O quê? — perguntei, surpresa.

— Tem umas moedinhas, querida, pra me dar? Eles vão tomar tudo de você de qualquer jeito, então você podia dar pra mim.

Eu entendi tudo então, mas não tinha a intenção de gratificar Mary tão cedo no jogo, temendo que isso influenciasse a maneira como ela me trataria, então disse que havia perdido minha bolsa, o que era verdade. Mas, embora eu não desse dinheiro a Mary, ela não foi menos gentil comigo. Quando recusei o prato de lata em que ela trouxera minha comida, ela pegou um de porcelana para mim e, quando achei impossível comer a comida que ela apresentou, deu-me um copo de leite e uma bolacha.

Todas as janelas do saguão estavam abertas e o ar frio começou a afetar o meu sangue sulista. De fato, ficou tão frio que era quase insuportável, e reclamei com a srta. Scott e a srta. Ball. Mas elas responderam secamente que, como eu estava em um lugar de caridade, não podia esperar muito. Todas as outras mulheres estavam sofrendo com o frio, e as próprias enfermeiras tiveram que usar roupas pesadas para se aquecer. Perguntei se poderia ir para a cama. Disseram: “*Não!*”. Por fim, a srta. Scott pegou um velho xale cinza e, sacudindo-o para livrá-lo de algumas traças, disse-me para colocá-lo.

— É um xale de má aparência — eu disse.

— Bem, algumas pessoas se sairiam melhor se não fossem tão orgulhosas — disse a srta. Scott. — Pessoas que precisam de caridade não devem esperar nada e não devem reclamar.

Coloquei o xale comido por traças, com todo o seu cheiro de mofo, em volta de mim e me sentei em uma cadeira de vime, imaginando o que viria a seguir, se eu morreria de frio ou sobreviveria. Meu nariz estava gelado, então cobri a cabeça e estava quase cochilando quando o xale foi subitamente arrancado do meu rosto e um homem estranho e a srta. Scott apareceram diante de mim. O homem era médico e seus primeiros cumprimentos foram:

— Já vi esse rosto antes.

— Então você me conhece? — perguntei, mostrando uma avidez que não sentia.

— Acho que sim. De onde você veio?

— De casa.

— Onde é sua casa?

— Você não sabe? Cuba.

Ele se sentou ao meu lado, sentiu meu pulso, examinou minha língua e por fim disse:

— Conte à srta. Scott sobre você.

— Não, não conto. Não falarei com mulheres.

— O que você faz em Nova York?

— Nada.

— Consegue trabalhar?

— Não, *señor*.

— Diga, você é uma mulher da vida?

— Eu não entendo — respondi, sentindo no meu íntimo um nojo profundo dele.

— Quero dizer, já permitiu que homens a sustentassem e a possuíssem?

Tive vontade de dar-lhe um tapa no rosto, mas mantive minha compostura e disse simplesmente:

— Não sei do que você está falando. Sempre vivi em casa.

Depois de muito mais perguntas, completamente inúteis e sem sentido, ele me deixou e começou a falar com a enfermeira:

— Insanidade atestada. Considero um caso sem solução. Ela precisa estar num lugar onde alguém possa cuidar dela.

E assim passei por meu segundo médico especialista.

Depois disso, comecei a ter uma consideração menor pela capacidade dos médicos, e uma maior pela minha. Agora, tinha certeza de que nenhum médico saberia dizer se as pessoas eram insanas ou não, se o caso não fosse violento.

No final da tarde, um menino e uma mulher chegaram. A mulher se sentou em um banco, enquanto o menino entrava e conversava com a srta. Scott. Em pouco tempo ele saiu e, despedindo-se, com um simples aceno, da mulher, que era sua mãe, foi embora. Ela não parecia insana, mas, como era alemã, não pude conhecer sua

história. Seu nome, no entanto, era sra. Louise Schanz. Parecia bem perdida, mas, quando as enfermeiras a puseram para costurar, ela fez o trabalho bem e rapidamente. Às três da tarde, todos os pacientes receberam um mingau de aveia e, às cinco, uma xícara de chá e um pedaço de pão. Fui favorecida, pois, quando viram que era impossível para mim comer o pão ou beber o que era chamado de chá, deram-me um copo de leite e uma bolacha, a mesma que eu comera ao meio-dia.

No momento em que as luzes estavam sendo acesas, outra paciente foi trazida. Era uma jovem de 25 anos, e me disse que acabara de se recuperar de uma doença. Sua aparência confirmou a história. Ela parecia alguém que tivera um ataque severo de febre.

— Agora estou sofrendo de debilidade nervosa — disse ela —, e meus amigos me enviaram aqui para ser tratada.

Eu não disse a ela onde estávamos, e ela parecia bem satisfeita. Às 18h15, a srta. Ball disse que queria ir embora, então todas teríamos que ir para a cama. Cada uma de nós — agora éramos seis — recebeu um quarto e foi instruída a se despir. Fiz isso e recebi um vestido curto de flanela de algodão para usar à noite. Então ela pegou todas as peças de roupa que eu usara durante o dia e, reunindo-as em um pacote, rotulou-as como “Brown” e as levou embora. A janela com barras de ferro estava trancada e a srta. Ball, depois de me dar um cobertor extra que, segundo ela, era um favor raramente concedido, saiu e me deixou em paz. A cama não era confortável. Era tão dura, na verdade, que eu não conseguia sequer amassá-la, e o travesseiro estava cheio de palha. Sob o lençol, havia uma camada de oleado. À medida que a noite esfriava, tentei esquentar aquele oleado. Continuei tentando, mas a manhã chegou e continuava tão frio quanto quando eu fora dormir. Eu me havia reduzido à temperatura de um iceberg, então desisti dessa tarefa impossível.

Eu esperava descansar um pouco nessa minha primeira noite no hospício. Mas estava fadada à decepção. Quando as enfermeiras da noite chegaram, estavam curiosas para me ver e descobrir como eu era. Mal saíram, ouvi alguém à porta perguntando por Nellie Brown, e comecei a tremer, temendo sempre que minha sanidade fosse descoberta. Ao ouvir a conversa, entendi que era um repórter à minha procura e ouvi-o pedir minhas roupas para que pudesse examiná-las. Escutei com muita ansiedade a conversa sobre mim e fiquei aliviada ao saber ser considerada irremediavelmente insana. Isso foi um incentivo. Depois que o repórter saiu, ouvi novas chegadas e soube que um médico estava lá e pretendia me ver. Com que objetivo eu não sabia, e imaginei todo tipo de coisas horríveis, como exames e tudo mais, e, quando chegaram ao meu quarto, eu estava tremendo de algo mais do que medo.

— Nellie Brown, o médico está aqui e quer falar com você — disse a enfermeira.

Se fosse só isso que ele queria, pensei poder suportar. Removi o cobertor que pusera na minha cabeça num susto repentino e olhei para cima. A visão foi tranquilizadora.

Ele era um jovem bonito. Tinha o ar e a postura de um cavalheiro. Algumas pessoas, desde então, censuraram esta atitude, mas tenho certeza, mesmo sendo um pouco indiscreto, de que o jovem médico apenas quisesse ser bondoso comigo. Ele se aproximou, sentou-se ao lado da minha cama e colocou o braço suavemente em volta dos meus ombros. Foi uma tarefa terrível parecer louca diante desse jovem, e apenas uma garota pode se solidarizar comigo na minha posição.

— Como você se sente esta noite, Nellie? — ele perguntou, devagar.

— Ah, eu me sinto bem.

— Mas está doente, sabia?

— Ah, estou? — respondi, e virei a cabeça para o travesseiro e sorri.

— Quando você deixou Cuba, Nellie?

— Ah, você conhece a minha casa? — perguntei.

— Sim, muito bem. Você não se lembra de mim? Eu me lembro de você.

— Você se lembra? — E eu disse mentalmente que não deveria esquecê-lo.

Ele estava acompanhado por um amigo que não se aventurou a comentar qualquer coisa, mas ficou olhando para mim enquanto eu estava deitada na cama. Depois de muitas perguntas, às quais respondi com sinceridade, ele me deixou.

Depois vieram outros problemas. Durante toda a noite, as enfermeiras leram uma para a outra em voz alta, e sei que algumas pacientes, assim como eu, não conseguiram dormir. A cada meia hora ou hora cheia, elas caminhavam pesadamente pelos corredores, os saltos das botas ressoando como a marcha de soldados, e olhavam para cada paciente. Claro que isso ajudou a nos manter acordadas. Então, quando amanheceu, começaram a bater ovos para o café da manhã, e o som me fez perceber que estava terrivelmente faminta. Gritos e choros ocasionais vinham da ala masculina, e isso não ajudava a tornar a noite mais alegre. Então o som da ambulância, trazendo mais infelizes, soou como uma toada fúnebre para a vida e a liberdade. Assim, passei minha primeira noite como louca em Bellevue.

Capítulo 7

Com o objetivo à vista

Às 6 horas da manhã de domingo, 25 de setembro, as enfermeiras puxaram a coberta da minha cama.

— Venha, é hora de sair da cama — disseram elas, e abriram a janela, deixando entrar a brisa fria.

Minhas roupas foram devolvidas para mim. Depois de me vestir, fui levada a um lavatório, onde todas as outras pacientes tentavam livrar o rosto de qualquer vestígio de sono. Às 7 horas, recebemos uma refeição horrível, a qual Mary nos disse ser caldo de galinha. O frio, do qual já tínhamos sofrido o suficiente no dia anterior, era cruel, e, quando reclamei com a enfermeira, ela disse que era uma das regras da instituição não ligar o aquecedor antes de outubro, por isso tínhamos que aguentar, já que os canos de vapor nem haviam sido colocados em ordem. As enfermeiras noturnas, portando uma tesoura, começaram a fazer a manicure das pacientes. Cortaram minhas unhas rapidamente, assim como as de várias outras pacientes. Logo depois disso, um belo e jovem médico apareceu e fui conduzida à sala de estar.

— Quem é você? — ele perguntou.

— Nellie Moreno — respondi.

— Então por que disse que seu nome era Brown? O que há de errado com você?

— Nada. Eu não queria vir aqui, mas me trouxeram. Quero ir embora. Você pode me deixar sair?

— Se eu a deixar sair, você ficará comigo? Não vai correr para longe de mim quando chegar à rua?

— Não posso prometer que não correrei — respondi, com um sorriso e um suspiro, porque ele era bonito.

O médico me fez muitas outras perguntas. Eu já tinha visto rostos na parede? Já havia escutado vozes? Respondi tão bem quanto pude.

— Você escuta vozes à noite?

— Sim, há tanta falação que não consigo dormir.

— Foi o que pensei — ele disse para si mesmo. Então, virando-se para mim, perguntou: — O que dizem essas vozes?

— Bem, nem sempre dou ouvidos a elas. Mas às vezes, muitas vezes, elas falam sobre Nellie Brown, e depois sobre outros assuntos que não me interessam tanto — respondi, sinceramente.

— Isso é o bastante — ele disse para a srta. Scott, que estava lá fora.

— Posso ir embora? — perguntei.

— Sim — ele disse, com uma risada satisfeita. — Em breve a mandaremos embora.

— Está muito frio aqui, quero sair.

— É verdade — ele disse para a srta. Scott. — O frio é quase insuportável aqui, e vocês terão alguns casos de pneumonia se não tomarem cuidado.

Com isso, fui levada embora, e outra paciente foi trazida para dentro. Sentei-me do lado de fora da porta e esperei ouvir como ele testaria a sanidade das outras pacientes. Com pouca variação, o exame foi exatamente o mesmo que o meu. Todas as pacientes foram questionadas se viram rostos na parede, se ouviram vozes e o que essas vozes disseram. Também posso acrescentar que todas negaram esses tipos peculiares de visão e audição.

Às 10 horas, recebemos uma xícara de caldo de carne sem sal, ao meio-dia um pouco de carne fria e batata, às 3 horas uma xícara de mingau de aveia e, às 5h30, uma xícara de chá e uma fatia de pão sem manteiga. Estávamos todas com frio e fome.

Depois que o médico foi embora, recebemos xales e nos pediram para andar de um lado para o outro nos corredores para nos aquecer. Durante o dia, o pavilhão foi visitado por várias pessoas que estavam curiosas para ver a louca de Cuba. Mantive a cabeça coberta, alegando estar com frio, por medo de alguns dos repórteres me reconhecerem. Aparentemente, alguns visitantes procuravam uma garota desaparecida, e, por conta disso, fui obrigada a tirar o xale várias vezes, mas, depois de me olharem, diziam “não a conheço” ou “não é ela”, pelo que fiquei secretamente agradecida. O guarda O'Rourke me visitou e experimentou suas habilidades ao me examinar. Depois, trouxe algumas mulheres bem vestidas e alguns cavalheiros em momentos diferentes para dar uma olhada na misteriosa Nellie Brown.

Os repórteres foram os mais problemáticos. Havia muitos deles! E eram todos tão espertos e inteligentes que senti grande pavor de que percebessem que eu era sã. Eles foram muito amáveis e gentis comigo, e muito delicados em todos os seus questionamentos. Meu visitante da noite anterior chegou à janela enquanto alguns repórteres estavam me entrevistando na sala de estar e disse à enfermeira para permitir que me vissem, pois eles ajudariam a encontrar alguma informação sobre minha identidade.

À tarde, o dr. Field veio me examinar. Ele me fez apenas algumas perguntas, que não tinham relação com o caso. A principal pergunta foi sobre minha casa e amigos, e se eu tinha amantes ou já havia me casado. Então ele me fez esticar os braços e mover os dedos, o que fiz sem a menor

hesitação, mas o ouvi dizer que meu caso não tinha jeito. Às outras pacientes foram feitas as mesmas perguntas.

Quando o médico estava prestes a sair do pavilhão, a srta. Tillie Mayard descobriu que estava em uma ala de loucos. Ela foi ao dr. Field e perguntou-lhe por que tinha sido enviada para lá.

— Você só descobriu agora que está num hospício? — perguntou o médico.

— Sim. Meus amigos disseram que estavam me mandando para uma ala de recuperação para tratar da minha debilidade nervosa, da qual estou sofrendo desde a minha doença. Quero sair deste lugar imediatamente.

— Bem, você não vai sair tão cedo — ele disse, com uma risada.

— Se você sabe mesmo das coisas — respondeu ela —, deve perceber que eu sou perfeitamente sã. Por que não me testa?

— Já sabemos de tudo o que queremos — disse o médico, e deixou a pobre garota condenada ao hospício, provavelmente pelo resto da vida, sem dar-lhe uma única chance de provar sua sanidade.

A noite de domingo foi apenas uma repetição do sábado. Durante toda a noite, fomos mantidas acordadas pela conversa das enfermeiras e por seus passos pesados nos corredores sem tapete. Na segunda-feira de manhã, fomos informadas de que seríamos levadas às 13h30. As enfermeiras me questionaram incessantemente sobre minha casa, e todas pareciam ter a ideia sobre eu ter um amante que me largara no mundo e destruía meu cérebro.

A manhã trouxe muitos repórteres. Como são incansáveis em seus esforços para encontrar novidades! A srta. Scott, no entanto, recusou-se a permitir que me vissem, e por isso fiquei agradecida. Se tivessem conseguido livre acesso a mim, eu provavelmente não teria

sido um mistério por muito tempo, pois muitos deles me conheciam de vista. O guarda O'Rourke veio para uma última visita e teve uma breve conversa comigo. Ele escreveu seu nome no meu caderno, dizendo à enfermeira que eu esqueceria tudo em uma hora. Eu sorri e pensei não ter certeza disso. Outras pessoas vieram me ver, mas ninguém me conhecia nem podia dar nenhuma informação sobre mim.

O meio-dia chegou. Fiquei nervosa quando se aproximou a hora de partir para a Ilha. Eu temia cada nova chegada, com medo de que meu segredo fosse descoberto no último momento. Então me deram um xale, chapéu e luvas. Mal consegui vesti-los, meus nervos estavam tão tensos... Por fim, a atendente chegou e me despedi de Mary enquanto colocava “umas moedinhas” na mão dela.

— Deus a abençoe — disse ela. — Vou rezar por você. Anime-se, querida. Você é jovem e vai superar isso.

Respondi que esperava que sim, e depois me despedi da srta. Scott, em espanhol. O atendente de aparência rude torceu os braços em volta dos meus e meio que me conduziu, meio que me arrastou até uma ambulância. Uma multidão de estudantes se reunira, e eles nos observaram com curiosidade. Cobri o rosto com o xale e afundei agradecidamente na ambulância. A srta. Neville, a srta. Mayard, a sra. Fox e a sra. Schanz foram trazidas depois de mim, uma de cada vez. Um homem entrou conosco, as portas foram trancadas e fomos conduzidas pelos portões, em grande estilo, em direção ao hospício e à vitória! As pacientes não fizeram nenhum movimento para escapar. O odor do hálito do assistente era o bastante para fazer a cabeça doer.

Quando chegamos ao cais, uma multidão se amontoou ao redor da ambulância até a polícia ser chamada para dispersá-la, para que pudéssemos chegar ao barco. Fui a última da procissão. Fui escoltada pela prancha, a brisa

fresca soprando o hálito de uísque dos assistentes no meu rosto até eu cambalear. Fui levada para uma cabine suja, onde encontrei minhas companheiras sentadas em um banco estreito. As pequenas janelas estavam fechadas e, com o cheiro da sala imunda, o ar estava sufocante. Em uma extremidade da cabine havia um pequeno beliche, em tal condição, que precisei apertar meu nariz quando me aproximei. Uma menina doente foi colocada nele. Uma mulher idosa, com um enorme chapéu e uma cesta suja cheia de pedaços de pão e de sucata, completou nossa companhia.

A porta estava guardada por duas assistentes. Uma delas usava um vestido feito de tecido resistente e a outra com alguma tentativa de demonstrar estilo. Eram mulheres grandes e maciças, e cuspiam tabaco mascado no chão de uma maneira mais hábil do que encantadora. Uma dessas criaturas assustadoras parecia ter muita fé no poder do olhar sobre as pessoas insanas, pois, quando qualquer uma de nós se movia ou olhava pela janela alta, dizia: “Sente-se”, abaixava as sobrelanceiras e encarava de uma maneira simplesmente aterrorizante. Enquanto vigiavam a porta, conversavam com alguns homens do lado de fora. Discutiram o número de pacientes e, em seguida, seus próprios assuntos, de uma maneira nem edificante nem refinada.

O barco parou, e a velha e a menina doente foram retiradas. O resto de nós foi instruído a ficar sentado. Na parada seguinte, minhas companheiras foram retiradas, uma de cada vez. Eu era a última, e precisei que um homem e uma mulher me levassem até a prancha para chegar à margem. Uma ambulância estava lá, e nela estavam as outras quatro pacientes.

— Que lugar é este? — perguntei ao homem que tinha os dedos afundados na carne do meu braço.

— A Ilha de Blackwell, um lugar de loucos, de onde você nunca sairá.

Com isso, fui empurrada para a ambulância, a prancha foi retirada, um oficial e um carteiro saltaram, e fui rapidamente levada ao Hospício da Ilha de Blackwell.

Capítulo 8

Dentro do hospício

Enquanto a ambulância era rapidamente conduzida pelos belos gramados até o hospício, minha satisfação por ter atingido o objetivo de meu trabalho foi bastante abafada pela expressão de angústia no rosto das minhas companheiras. Pobres mulheres, não tinham esperança de uma libertação rápida. Estavam sendo levadas para uma prisão, sem ter culpa de nada, provavelmente pelo resto da vida. Em comparação, quão mais fácil seria caminhar até a força do que a essa tumba de horrores vivos!

A ambulância acelerou, e eu, assim como minhas companheiras, dei um desesperado olhar de despedida para a liberdade quando avistamos os extensos edifícios de pedra. Passamos por um prédio baixo e o fedor era tão horrível que fui obrigada a prender a respiração. Decidi mentalmente que era a cozinha. Mais tarde, descobri estar certa em minha suposição e sorri para a placa no final do passeio: “Visitantes não são permitidos nesta estrada”. Acho que a placa não seria necessária se eles tentassem chegar à estrada, especialmente em um dia quente.

A ambulância parou, e a enfermeira e o oficial encarregado nos mandaram sair. A enfermeira acrescentou:

— Graças a Deus! Elas vieram em silêncio.

Obedecemos às ordens de subir um lance de degraus estreitos de pedra, evidentemente construídos para acomodar pessoas que sobem três degraus de cada vez. Gostaria de saber se minhas companheiras sabiam onde estávamos, então disse à srta. Tillie Mayard:

— Onde estamos?

— No Hospício da Ilha de Blackwell — ela respondeu, tristemente.

— Você é louca?

— Não. Mas, já que fomos enviadas para cá, temos de ficar quietas até encontrarmos uma maneira de fugir. Porém serão poucas se todos os médicos, como o dr. Field, se recusarem a me ouvir ou me dar a chance de provar minha sanidade.

Fomos conduzidas a um vestíbulo estreito e a porta foi trancada atrás de nós.

Apesar de saber da minha sanidade e da garantia de que eu seria libertada em alguns dias, senti uma pontada aguda no coração. Declarada insana por quatro médicos especialistas e presa atrás das barras e parafusos impiedosos de um hospício! Não para ficar confinada sozinha, mas para ser companheira, dia e noite, de lunáticas balbuciantes; dormir com elas, comer com elas, ser considerada uma delas, era uma posição desconfortável. Timidamente, seguimos a enfermeira pelo longo corredor sem carpete até uma sala cheia de mulheres consideradas loucas. Disseram-nos para sentar e algumas pacientes gentilmente abriram espaço para nós. Elas nos olharam com curiosidade, e uma veio até mim e perguntou:

— Quem a mandou para cá?

— Os médicos — respondi.

— Para quê?

— Bem, eles acham que estou louca.

— Louca! — ela repetiu, incrédula. — Não parece.

Concluí que essa mulher era inteligente demais e fiquei contente em acatar as ordens grosseiras de seguir a enfermeira para consultar o médico. Essa enfermeira, a srta. Grupe, aliás, tinha um belo rosto alemão e, se eu não

tivesse detectado certas linhas duras em torno da boca, poderia esperar, assim como fizeram minhas companheiras, que dela só receberia bondade. Ela nos levou a uma pequena sala de espera no final do corredor e nos deixou a sós enquanto entrava em um pequeno escritório dando para a sala de estar ou de recepção.

— Eu quero ir na ambulância — ela disse para um homem dentro da sala. — Ajuda a passar o dia.

Ele respondeu que o ar fresco a deixava mais bonita, e ela reapareceu diante de nós toda sorridente.

— Venha aqui, Tillie Mayard — ela disse.

A srta. Mayard obedeceu e, embora eu não conseguisse ver dentro do escritório, pude ouvi-la defender seu caso, gentil mas firmemente. Todas as suas observações foram as mais racionais já ouvidas por mim, e achei que nenhum bom médico poderia deixar de ficar impressionado com a história dela. Contou sobre sua doença recente, sobre estar sofrendo de debilidade nervosa. Implorou que fizessem todos os seus exames de insanidade, se tivessem algum, e lhe dessem justiça. Pobre garota, como meu coração doía por ela! Decidi naquele momento que tentaria de todos os modos fazer minha missão beneficiar minhas irmãs sofredoras. Eu mostraria como elas são internadas sem um julgamento justo. Sem nenhuma palavra de solidariedade ou incentivo, ela foi trazida de volta para onde estávamos sentadas.

A sra. Louise Schanz foi levada à presença do dr. Kinier, o médico.

— Seu nome? — ele perguntou, em voz alta. Ela respondeu em alemão, dizendo não falar inglês e não entendia a língua. No entanto, quando ele disse “sra. Louise Schanz”, ela disse “Yah, yah”. Então ele tentou outras perguntas e, quando percebeu que ela não entendia uma

única palavra em inglês, disse para a srta. Grupe: — Você é alemã, converse com ela por mim.

A srta. Grupe revelou ser uma dessas pessoas que têm vergonha de sua nacionalidade, e se recusou, dizendo conseguir entender apenas algumas poucas palavras de sua língua materna.

— Você *sabe* que fala alemão. Pergunte a esta mulher o que o marido dela faz. — E os dois riram como se estivessem se divertindo com uma piada.

— Não sei falar nada além de algumas palavras — ela protestou, mas enfim conseguiu entender a ocupação da sra. Schanz.

— E então, de que adianta mentir para mim? — perguntou o médico, com uma risada que dissipou sua rudeza.

— Não sei mais falar — disse ela, e não falou mais.

Assim, a sra. Louise Schanz foi internada no hospício sem chance de se fazer entender. Será que existe desculpa para esse descuido, pergunto-me, quando é tão fácil conseguir um intérprete? Se o confinamento durasse apenas alguns dias, alguém poderia questionar a necessidade. Mas lá estava uma mulher, levada sem o seu consentimento, de um mundo livre para um hospício, sem a chance de provar sua sanidade. Provavelmente confinada pelo resto da vida atrás das grades do hospício, sem sequer ser informada em sua língua por que e para quê. Compare isso com um criminoso que recebe todas as chances de provar sua inocência. Quem não preferiria ser um assassino e ter a chance de viver a ser declarado louco, sem esperança de escapar? A sra. Schanz implorou em alemão para saber onde estava e implorou por liberdade. Com a voz interrompida por soluços, foi levada até nós sem ser ouvida.

A sra. Fox foi submetida a esse exame fraco e insignificante e levada do escritório, condenada. Chegou a

vez da srta. Annie Neville, e fui novamente deixada para o final. A essa altura, eu já havia decidido agir como fazia enquanto livre, mas me recusaria a dizer quem era e onde ficava minha casa.

Capítulo 9

Um especialista(?) trabalhando

— Nellie Brown, o doutor quer vê-la — disse a srta. Grupe. Entrei e me disseram para sentar à mesa, diante do dr. Kinier.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou sem olhar para cima.

— Nellie Brown — respondi, facilmente.

— Onde é a sua casa? — Ele escrevia o que eu dizia num livro grande.

— Em Cuba.

— Ah! — ele exclamou, subitamente entendendo. Então, falou com a enfermeira: — Você viu algo sobre ela nos jornais?

— Sim. Vi um longo relato sobre essa garota no *Sun*, no domingo.

— Mantenha-a aqui enquanto eu vou ao escritório e vejo a notícia novamente.

O médico nos deixou e retirei meu chapéu e meu xale. Ao voltar, ele disse que não tinha conseguido encontrar o jornal, mas relatou a história da minha estreia à enfermeira.

— Qual é a cor dos olhos dela?

A srta. Grupe olhou e respondeu “cinza”, embora todo mundo considerasse meus olhos castanhos ou cor de avelã.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou.

— Fiz dezenove em maio passado.

Ele se voltou para a enfermeira e disse:

— Quando é o seu próximo passe? — Isso eu entendi como uma permissão para se ausentar, ou um dia de folga.

— No próximo sábado — ela respondeu, rindo.

— Você vai à cidade? — E ambos riram enquanto ela respondia afirmativamente. Ele disse: — Tire as medidas dela.

Fiquei de pé embaixo do medidor, que foi firmado na minha cabeça.

— Quanto é? — perguntou o médico.

— Você sabe que eu não sei dizer — respondeu ela.

— Sabe, sim; vamos lá. Qual é a altura?

— Não sei, há uns números aqui, mas não sei.

— Sabe, sim. Agora olhe e me diga.

— Não sei, faça você mesmo. — E os dois riram novamente enquanto o médico deixava a mesa e vinha ver por si mesmo.

— Um metro e sessenta e cinco centímetros, você não consegue ver? — perguntou ele, pegando a mão dela e tocando os números.

Pela sua voz, eu sabia que ela ainda não havia entendido, mas isso não era da minha conta, pois o médico parecia ter prazer em ajudá-la. Depois fui colocada na balança, e ela se esforçou até conseguir que se equilibrasse.

— Quanto? — perguntou o médico, tendo retomado sua posição na mesa.

— Não sei. Você terá que ver por si mesmo — respondeu ela, chamando-o pelo seu nome de batismo, que esqueci. Ele se virou e também se dirigiu a ela pelo nome batismal, e disse:

— Você está muito inexperiente! — E os dois riram.

Eu então informei o peso — cinquenta quilos — para a enfermeira, e ela, por sua vez, disse ao médico.

— A que horas vai jantar? — ele perguntou, e ela respondeu. Ele deu à enfermeira mais atenção do que a mim e lhe fez seis perguntas a cada uma sobre mim. Depois, escreveu meu destino no livro diante dele.

— Não estou doente e não quero ficar aqui — eu disse.
— Ninguém tem o direito de me trancafiar dessa maneira.

Ele não prestou atenção nos meus comentários e, tendo completado seus escritos, bem como a conversa com a enfermeira, por enquanto, disse que bastava e, com as minhas companheiras, voltei à sala de estar.

— Você toca piano? — elas perguntaram.

— Ah, sim, desde criança — respondi.

Então, insistiram que eu tocasse e me sentaram em uma cadeira de madeira diante de um piano de mesa à moda antiga. Toquei algumas notas e a resposta sem afinação fez um calafrio terrível percorrer meu corpo.

— Que horror — exclamei, virando-me para uma enfermeira, a srta. McCarten, ao meu lado. — Nunca toquei um piano tão desafinado.

— É uma pena — disse ela, maldosamente. — Teremos que encomendar um para você.

Comecei a tocar as variações de “Home Sweet Home”. A conversa cessou e todas as pacientes ficaram em silêncio enquanto meus dedos frios se moviam lenta e rigidamente sobre o teclado. Terminei de um modo qualquer e recusei todos os pedidos para tocar mais. Não vendo um lugar disponível para sentar, continuei na cadeira na frente do piano enquanto “avaliava” meu ambiente.

Era uma sala comprida e vazia, com bancos amarelos ao seu redor. Esses, perfeitamente retos e igualmente

desconfortáveis, acomodariam cinco pessoas, embora em quase todos os casos houvesse seis. Janelas gradeadas, construídas a cerca de um metro e meio do chão, davam para as duas portas duplas, levando ao saguão. As paredes brancas e nuas eram um pouco atenuadas por três litografias, uma de Fritz Emmet e outras de menestréis negros. No centro da sala, havia uma mesa grande coberta com um lençol branco, e ao redor dela estavam as enfermeiras. Tudo estava impecavelmente limpo e pensei que boas trabalhadoras deveriam ser as enfermeiras para manter tudo em ordem. Poucos dias depois, como eu ria da minha própria estupidez ao pensar que elas trabalhavam. Quando descobriram que eu não tocara mais, a srta. McCarten veio até mim dizendo, grosseiramente:

— Saia daqui. — E fechou o piano com um estrondo.

— Brown, venha aqui — foi o próximo pedido que recebi de uma mulher rude e de rosto vermelho à mesa. — O que veste?

— Minhas roupas — respondi.

Ela levantou meu vestido e saias e anotou — um par de sapatos, um par de meias, um vestido de pano, um chapéu de marinho de palha e assim por diante.

Capítulo 10

Meu primeiro jantar

Terminado esse exame, ouvimos alguém gritar:

— Vão para o corredor.

Uma das pacientes explicou gentilmente que esse era um convite para jantar. Como chegamos tarde, tentamos nos manter juntas, então entramos no corredor e paramos à porta onde todas as mulheres estavam reunidas. Como trememos enquanto estávamos lá! As janelas estavam abertas e a corrente de ar passava zunindo pelo corredor. As pacientes estavam azuis de frio e cada minuto parecia durar quinze. Por fim, uma das enfermeiras avançou e destrancou uma porta, pela qual todas passamos, aglomeradas, para o patamar da escada. Aqui, novamente, houve uma longa parada diante de uma janela aberta.

— Que imprudência dos assistentes manterem essas mulheres com roupas leves em pé aqui no frio — disse a srta. Neville.

Olhei para as pobres e loucas cativas tremendo e acrescentei, enfática:

— É terrivelmente brutal.

Enquanto elas estavam lá, pensei que não ia saborear o jantar naquela noite. Pareciam tão perdidas e sem esperança. Algumas tagarelavam besteiras para pessoas invisíveis, outras riam ou choravam sem motivo aparente, e uma velha de cabelos grisalhos ficava me cutucando e, com piscadelas, sábios acenos de cabeça e lastimosa elevação dos olhos e mãos, assegurava-me que eu não deveria me

importar com as pobres criaturas, pois todas estavam loucas.

— Parem no aquecedor — foi a ordem — e entrem na fila, de duas em duas.

— Mary, arranje uma companheira.

— Quantas vezes devo lhe dizer para ficar na fila?

— Fique parada.

E, conforme as ordens eram emitidas, empurrões eram administrados, e de vez em quando um tapa nas orelhas. Após essa terceira e última parada, fomos levadas a uma sala de jantar comprida e estreita, onde corremos para a mesa.

A mesa alcançava o comprimento da sala, estava descoberta e pouco convidativa. Bancos compridos, sem encosto, foram colocados para as pacientes se sentarem, e elas tinham que engatinhar sobre os bancos para ficar de frente para a mesa. Colocadas juntas, ao longo dela, grandes tigelas cheias de coisas rosadas que as pacientes chamavam de chá. Do lado de cada tigela havia uma fatia grossa de pão com manteiga. Um pequeno pires com cinco ameixas acompanhava o pão. Uma mulher gorda se apressou e, puxando vários pires das outras ao seu redor, esvaziou o conteúdo em seu próprio pires. Então, enquanto segurava sua própria tigela, levantou outra e drenou o conteúdo com um gole. Fez isso com uma segunda tigela em menos tempo do que o necessário para contar. Na verdade, fiquei tão entretida com suas aquisições bem-sucedidas que, quando olhei para minha própria comida, a mulher do lado oposto, sem nem pedir permissão, havia pego meu pão e me deixado sem nenhum.

Outra paciente, vendo isso, gentilmente me ofereceu o dela, mas recusei com um agradecimento, virei-me para a enfermeira e pedi mais. Quando jogou um pedaço grosso sobre a mesa, ela fez algumas observações sobre o fato de

que eu havia esquecido onde era a minha casa, mas não havia esquecido como comer. Experimentei o pão, mas a manteiga era tão horrível que não dava para comer. Uma garota alemã de olhos azuis, do lado oposto da mesa, disse-me que eu poderia comer pão sem manteiga se quisesse, e que pouquíssimas eram capazes de comer a manteiga. Voltei minha atenção para as ameixas secas e descobri que poucas seriam suficientes. Uma paciente próxima pediu-me algumas. Entreguei-as. Minha tigela de chá foi tudo o que restou. Provei, e só provar foi suficiente. Não tinha açúcar e tinha gosto de ter sido feito em cobre. Era tão fraco quanto a água. Isso também foi transferido para uma paciente mais faminta, apesar dos protestos da srta. Neville.

— Você deve se esforçar para comer — disse ela — Caso contrário, ficará doente e, com este ambiente, pode ficar louca. Para ter um bom cérebro, é preciso cuidar do estômago.

— É impossível para mim comer essas coisas — respondi e, apesar de toda a insistência dela, não comi nada naquela noite.

Não demorou muito tempo para as pacientes consumirem tudo o que era comestível na mesa, e depois recebemos a ordem de formar fila no corredor. Quando isso foi feito, as portas diante de nós foram destrancadas e fomos obrigadas a voltar para a sala de estar. Muitas das pacientes se aglomeravam perto de nós, e fui novamente induzida a tocar o piano, tanto por elas quanto pelas enfermeiras. Para agradar as pacientes, prometi tocar e a srta. Tillie Mayard deveria cantar. A primeira coisa que ela me pediu para tocar foi “Rock-a-bye Baby”, e foi o que fiz. Ela cantou lindamente.

Capítulo 11

No banho

Mais algumas músicas e nos mandaram ir com a srta. Grupe. Fomos levadas para um banheiro frio e úmido, e fui obrigada a me despir. Eu protestei? Bem, nunca fui tão incisiva na minha vida como quando tentei protestar. Elas disseram que, se eu não tomasse banho, usariam força e que não seriam muito gentis. Notei uma das mulheres mais loucas da ala, de pé, junto da banheira cheia, com um trapo grande e descolorido nas mãos. Ela estava tagarelando sozinha e rindo de uma maneira que me pareceu diabólica. Agora eu sabia o que fariam comigo. Estremeci. Elas começaram a me despir e, uma a uma, tiraram minhas roupas. Por fim, tudo se foi, exceto uma peça de roupa.

— Não vou tirá-la — declarei com veemência, mas elas a tiraram. Dei uma olhada no grupo de pacientes reunidas à porta, observando a cena, e pulei na banheira com mais energia do que graça.

A água estava gelada, e novamente comecei a protestar. Como foi inútil! Implorei, pelo menos, que as pacientes fossem embora, mas mandaram-me calar a boca. A louca começou a me esfregar. Não encontro outra palavra que expresse isso, a não ser esfregar. De uma pequena panela de lata, ela pegou um sabonete macio e esfregou por todo o meu corpo, mesmo em todo o rosto e no meu cabelo bonito. Eu não conseguia ver nem falar, apesar de ter implorado para que meu cabelo permanecesse intocado.

— Esfregue, esfregue, esfregue — disse a velha, falando consigo mesma.

Meus dentes batiam e meus membros estavam arrepiados e azuis de frio. De repente, despejaram, um após o outro, três baldes de água sobre a minha cabeça — água gelada —, nos olhos, ouvidos, nariz e boca. Acho que experimentei algumas das sensações de alguém que se afoga enquanto elas me arrastavam da banheira, ofegante, arrepiada e trêmula. Pela primeira vez eu parecia insana. Vi um olhar indescritível no rosto das minhas companheiras, que testemunharam meu destino e sabiam que o delas certamente estava chegando. Incapaz de me controlar diante da imagem absurda que apresentei, caí na gargalhada. Elas me vestiram, ainda pingando, com uma combinação de flanela curta, com uma etiqueta na extremidade em grandes letras negras, “Hospício para Loucos, I. B., S. 6.”. As letras significavam Ilha de Blackwell, Saguão 6.

A essa altura, a srta. Mayard já estava despida e, por mais que odiasse meu banho recente, eu teria tomado outro se assim pudesse tê-la poupado da experiência. Imagine mergulhar aquela garota doente em um banho frio que fez, a mim, que nunca estive doente, tremer como se estivesse com febre. Eu a ouvi explicar à srta. Grupe que sua cabeça ainda estava dolorida por causa da doença. Seu cabelo estava curto e quase todo despenteado, e ela pediu à louca para esfregá-la com mais delicadeza, mas a srta. Grupe disse:

— Não temos medo de machucá-la. Cale a boca ou vai ser pior. — A srta. Mayard se calou, e essa foi a última vez que a vi durante aquela noite.

Fui levada para um quarto onde havia seis camas e colocada em uma delas quando alguém apareceu e me puxou para fora de novo, dizendo:

— Nellie Brown precisa ficar em um quarto sozinha esta noite, pois suponho que ela seja barulhenta.

Fui levada para o quarto 28 e deixada ali para tentar me acomodar na cama. Foi uma tarefa impossível. A cama era alta no centro e inclinada de ambos os lados. Ao primeiro toque, minha cabeça inundou o travesseiro com água, e minha combinação molhada transferiu parte de sua umidade para o lençol. Quando a srta. Grupe entrou, perguntei se não poderia usar uma camisola.

— Não temos essas coisas nesta instituição — disse ela.

— Não gosto de dormir sem camisola — respondi.

— Bem, não ligo para isso. Você está em uma instituição pública agora e não pode esperar ganhar nada. Isto aqui é caridade, e você deve ser grata pelo que recebe.

— Mas a cidade paga para sustentar esses lugares — insisti — E paga as pessoas para serem gentis com os infelizes trazidos para cá.

— Bem, não espere nenhuma gentileza aqui, pois não vai receber. — Ela saiu e fechou a porta.

Havia um lençol e um oleado embaixo de mim, e um lençol e um cobertor de lã preta acima. Nunca senti nada tão irritante quanto aquele cobertor de lã enquanto tentava mantê-lo em volta dos meus ombros para impedir os calafrios. Quando o puxava para cima, deixava meus pés de fora e, quando o puxava para baixo, meus ombros ficavam expostos. Não havia absolutamente nada no quarto além da cama e de mim. Como a porta estava trancada, imaginei que me deixariam em paz durante a noite, mas ouvi o som dos passos pesados de duas mulheres no corredor. Elas paravam a cada porta, destrancavam-na e, em alguns instantes, eu as ouvia trancá-la. Fizeram isso, sem a menor tentativa de manter silêncio, por toda a extensão do lado oposto do corredor e até o meu quarto. Ali elas fizeram uma pausa. A chave foi inserida na fechadura e girada. Eu as observei entrar, usando vestidos listrados de marrom e branco, fechados por botões de latão, grandes aventais

brancos, um pesado cordão verde na cintura, do qual pendia um punhado de chaves grandes, e pequenos chapéus brancos na cabeça. Por estarem vestidas como as assistentes diurnas, eu sabia que eram enfermeiras. A primeira carregava uma lanterna e apontou sua luz para o meu rosto enquanto dizia à assistente:

— Esta é Nellie Brown.

— Quem é você? — perguntei, olhando para ela.

— A enfermeira noturna, minha querida — respondeu ela, e, desejando que eu dormisse bem, saiu e trancou a porta. Várias vezes durante a noite elas entraram no meu quarto e, mesmo que eu tivesse conseguido dormir, o destrancar da porta pesada, a conversa alta e os passos pesados teriam me despertado.

Não conseguia dormir, então me deitei na cama imaginando os horrores que aconteceriam caso houvesse um incêndio no hospício. Todas as portas são trancadas separadamente e as janelas têm barras, de modo a tornar a fuga impossível. Creio que o dr. Ingram me disse que só no prédio há trezentas mulheres. São trancadas de uma a dez em cada quarto. É inviável sair a menos que essas portas estejam destrancadas. Um incêndio não é impossível, mas uma das ocorrências mais prováveis. Se o prédio se incendiasse, os carcereiros e as enfermeiras nunca pensariam em liberar suas pacientes loucas. Posso provar isso mais tarde, quando contar a maneira cruel como tratam as pobres pessoas que lhes são confiadas. Como eu disse, em caso de incêndio, nem uma dúzia de mulheres conseguiria escapar. Todas seriam abandonadas para torrar até a morte. Mesmo se as enfermeiras fossem gentis, e elas não são, exigiria mais presença de espírito do que as mulheres de sua classe têm para arriscar a própria vida por entre as chamas para abrir as cem portas para as prisioneiras loucas. A menos que uma mudança aconteça,

algum dia haverá um conto de horror inigualável nesse lugar.

Em relação a isso, há um incidente engraçado que aconteceu pouco antes da minha libertação. Eu estava conversando com o dr. Ingram sobre muitas coisas e finalmente contei a ele o que achava que seria o resultado de um incêndio.

— As enfermeiras devem abrir as portas — disse ele.

— Mas você sabe muito bem que elas não fariam isso — respondi —, e essas mulheres queimariam até a morte.

Ele ficou em silêncio, incapaz de contradizer minha afirmação.

— Por que você não muda isso? — perguntei.

— O que posso fazer? Ofereço sugestões até meu cérebro se cansar, mas de que serve? O que você faria? — ele perguntou, virando-se para mim, a garota declarada insana.

— Bem, eu insistiria para usarem uma fechadura, como já vi em alguns lugares, com a qual, girando uma manivela no final do corredor, você pode trancar ou destrancar todas as portas de um lado. Assim haveria alguma chance de escapar. Agora, com cada porta sendo trancada separadamente, não há absolutamente nenhuma chance.

O dr. Ingram virou-se para mim com um olhar ansioso no rosto gentil enquanto perguntava lentamente:

— Nellie Brown, em qual instituição você esteve presa antes de vir para cá?

— Nenhuma. Nunca estive confinada em nenhuma instituição na minha vida, exceto no internato onde estudei.

— Onde você viu as fechaduras que descreveu?

Eu as tinha visto na nova Penitenciária Ocidental em Pittsburg, Pensilvânia, mas não me atrevi a dizer. Apenas respondi:

— Oh, eu as vi em um lugar em que estive... quero dizer, como visitante.

— Há apenas um lugar que eu conheço onde eles têm essas fechaduras — disse ele, tristemente. — Em Sing Sing⁸.

A dedução é conclusiva. Eu ri muito com a acusação implícita e tentei assegurar-lhe que eu nunca tinha sido, até aquela data, prisioneira em Sing Sing, nem sequer a visitara.

Assim que o dia começou a amanhecer, adormeci. Não pareceu passar muito tempo até me mandarem acordar e levantar, rudemente, abrindo a janela e tirando minhas roupas. Meu cabelo ainda estava molhado e eu sofria dores por todo o corpo, como se tivesse reumatismo. Algumas roupas foram jogadas no chão e me mandaram vesti-las. Pedi as minhas, mas a srta. Grady, aparentemente a enfermeira-chefe, mandou-me aceitar o que recebi e ficar quieta. Olhei para elas. Uma anágua feita de algodão grosso e escuro e um vestido branco barato de calicô com uma mancha preta. Amarrei os cordões da saia ao meu redor e pus o vestidinho. Era feito, como todos os usados pelas pacientes, com uma cintura reta e justa costurada em uma saia reta. Ao abotoar a cintura, notei que a anágua era cerca de quinze centímetros mais comprida que a saia, e por um momento me sentei na cama e ri da minha própria aparência. Nenhuma mulher nunca desejou um espelho mais do que eu naquele momento.

Vi as outras pacientes correndo no corredor, então decidi não perder nada que pudesse estar acontecendo. Éramos quarenta e cinco pacientes no Saguão 6 e fomos levadas ao banheiro, onde havia duas toalhas grosseiras. Observei pacientes loucas que tinham as mais perigosas erupções, em todo o rosto, secando-se nas toalhas e depois vi mulheres com a pele limpa usando-as. Fui à banheira e lavei o rosto na torneira aberta, e a anágua serviu de toalha.

Antes de eu concluir minha higiene, um banco foi levado ao banheiro. A srta. Grupe e a srta. McCarten entraram com pentes nas mãos. Nos mandaram sentar no banco, e os cabelos de quarenta e cinco mulheres foram penteados por uma paciente, duas enfermeiras e seis pentes. Quando vi algumas cabeças feridas serem penteadas, pensei que essa era outra situação pela qual não havia esperado. A srta. Tillie Mayard tinha seu próprio pente, mas foi tirado dela pela srta. Grady. Oh, o pentear! Eu nunca tinha percebido antes o que significava a expressão “vou te dar uma coça”, mas fiquei sabendo. Meu cabelo, todo emaranhado e molhado da noite anterior, foi puxado e arrancado, e, depois de reclamar sem sucesso, cerrei os dentes e suportei a dor. Elas se recusaram a me dar meus grampos de cabelo, e os fios foram arrumados em uma trança e amarrados com um trapo de algodão vermelho. Minha franja encaracolada se recusava a ficar para trás, de modo que não me restava nada da minha antiga glória.

Depois disso, fomos à sala de estar e procurei minhas companheiras. A princípio, olhei em vão, incapaz de diferenciá-las das outras pacientes, mas depois de um tempo reconheci a srta. Mayard pelos cabelos curtos.

— Como você dormiu depois do banho frio?

— Eu quase congelei, e depois o barulho me manteve acordada. É horrível! Meus nervos estavam tão fracos antes de eu chegar aqui, e temo não ser capaz de suportar a tensão.

Fiz o melhor possível para animá-la. Pedi que recebêssemos roupas adicionais, pelo menos tanto quanto o costume diz que as mulheres devem usar, mas me mandaram calar a boca e disseram que já tínhamos tudo o que pretendiam nos dar.

Fomos obrigadas a acordar às 5h30 e, às 7h15, fomos instruídas a nos reunir no saguão, onde a experiência de

esperar, como na noite anterior, repetiu-se. Quando finalmente chegamos à sala de jantar, encontramos uma tigela de chá frio, uma fatia de pão com manteiga e um pires de mingau de aveia com melaço para cada paciente. Eu estava com fome, mas a comida não descia. Pedi pão sem manteiga e o consegui. Não posso citar nada com a mesma cor suja. Era duro e, em alguns pontos, nada além de massa seca. Encontrei uma aranha na minha fatia e não a comi. Experimentei o mingau de aveia com melaço, mas era terrível, e por isso me esforcei, sem muito sucesso, para engolir o chá.

Depois que voltamos à sala de estar, mandaram várias mulheres arrumarem as camas, algumas das pacientes foram submetidas a lavar o chão, e outras receberam diferentes tarefas que cobriam todo o trabalho no saguão. Não são as enfermeiras que mantêm a instituição tão agradável para as pobres pacientes, como eu sempre pensara, mas sim as pacientes, fazendo tudo sozinhas — até limpar os quartos das enfermeiras e cuidar de suas roupas.

Por volta das 9h30, as novas pacientes, das quais eu era uma, foram instruídas a ver o médico. Fui levada e meus pulmões e meu coração foram examinados por aquele jovem médico, o primeiro a nos ver no dia em que entramos. Quem fez o relatório, se não me engano, foi o superintendente-assistente, Ingram. Algumas perguntas e fui autorizada a retornar à sala de estar.

Entrei e vi a srta. Grady com meu caderno e meu lápis, comprados apenas para a ocasião.

— Quero meu caderno e meu lápis — eu disse, sinceramente. — Isso me ajuda a lembrar das coisas.

Estava muito ansiosa para fazer anotações e fiquei decepcionada quando ela disse:

— Você não pode ficar com eles, então cale a boca.

Alguns dias depois, perguntei ao dr. Ingram se poderia ficar com minhas coisas e ele prometeu considerar o assunto. Quando falei disso novamente, ele respondeu que a srta. Grady disse que eu só trouxera caderno e não tinha lápis. Fiquei ofendida e insisti que sim. Depois disso, fui aconselhada a lutar contra as fantasias da minha mente.

Assim que as tarefas domésticas foram concluídas pelas pacientes, e como o dia estava bom, mas frio, fomos instruídas a ir para o corredor e vestir xales e chapéus para passear. Pobres pacientes! Quão ansiosas estavam por um pouco de ar fresco, por um momento de liberdade. Entraram rapidamente no corredor e houve uma luta por chapéus. Por chapéus!

Capítulo 12

Passeando com as lunáticas

Jamais esquecerei minha primeira caminhada. Quando todas as pacientes vestiram os chapéus de palha brancos, como os que as banhistas usam em Coney Island, não pude deixar de rir de sua aparência cômica. Não consegui distinguir uma mulher de outra. Perdi a srta. Neville e tive de tirar o chapéu e procurá-la. Quando nos encontramos, vestimos nossos chapéus e rimos uma da outra. Formamos duplas na fila e, vigiadas pelas assistentes, saímos para a caminhada.

Não tínhamos dado muitos passos quando enxerguei, vindas de outros cantos, longas filas de mulheres vigiadas por enfermeiras. Eram muitas! Para todos os lados que olhava, podia vê-las com seus vestidos esquisitos, chapéus de palha engraçados e xales, marchando lentamente por ali. Observei avidamente as filas que passavam e um sentimento de horror tomou conta de mim. Olhos vazios e rostos inexpressivos, e suas línguas proferiam bobagens sem sentido. Uma multidão passou e notei, tanto pelo nariz quanto pelos olhos, estarem terrivelmente sujas.

— Quem são elas? — perguntei a uma paciente perto de mim.

— São consideradas as mais violentas da ilha — respondeu ela. — São do Alojamento, o primeiro prédio com degraus altos.

Algumas gritavam, outras xingavam, outras cantavam, oravam ou pregavam, ou qualquer coisa que quisessem, e formavam a coleção de seres humanos mais infeliz que já

vi. Quando o barulho da passagem delas desapareceu a distância, surgiu outra visão, a qual nunca esquecerei:

Uma corda comprida prendia-se a largos cintos de couro, e esses cintos prendiam a cintura de cinquenta e duas mulheres. No final da corda, havia um carrinho de ferro pesado, e nele duas mulheres — uma cuidava do pé machucado, e a outra gritava para uma enfermeira, dizendo:

— Não me esquecerei que você me bateu. Você quer me matar — e ela soluçava e chorava.

As “mulheres da corda”, como as pacientes as chamam, estavam ocupadas com suas loucuras individuais. Algumas gritavam o tempo todo. Uma de olhos azuis me viu olhando para ela e se virou o máximo que pôde, dando-me as costas, tagarelando e sorrindo, com aquele olhar terrível e apavorante de insanidade absoluta estampado no rosto. Os médicos podem julgar seu caso com segurança. O horror dessa visão para alguém que nunca estivera perto de uma insana antes era algo indizível.

— Deus as ajude! — A srta. Neville suspirou. — É tão terrível que não consigo olhar.

Elas passaram, apenas para seus lugares serem tomados por outras. Você consegue imaginar a visão? Segundo um dos médicos, existem 1.600 insanas na Ilha de Blackwell.

Loucas! O que pode ser mais horrível? Meu coração ficou cheio de pena quando vi velhas de cabelos grisalhos conversando com o nada. Uma mulher vestia uma camisa de força e outras duas tinham de arrastá-la. Aleijadas, cegas, velhas, jovens, comuns e bonitas, uma massa sem sentido de seres humanos. Nenhum destino poderia ser pior.

Olhei para os belos gramados, que uma vez pensei serem de grande conforto para as pobres criaturas confinadas na ilha, e ri de minhas próprias ideias. Que

prazer há para elas? Elas não têm permissão para ficar na grama — podem apenas olhar. Vi algumas pacientes pegarem ansiosa e carinhosamente uma noz ou folha colorida caída no caminho. Mas elas não tinham permissão para ficar com o que pegavam. As enfermeiras sempre as compeliavam a jogar fora o pouco conforto ganho de Deus.

Quando passei por um pavilhão baixo, onde uma multidão de loucas indefesas estava confinada, li um lema na parede: “Enquanto eu viver, terei esperança”. O absurdo disso me atingiu com força. Gostaria de colocar acima dos portões que se abrem para o hospício: “Quem entra aqui deixa a esperança para trás”.

Durante a caminhada, fiquei muito aborrecida com as enfermeiras, as quais tinham ouvido minha história romântica, chamando as pessoas encarregadas de nós para perguntar quem eu era. Fui apontada várias vezes.

Não demorou muito até a hora do jantar, e eu estava com tanta fome que senti poder comer qualquer coisa. A mesma velha história de ficar meia hora ou quarenta e cinco minutos no saguão se repetiu antes de recebermos o jantar. As tigelas em que tomamos o chá estavam agora cheias de sopa e, em um prato, havia uma batata cozida fria e um pedaço de carne que, sob investigação, provaram estar um pouco estragados. Não havia facas nem garfos, e as pacientes ganharam um aspecto selvagem enquanto pegavam a carne dura nos dedos e a colocavam entre os dentes. Aquelas sem dentes ou com dentes ruins não conseguiram comê-la. Recebemos uma colher para a sopa, e um pedaço de pão foi o prato final. A manteiga nunca é permitida no jantar, nem café ou chá. A srta. Mayard não conseguia comer, e vi muitas doentes se afastarem com nojo. Eu estava ficando muito fraca com a falta de comida e tentei comer uma fatia de pão. Após as primeiras mordidas, a fome se manifestou e consegui comer tudo, menos as crostas de uma fatia.

O dr. Dent, o superintendente, atravessou a sala de estar, dizendo às vezes: “Como vai?”, “Como você está hoje?”, aqui e ali entre as pacientes. Sua voz era tão fria quanto o saguão, e as pacientes não fizeram nenhuma tentativa de lhe contar seus sofrimentos. Pedi a algumas delas para contarem como estavam sofrendo com o frio e a insuficiência de roupas, mas responderam que as enfermeiras lhes dariam uma surra se contassem.

Nunca estive tão cansada quanto quando estava sentada naquele banco. Várias pacientes se sentavam sobre um dos pés ou de lado para variar, mas eram sempre instruídas a ficar eretas. Se falavam, eram repreendidas com ordens de calar a boca; se queriam andar por aí a fim de tirar a rigidez do corpo, eram instruídas a se sentar e ficar quietas. O que, exceto a tortura, produziria insanidade mais rápido que esse tratamento? Aqui está um grupo de mulheres enviadas para serem curadas. Eu gostaria que os médicos especialistas me condenando por minha ação, a qual provou a capacidade deles, pegassem uma mulher perfeitamente sã e saudável, trancafiassem-na e a fizessem ficar sentada das 6 às 20 horas em bancos retos, não permitissem conversar ou se mexer durante essas horas, não dessem a ela nada para ler e não a deixassem saber nada do mundo ou o ocorre lá fora, dessem a ela comida ruim e tratamento severo, e observassem quanto tempo levaria para deixá-la louca. Dois meses a tornariam uma ruína, mental e fisicamente.

Descrevi meu primeiro dia no hospício e, como os outros nove foram exatamente iguais no decorrer geral dos acontecimentos, seria cansativo falar sobre cada um. Ao contar essa história, imagino que muitos daqueles que foram expostos vão me contradizer. Apenas conto em palavras simples, sem exagero, minha vida em um hospício por dez dias.

Comer era uma das coisas mais horríveis. Exceto nos dois primeiros dias após a entrada no hospício, não havia sal para a comida. As mulheres com fome, e até famintas, tentavam comer aquela refeição horrível. Mostarda e vinagre eram colocados na carne e na sopa para dar gosto, mas isso só ajudava a piorar. Até isso se esgotou após dois dias, e as pacientes tiveram que tentar engolir peixe fresco, apenas fervido em água, sem sal, pimenta nem manteiga; carne de carneiro, bife e batatas sem o menor tempero. As mais loucas recusaram-se a engolir a comida e foram ameaçadas de punição. Em nossas caminhadas curtas, passávamos pela cozinha onde a comida era preparada para as enfermeiras e os médicos. Lá, tínhamos vislumbres de melões, de uvas e de todos os tipos de frutas, lindos pães brancos e carnes de qualidade, e a sensação de fome aumentava dez vezes. Conversei com alguns médicos, mas não adiantou, e, quando saí, a comida continuava sem sal.

Meu coração doía ao ver as pacientes doentes ficarem mais doentes à mesa. Vi a srta. Tillie Mayard tão subitamente derrotada ao dar uma mordida que teve de sair correndo da sala de jantar e depois ganhou uma bronca por isso. Quando as pacientes reclamavam da comida, mandavam-nas calar a boca, pois não teriam nada tão bom se estivessem em casa e estava tudo bom demais para pacientes de caridade.

Uma garota alemã, Louise — esqueci seu sobrenome —, passou vários dias sem comer e, por fim, numa manhã ela desapareceu. Pela conversa das enfermeiras, descobri que ela estava com febre alta. Pobrezinha! Disse-me que orava incessantemente pela morte. Observei as enfermeiras fazerem uma paciente carregar a comida que outras recusavam até o quarto de Louise. Pense nesse tratamento para uma paciente com febre! Claro, ela recusou. Então vi uma enfermeira, a srta. McCarten, ir medir sua temperatura e voltar dizendo que era cerca de 65 graus. Sorri com a

informação, e a srta. Grupe, ao me ver, perguntou a que altura minha temperatura já havia chegado. Eu me recusei a responder. A srta. Grady decidiu então testar sua habilidade. Voltou dizendo que a temperatura era de 37 graus.

A srta. Tillie Mayard sofreu mais do que qualquer uma de nós com o frio, e ainda assim tentou seguir meu conselho de se animar e tentar aguentar por um curto período.

O dr. Dent trouxe um homem para me ver. Ele sentiu meu pulso e minha cabeça e examinou minha língua. Contei a eles como estava frio e assegurei que não precisava de atendimento médico, mas a srta. Mayard, sim, e eles deveriam transferir suas atenções para ela. Não me responderam, e fiquei satisfeita ao ver a srta. Mayard sair de seu lugar e se apresentar a eles. Ela disse aos médicos sobre estar doente, mas não prestaram atenção nela. As enfermeiras vieram e a arrastaram de volta para o banco, e, depois que os médicos foram embora, disseram:

— Depois de um tempo, quando perceber que os médicos não a notarão, você deixará de correr atrás deles.

Antes que os médicos me deixassem em paz, ouvi um deles dizer — não posso repetir suas palavras exatas — que meu pulso e olhos não eram os de uma insana, mas o superintendente garantiu a ele que, em casos como o meu, esses exames falhavam. Depois de me observar por um tempo, disse sobre meu rosto ser o mais vivaz que ele já vira em uma lunática.

As enfermeiras usavam roupas de baixo reforçadas e casacos, mas se recusavam a nos dar xales. Quase a noite toda, ouvi uma mulher chorar de frio e implorar que Deus a deixasse morrer. Outra gritou “Assassinato!” em intervalos frequentes e “Polícia!” em outros, até deixar minha pele arrepiada de medo.

Na segunda manhã, depois de termos começado nossos intermináveis preparativos para o dia, duas das enfermeiras, auxiliadas por algumas pacientes, trouxeram a mulher que havia implorado na noite anterior para Deus a levar para casa. Não fiquei surpresa com sua oração. Ela parecia ter setenta anos e era cega. Embora os corredores estivessem gelados, aquela velha não usava mais roupas do que o resto de nós, como descrevi. Quando foi trazida para a sala de estar e colocada no banco duro, ela chorou:

— Oh, o que estão fazendo comigo? Estou com frio, muito frio. Por que não posso ficar na cama nem usar xale? — E então ela se levantava e se esforçava para tatear o caminho e sair da sala.

Às vezes, as assistentes a puxavam de volta para o banco e, de novo, deixavam-na andar e riam cruelmente quando ela batia contra a mesa ou a beira dos bancos. Uma vez, ela disse sobre os sapatos pesados que a caridade fornece machucavam seus pés e os tirou. As enfermeiras fizeram duas pacientes calçarem-na outra vez, e depois que ela os tirou várias vezes e lutou contra mantê-los nos pés, contei sete pessoas ao mesmo tempo tentando calçar-lhe. A velha tentou se deitar no banco, mas a forçaram a sentar-se de novo. Era tão lamentável ouvi-la chorar:

— Oh, me dê um travesseiro e puxe as cobertas por cima de mim, estou com tanto frio.

Com isso, vi a srta. Grupe sentar-se sobre ela e passar as mãos frias pelo rosto da velha e por dentro da gola do vestido. Com os gritos da velha, ela riu ferozmente, assim como as outras enfermeiras, e repetiu seu ato cruel. Naquele dia, a velha foi levada para outra ala.

Capítulo 13

Sufocando e batendo nas pacientes

A srta. Tillie Mayard sofreu muito com o frio. Uma manhã, ela se sentou no banco ao meu lado e estava lívida de frio. Seus membros tremiam e os dentes batiam. Falei com as três assistentes que estavam sentadas, com casacos, à mesa no centro da sala.

— É cruel prender as pessoas e deixá-las congelar — eu disse.

Responderam que ela vestia o mesmo que qualquer uma das outras e não receberia nada mais. Nesse momento, a srta. Mayard teve um ataque e todas as pacientes ficaram assustadas. A srta. Neville a pegou nos braços e a abraçou, embora as enfermeiras tenham dito grosseiramente:

— Deixe-a cair no chão e isso lhe ensinará uma lição.

A srta. Neville disse a elas o que achava de seus atos, e então recebi ordens para ir até o escritório.

Assim que cheguei lá, o dr. Dent veio até a porta e contei como estávamos sofrendo com o frio e qual era a condição da srta. Mayard. Sem dúvida, falei de modo incoerente, pois mencionei o estado da comida, o tratamento das enfermeiras e sua recusa em dar mais roupas, a condição da srta. Mayard e as enfermeiras nos dizendo que, por se tratar de uma instituição pública, não podíamos esperar bondade. Assegurando-lhe que não precisava de cuidados médicos, disse-lhe para ir ver a srta.

Mayard. Ele fez isso. Pela srta. Neville e por outras pacientes, fiquei sabendo o que aconteceu. A srta. Mayard ainda estava em seu ataque e ele a agarrou bruscamente entre as sobancelhas ou perto dessa área, e beliscou até seu rosto ficar vermelho em razão do fluxo de sangue na cabeça e ela recuperasse os sentidos. Durante todo o dia, ela sofreu uma terrível dor de cabeça e, a partir daí, piorou.

Insano? Sim, insano e, enquanto observava a insanidade surgir devagar na mente que parecera estar sã, xinguei secretamente os médicos, as enfermeiras e todas as instituições públicas. Alguém pode dizer que ela já estava louca antes de entrar no hospício. Então, se fosse esse o caso, era aquele o lugar certo para o qual mandar uma mulher convalescente, para tomar banhos frios, ser privada de roupas suficientes e alimentada com uma comida horrível?

Naquela manhã, tive uma longa conversa com o dr. Ingram, o superintendente-assistente do hospício. Descobri que ele era gentil para com os seres indefesos sob sua responsabilidade. Comecei minha antiga queixa de frio, e ele chamou a srta. Grady para o consultório e pediu mais roupas para dar às pacientes. A srta. Grady disse que, se eu continuasse fazendo essas denúncias, as consequências seriam graves para mim, e que estava me avisando.

Muitos visitantes procurando por garotas desaparecidas vieram me ver. A srta. Grady gritou na porta do saguão um dia:

— Nellie Brown, estão procurando por você.

Fui à sala de estar no final do corredor e lá estava um cavalheiro que me conhecia intimamente havia anos. Vi pela palidez repentina de seu rosto e por sua incapacidade de falar que a minha aparência era totalmente inesperada e o chocara terrivelmente. Num instante, decidi que, se ele me traísse dizendo que eu era Nellie Bly, eu responderia

nunca tê-lo visto antes. No entanto, tinha uma carta para jogar e arrisquei. Com a srta. Grady à distância de um toque, sussurrei apressadamente para ele, numa linguagem mais expressiva que elegante:

— Não me denuncie.

Pela expressão de seus olhos, percebi que ele entendera, então eu disse à srta. Grady:

— Eu não conheço esse homem.

— Você a conhece? — perguntou ela.

— Não, essa não é a jovem que eu procuro — ele respondeu com uma voz tensa.

— Se não a conhece, não pode ficar aqui — ela disse, e o levou até a porta. De repente, ocorreu-me um medo de ele pensar que eu havia sido enviada para lá por engano, contasse a meus amigos e fizesse um esforço para me libertar. Então esperei até a srta. Grady destrancar a porta. Eu sabia que ela teria que trancá-la antes de se retirar, e o tempo necessário para isso me daria oportunidade de falar, então gritei:

— Um momento, senhor. — Ele se voltou para mim e perguntei em voz alta: — Fala espanhol, *señor*? — E depois sussurrei: — Está tudo bem. Estou atrás de um furo. Fique calmo.

— Não — respondeu ele, com uma ênfase peculiar, a qual eu sabia significar que guardaria meu segredo.

As pessoas no mundo nunca poderiam imaginar a duração dos dias para as pessoas num hospício. Eles pareciam nunca terminar, e recebíamos com satisfação qualquer acontecimento que nos desse algo em que pensar e conversar. Não há nada para ler, e o único tema de conversa que nunca se desgasta é pensar na boa comida que as pessoas receberão assim que saírem. Ansiosamente aguardava-se a hora na qual o barco chegava para ver se havia novas infelizes para se juntar a nós. Quando

chegavam e eram levadas à sala de estar, as pacientes expressavam solidariedade umas pelas outras e ficavam ansiosas para demonstrar-lhes pequenos sinais de atenção. O Saguão 6 era o saguão de recepção, e era assim que víamos todas as recém-chegadas.

Logo após a minha chegada, uma garota chamada Urena Little-Page foi trazida. Ela era, pois assim nascera, boba, e seu ponto fraco era, como em muitas mulheres sensíveis, sua idade. Alegava ter dezoito anos e ficava muito zangada se alguém dissesse o contrário. As enfermeiras não demoraram muito para descobrir isso, então a provocaram.

— Urena — disse a srta. Grady —, os médicos dizem que você tem trinta e três anos em vez de dezoito. — E as outras enfermeiras riram.

Continuaram assim até que a simples criatura começou a gritar e a chorar, dizendo querer ir para casa e que todos a tratavam mal. Depois de conseguirem toda a diversão que queriam, e ela estava chorando, começaram a repreendê-la e a mandá-la ficar quieta. Ela ficava mais histérica a cada momento, até que a atacaram, batendo em seu rosto e em sua cabeça com vigor. Isso fez a pobre criatura chorar ainda mais, e então elas a sufocaram. Sim, realmente a sufocaram. Então, arrastaram-na para o armário, e ouvi seus gritos aterrorizados serem abafados. Depois de várias horas de ausência, ela voltou para a sala de estar e vi claramente as marcas dos dedos na sua garganta durante o dia inteiro.

Essa punição pareceu despertar o desejo de machucar mais. Elas voltaram para a sala de estar e agarraram uma velha de cabelos grisalhos, quem eu ouvira falar tanto com a srta. Grady quanto com a sra. O'Keefe. Ela era insana e falava quase o tempo todo consigo mesma e com quem estivesse por perto. Nunca falou muito alto, e nesse dia estava sentada inofensivamente tagarelando consigo

mesma. Elas a agarraram, e meu coração doeu quando ela gritou:

— Pelo amor de Deus, senhoras, não deixe que elas me batam.

— Cale a boca, sua atrevida! — disse a srta. Grady enquanto pegava a mulher pelos cabelos grisalhos e a arrastava, gritando e implorando, para fora da sala. Ela também foi levada para o armário e seus gritos ficaram cada vez mais fracos, depois cessaram.

As enfermeiras voltaram para a sala e a srta. Grady observou que “havia resolvido o problema da velha tola por um tempo”. Conteí a alguns médicos sobre a ocorrência, mas eles não prestaram atenção.

Uma das pessoas do Saguão 6 era Matilda, uma velhinha alemã que, acredito, enlouqueceu devido à perda de dinheiro. Era pequena e tinha uma linda tez rosada. Não criava muito problema, só às vezes. Se revezava entre falar com os aquecedores a vapor e subir em uma cadeira e falar com as janelas. Nessas conversas, criticava os advogados que haviam tomado sua propriedade. As enfermeiras pareciam se divertir muitíssimo ao provocar a velha alma inofensiva. Um dia, sentei-me ao lado da srta. Grady e da srta. Grupe e as ouvi dizer-lhe palavras perfeitamente vis pelas quais deveria chamar a srta. McCarten. Depois de incentivarem-na a dizer essas coisas, mandaram-na para a outra enfermeira, mas Matilda provou que, mesmo em seu estado, tinha mais bom senso do que elas.

— Não posso lhe contar. É particular — era tudo o que ela dizia.

Vi a srta. Grady, com o pretexto de sussurrar para ela, cuspir em seu ouvido. Matilda limpou a orelha silenciosamente e não disse nada.

Capítulo 14

Algumas histórias tristes

A essa altura, eu conhecia a maioria das quarenta e cinco mulheres no Saguão 6. Deixe-me apresentar algumas. Louise, a bonita garota alemã de quem falei anteriormente como febril, tinha a ilusão de que os espíritos de seus pais mortos estavam com ela.

— Levei muitas surras da srta. Grady e de suas assistentes — disse ela —, e sou incapaz de comer a comida horrível que elas nos dão. Não deveria ser obrigada a congelar por falta de roupas adequadas. Oh! Rezo todas as noites para ser levada para meu pai e minha mãe. Uma noite, quando estava confinada em Bellevue, o dr. Field entrou; eu estava na cama e cansada do exame. Por fim, falei: “Estou cansada disso. Não falarei mais”. “Não falará?”, ele respondeu, irritado. “Vamos ver se não a farei falar”. Com isso, ele colocou a muleta no lado da cama e, apoiando-se nela, me beliscou com força nas costelas. Pulei na cama e disse: “O que é isso?”. “Quero ensiná-la a obedecer quando falo com você”, respondeu ele. Ah, se eu pudesse morrer e ir com o papai!

Quando saí, ela estava confinada à cama, com febre, e talvez agora tenha conseguido o que desejava.

Há uma francesa confinada no Saguão 6, ou havia durante minha estada, a qual acredito firmemente ser muitíssimo sã. Eu a observei e conversei com ela todos os dias, exceto nos três últimos, e não consegui encontrar nenhuma ilusão ou mania nela. Seu nome é Josephine

Despreau, se estiver escrito corretamente, e o marido e todos os amigos estão na França. Josephine sofre profundamente sua condição. Seus lábios tremem e ela começa a chorar quando fala de seu desamparo.

— Como você chegou aqui? — perguntei.

— Um dia enquanto tentava tomar o café da manhã, fiquei mortalmente doente, e dois policiais foram chamados pela senhoria, e fui levada para a delegacia. Não consegui entender os procedimentos deles e prestaram pouca atenção à minha história. Os comportamentos neste país eram novos para mim e, antes que eu percebesse, fui internada como louca neste hospício. Quando cheguei, chorei por estar aqui sem esperança de libertação, e, por chorar, a srta. Grady e suas assistentes me sufocaram até machucar minha garganta, que está dolorida desde então.

Uma bela jovem hebreia falava tão pouco inglês que eu não conseguia entender sua história, a não ser pelo que as enfermeiras contavam. Disseram que seu nome é Sarah Fishbaum e que o marido a colocou no hospício porque ela gostava de outros homens além dele. Considerando que Sarah fosse louca, e pelos homens, deixe-me contar como as enfermeiras tentavam “curá-la”. Elas a chamavam e diziam:

— Sarah, você não gostaria de sair com um jovem simpático?

— Ah, sim, um jovem é bom — Sarah respondia em suas poucas palavras em inglês.

— Bem, Sarah, não gostaria que falássemos bem de você para alguns médicos? Não gostaria de sair com um dos médicos?

Então perguntavam a ela qual médico preferia e a aconselhavam a avançar quando ele visitasse o saguão, e assim por diante.

Eu estivera observando e conversando com uma mulher de pele clara por vários dias, e fiquei sem saber por qual motivo ela havia sido mandada para lá, já que era tão sã.

— Por que você veio para cá? — perguntei-lhe um dia, depois de termos tido uma longa conversa.

— Eu estava doente — respondeu ela.

— Está doente mentalmente?

— Ah, não, o que lhe deu essa impressão? Eu estava trabalhando demais e desmoronei. Tendo alguns problemas familiares, sem um tostão e nenhum lugar para ir, solicitei aos comissários que me mandassem para o abrigo dos pobres até poder voltar a trabalhar.

— Mas eles não mandam pessoas pobres para cá, a menos que sejam insanas — respondi. — Você não sabe que apenas as mulheres loucas, ou aquelas assim consideradas, são trazidas para cá?

— Depois de chegar aqui, eu soube que a maioria dessas mulheres era insana, mas acreditei quando me disseram sobre este ser o lugar para o qual enviavam todos os pobres que solicitavam ajuda como eu havia feito.

— Como você foi tratada? — perguntei.

— Bem, até agora escapei de uma surra, embora tenha ficado enojada ao ver muitas apanharem. Quando fui trazida para cá, elas vieram me dar um banho, e a própria doença da qual eu precisava ser tratada e da qual estava sofrendo exigia que eu não tomasse banho. Mas elas me obrigaram, e meus sofrimentos aumentaram muito, por semanas depois.

A sra. McCartney, cujo marido é alfaiate, parece perfeitamente racional e não tem nenhuma fantasia. Mary Hughes e a sra. Louise Schanz não demonstraram sinais óbvios de insanidade.

Um dia, duas recém-chegadas foram acrescentadas à nossa lista. A primeira era uma idiota, Carrie Glass, e a outra era uma garota alemã de boa aparência — parecia muito jovem e, quando chegou, todas as pacientes falaram de sua figura agradável e aparente sanidade. Seu nome era Margaret. Ela me disse que tinha sido cozinheira e que era extremamente asseada. Um dia, depois de ela esfregar o chão da cozinha, as camareiras desceram e o sujaram deliberadamente. Ela perdeu a compostura e começou a brigar com elas; um policial foi chamado e ela foi levada para um hospício.

— Como podem dizer que sou louca, simplesmente porque deixei a raiva tomar conta de mim? — ela reclamou. — Outras pessoas não são trancafiadas como loucas quando ficam bravas. Suponho que a única coisa a fazer é ficar quieta e, assim, evitar as surras que vejo as outras receberem. Ninguém pode dizer uma palavra sobre mim. Faço tudo o que me mandam e todo o trabalho que me dão. Sou obediente em todos os aspectos e faço de tudo para provar a elas que sou sã.

Um dia, uma mulher insana foi trazida. Ela era barulhenta, e a srta. Grady bateu nela e a deixou com um olho roxo. Quando os médicos perceberam e perguntaram se aquilo havia acontecido antes de ela chegar, as enfermeiras disseram que sim.

Enquanto eu estava no Saguão 6, nunca ouvi as enfermeiras falarem com as pacientes, exceto para repreendê-las, gritar com elas ou provocá-las. Passavam boa parte do tempo fofocando sobre os médicos e sobre as outras enfermeiras de modo nada edificante. A srta. Grady quase sempre intercalava sua conversa com linguagem profana, e geralmente começava as frases invocando o nome do Senhor. Os nomes pelos quais chamava as pacientes eram do tipo mais baixo e profano. Certa noite, brigou com outra enfermeira por causa do pão enquanto

jantávamos, e, quando a enfermeira saiu, ela despejou palavrões e fez comentários feios sobre a outra.

À noite, uma mulher, a qual eu supunha ser chefe de cozinha dos médicos, costumava trazer passas, uvas, maçãs e biscoitos para as enfermeiras. Imagine os sentimentos das pacientes famintas enquanto elas se sentavam e observavam as enfermeiras comerem o que para elas era um sonho de luxo.

Uma tarde, o dr. Dent estava conversando com uma paciente, a sra. Turney, sobre alguns problemas que ela tivera com uma enfermeira ou governanta. Pouco tempo depois, fomos levadas para o jantar, e a mulher que espancara a sra. Turney, e de quem o dr. Dent falava, estava sentada à porta da sala de jantar. De repente, ela pegou sua tigela de chá e, correndo pela porta, atirou-a na mulher que a espancara. Houve alguns gritos altos e ela voltou ao seu lugar. No dia seguinte, foi transferida para a “corda”, a qual deveria ser composta pelas mulheres mais perigosas e suicidas da ilha.

No começo, eu não conseguia dormir, nem queria, já que poderia ouvir algo novo. As enfermeiras noturnas podem ter reclamado do fato. De qualquer forma, uma noite, elas entraram e tentaram me fazer tomar uma dose de alguma mistura em um copo “para me fazer dormir”, disseram. Respondi que não faria nada disso e elas me deixaram, e eu esperava que não voltassem pelo resto da noite. Minhas esperanças foram vãs, pois em poucos minutos elas voltaram com um médico, o mesmo a nos receber na chegada. Ele insistiu que tomasse a mistura, mas eu estava determinada a não perder os sentidos nem por algumas horas. Quando ele viu que não conseguiria me persuadir, foi bastante rude e disse já haver perdido muito tempo comigo. Que, se eu não tomasse o remédio, ele o injetaria no meu braço com uma agulha. Ocorreu-me que, se ele o injetasse no meu braço, não conseguiria me livrar

dele, mas se o engolisse havia uma esperança, então respondi que aceitaria. Cheirava a láudano e tinha um gosto horrível. Assim que saíram da sala e me trancaram, tentei ver até onde um dedo chegaria na minha garganta, e a mistura foi autorizada a tentar fazer efeito em outro lugar.

Quero dizer que a enfermeira da noite, Burns, no Saguão 6, parecia muito gentil e paciente com as pessoas pobres e aflitas. Já as outras enfermeiras fizeram várias tentativas de conversar comigo sobre amantes e me perguntaram se eu não gostaria de ter um. Descobriram que eu era muito reservada quanto a esse assunto tão popular para elas.

Uma vez por semana, as pacientes tomam banho, e essa é a única vez que veem sabão. Um dia, uma paciente me entregou um pedaço de sabão do tamanho de um dedal. Considerei uma grande delicadeza ela querer ser gentil, mas achei que ela apreciaria o sabão barato mais do que eu, então agradei, mas não o aceitei.

No dia do banho, a banheira é enchida com água e as pacientes são lavadas, uma após a outra, sem troca. Isso é feito até a água ficar realmente turva e, em seguida, permitem que ela escorra e a banheira seja reabastecida sem ser lavada. As mesmas toalhas são usadas em todas as mulheres, tanto nas com erupções quanto nas que não as têm. As pacientes saudáveis lutam por uma troca de água, mas são obrigadas a se submeter aos ditames das enfermeiras preguiçosas e tirânicas. Os vestidos raramente são trocados com mais frequência do que uma vez por mês. Se a paciente tiver um visitante, já vi as enfermeiras se apressarem a trocar o vestido dela antes da visita. Isso mantém a aparência de um tratamento cuidadoso e bom.

As pacientes que não conseguem cuidar de si mesmas ficam em condições brutais, e as enfermeiras nunca cuidam delas, mas ordenam que outras pacientes o façam.

Por cinco dias, fomos obrigadas a permanecer na sala o dia inteiro. Eu nunca havia passado tanto tempo num lugar. Toda paciente ficava rígida, dolorida e cansada. Nós nos reuníamos em pequenos grupos nos bancos e torturávamos nossos estômagos evocando pensamentos sobre o que comeríamos primeiro quando saíssemos. Se eu não soubesse o quanto elas estavam famintas e o lado lamentável disso, a conversa teria sido muito divertida. Só serviu para me deixar triste. Quando o assunto da comida, o qual parecia ser o favorito, esgotava-se, elas costumavam dar suas opiniões sobre a instituição e sua administração. A condenação das enfermeiras e dos alimentos era unânime.

Com o passar dos dias, a condição da srta. Tillie Mayard piorou. Ela estava sempre com frio e incapaz de comer a comida fornecida. Dia após dia, cantava para tentar preservar a memória, mas finalmente a enfermeira a fez parar. Eu conversava com ela todo dia, e fiquei triste ao vê-la piorar tão rapidamente. Por fim, ela teve uma alucinação. Pensou que eu estava tentando me passar por ela e que todas as pessoas vindo ver Nellie Brown eram amigas em busca dela, mas que, de alguma maneira, eu estava tentando enganá-las e fazê-las crer que eu era a garota certa. Tentei argumentar com ela, mas vi ser impossível, então me afastei o máximo que pude, para minha presença não piorar seu estado e alimentar sua fantasia.

Uma das pacientes, a sra. Cotter, uma mulher bonita e delicada, um dia pensou ter visto o marido subindo o caminho até o hospício. Ela deixou a fila na qual estava marchando e correu para encontrá-lo. Por esse ato, foi enviada para o Retiro. Contou depois:

— A lembrança é suficiente para me enlouquecer. Por chorar, as enfermeiras me bateram com um cabo de vassoura e pularam em mim, ferindo-me internamente, para eu nunca me recuperar. Depois, amarraram minhas mãos e pés e, jogando um lençol sobre minha cabeça, torceram-no

com força em volta da minha garganta, para que eu não pudesse gritar, e assim me colocaram em uma banheira cheia de água fria. Elas me seguraram até eu desistir de todas as esperanças e perder os sentidos. Outras vezes, seguravam minhas orelhas e batiam minha cabeça no chão e contra a parede. Depois, puxavam meu cabelo pela raiz, para que ele nunca mais crescesse.

A sra. Cotter me mostrou provas de sua história, o ferimento na parte de trás da cabeça e os buracos de onde os cabelos foram arrancados. Conto a história dela da maneira mais clara possível:

— Meu tratamento não foi tão ruim quanto os das outras pessoas que vi sofrerem, mas arruinou minha saúde e, mesmo que eu saia daqui, estarei destruída. Quando meu marido soube do tratamento que me deram, ele ameaçou denunciar o local se eu não fosse transferida, então fui trazida para cá. Agora, estou bem mentalmente. Todo aquele velho medo me deixou, e o médico prometeu permitir que meu marido me levasse para casa.

Conheci Bridget McGuinness, que parece estar sã no momento. Ela disse que foi enviada para o Retiro 4 e colocada na “corda”.

— O espancamento que sofri lá foi algo terrível. Fui puxada pelos cabelos, mantida debaixo d’água até perder o ar, e fui sufocada e chutada. As enfermeiras sempre mantinham uma paciente silenciosa parada na janela para avisar quando algum médico se aproximava. Era inútil reclamar com os médicos, pois eles sempre diziam que era uma fantasia de nossa mente doente e, além disso, levaríamos outra surra por contar. Elas mantinham as pacientes debaixo d’água e ameaçavam deixá-las morrer lá, se não prometessem não contar aos médicos. Todas nós prometíamos, porque sabíamos que os médicos não nos ajudariam e faríamos qualquer coisa para escapar da punição. Depois de quebrar uma janela, fui transferida para

o Alojamento, o pior lugar da ilha. É terrivelmente sujo lá dentro, e o cheiro é horrível. No verão, há enxames de moscas. A comida é pior do que nas outras alas e recebemos apenas pratos de lata. Em vez de as barras estarem do lado de fora, como nesta ala, ficam do lado de dentro. Existem muitas pacientes silenciosas, que estão lá há anos, mas as enfermeiras as mantêm para fazer o trabalho. Em uma das surras que tomei lá, as enfermeiras pularam em mim e quebraram duas das minhas costelas.

“Enquanto eu estava lá, uma garota muito jovem foi trazida. Ela estivera doente e resistiu a ser colocada naquele lugar sujo. Uma noite, as enfermeiras a levaram e, depois de espancá-la, seguraram-na nua em um banho frio e depois a jogaram na cama. Quando a manhã chegou, a menina estava morta. Os médicos disseram que ela morreu de convulsões, e foi só isso que fizeram.

“Injetam tanta morfina e cloral⁹ que as pacientes ficam loucas. Vi as pacientes enlouquecerem de sede por efeito das drogas, e as enfermeiras se recusarem a dar água. Ouvi mulheres implorarem uma noite inteira por uma gota e não receberem nada. Eu mesma gritei por água até minha boca ficar tão ressecada que não conseguia falar.”

Vi a mesma coisa no Saguão 7. As pacientes pediam alguma coisa para beber antes de se deitarem, mas as enfermeiras — a srta. Hart e as outras — recusavam-se a destrancar o banheiro para que elas pudessem saciar a sede.

Capítulo 15

Incidentes da vida no hospício

Há pouco o que fazer nas alas para ajudar a passar o tempo. Toda a roupa do hospício é feita pelas pacientes, mas a costura não emprega a mente. Depois de vários meses de confinamento, os pensamentos a respeito do mundo agitado tornam-se fracos, e tudo o que as pobres prisioneiras podem fazer é sentar e refletir sobre seu destino sem esperança. Nos saguões superiores, há uma boa visão dos barcos que passam e de Nova York. Muitas vezes, eu tentava me imaginar enquanto olhava entre as barras para as luzes cintilando fracamente na cidade. Quais seriam meus sentimentos se eu não tivesse ninguém para me libertar?

Observei as pacientes se levantarem e olharem saudosas para a cidade em que provavelmente nunca mais voltariam a entrar. Significa liberdade e vida parece tão próxima e, no entanto, o céu não está mais longe do inferno.

As mulheres anseiam voltar para casa? Exceto nos casos mais violentos, elas têm consciência de estarem confinadas em um hospício. Um único desejo que nunca morre é o da libertação, do lar.

Uma pobre garota costumava me dizer todas as manhãs:

— Sonhei com minha mãe ontem à noite. Acho que ela pode vir hoje e me levar para casa.

Esse pensamento, esse desejo, está sempre presente, mas ela está confinada há quatro anos.

Que coisa misteriosa é a loucura. Vi pacientes cujos lábios estão selados em um silêncio perpétuo. Elas vivem, respiram, comem. A forma humana existe, mas aquilo sem o qual o corpo pode viver, mas que não pode existir sem o corpo, falta. Pergunto-me se por trás daqueles lábios fechados havia sonhos que não conhecíamos, ou se tudo estava em branco.

Tão tristes quanto esses são os casos nos quais as pacientes estão sempre conversando com interlocutores invisíveis, eu as vi inconscientes do ambiente e absortas em um ser invisível. No entanto, é estranho, qualquer ordem recebida é sempre obedecida, da mesma maneira que um cão obedece a seu dono. Uma das alucinações mais lamentáveis era a de uma garota irlandesa de olhos azuis, que acreditava estar condenada para sempre por causa de um único ato em sua vida. Seu grito horrível, de manhã e à noite, “Estou condenada por toda a eternidade!”, causava horror à minha alma. Sua agonia parecia um vislumbre do inferno.

Depois de ser transferida para o Saguão 7, eu ficava trancada em um quarto todas as noites com seis loucas. Duas delas pareciam nunca dormir e passavam a noite delirando. Uma se levantava da cama e se arrastava pelo quarto procurando alguém a quem ela queria matar. Não pude deixar de pensar em como seria fácil para essa mulher atacar qualquer uma das outras pacientes confinadas com ela. Isso não tornou a noite mais confortável.

Uma mulher de meia idade, que costumava sentar-se sempre no canto da sala, era estranhamente afetada. Ela tinha um jornal e, a partir dele, lia o tempo todo as coisas mais maravilhosas que já ouvi. Eu sempre me sentava perto dela e ouvia. História e romance saíam igualmente bem de seus lábios.

Vi apenas uma carta entregue a uma paciente enquanto estive lá. Isso despertou um grande interesse. Todas as pacientes pareciam sedentas por notícias do mundo e se amontoaram em torno daquela que teve essa sorte e fizeram centenas de perguntas.

Os visitantes despertam pouco interesse e muita alegria. A srta. Mattie Morgan, no Saguão 7, um dia tocou para o entretenimento de alguns visitantes. Eles estavam perto dela até alguém sussurrar que ela era uma paciente. “Louca!”, sussurraram, audivelmente, quando recuaram e a deixaram sozinha. O episódio a divertiu tanto quanto a indignou. A srta. Mattie, acompanhada por várias garotas que já treinou, faz as noites passarem de modo muito agradável no Saguão 7. Elas cantam e dançam. Muitas vezes, os médicos aparecem e dançam com as pacientes.

Um dia, quando fomos jantar, ouvimos um choro fraco no porão. Todas pareceram notar, e não demorou muito para sabermos que havia um bebê lá embaixo. Sim, um bebê. Pense nisso — um bebê inocente nascido naquela câmara de horrores! Não consigo imaginar nada mais terrível.

Uma vez, uma visitante trouxe seu bebê nos braços. Uma mãe que havia sido separada dos cinco filhos pequenos pediu permissão para segurá-lo. Quando a visitante quis ir embora, o sofrimento da mulher foi incontrolável, pois ela implorou para ficar com o bebê que imaginava ser seu. Isso agitou as pacientes como eu jamais tinha visto.

A única diversão, se assim se pode chamar, dada às pacientes no lado de fora, é um passeio uma vez por semana, se o tempo permitir, no “carrossel”. É uma mudança e, portanto, elas a aceitam com certa demonstração de prazer.

Uma fábrica de escovas, uma fábrica de tapetes e a lavanderia são onde as pacientes calmas trabalham. Elas não recebem recompensa por isso, e passam fome.

Capítulo 16

O último adeus

No dia em que Pauline Moser foi levada ao hospício, ouvimos os gritos mais horríveis, e uma garota irlandesa, apenas parcialmente vestida, veio cambaleando como uma bêbada pelo corredor, gritando:

— Urra! Três vivas! Eu matei o demônio! Lúcifer, Lúcifer, Lúcifer — e assim por diante. Então arrancava um punhado de cabelos enquanto berrava, exultante: — Como eu enganei os demônios! Eles sempre disseram que Deus fez o inferno, mas é mentira.

Pauline ajudou a garota a tornar o lugar hediondo, cantando as músicas mais horríveis. Depois que a irlandesa ficou lá por mais ou menos uma hora, o dr. Dent entrou e, enquanto caminhava pelo saguão, a srta. Grupe sussurrou para a louca:

— Aqui está o diabo, vá atrás dele.

Surpresa por ela dar tais instruções a uma louca, esperei ver a criatura frenética correndo para o médico. Felizmente ela não o fez, mas começou a repetir seu refrão: “Oh, Lúcifer”. Depois que o médico saiu, a srta. Grupe novamente tentou instigar a mulher dizendo que o menestrel na parede era o diabo, e a pobre criatura começou a gritar:

— Seu demônio, eu vou te mostrar! — E então duas enfermeiras tiveram que sentar-se nela para mantê-la no chão. As assistentes pareciam achar graça e sentir prazer em estimular as pacientes violentas a fazer o pior.

Eu sempre fazia questão de dizer aos médicos que era sã e pedir para ser libertada, mas, quanto mais tentava garantir a eles minha sanidade, mais eles duvidavam.

— O que vocês, médicos, fazem aqui? — perguntei a um, cujo nome não lembro.

— Cuidamos das pacientes e examinamos sua sanidade — ele respondeu.

— Muito bem — eu disse. — Existem dezesseis médicos nesta ilha e, exceto dois, nunca os vi prestar atenção às pacientes. Como um médico pode julgar a sanidade de uma mulher apenas oferecendo um bom-dia e se recusando a ouvir seus pedidos de libertação? Até as doentes sabem que é inútil dizer alguma coisa, pois a resposta será que é a imaginação delas.

— Faça todos os exames comigo — pedi a outros — e diga-me se estou sã ou louca. Examine meu pulso, meu coração, meus olhos, peça-me para esticar o braço, trabalhar os dedos, como o dr. Field fez em Bellevue, e depois me diga se estou sã.

Não quiseram me ouvir, pois acharam que eu delirava.

Mais uma vez, disse a um deles:

— Vocês não têm o direito de manter as pessoas sãs aqui. Sou sã, sempre fui assim e devo insistir em um exame minucioso ou ser liberada. Várias das mulheres aqui também são sãs. Por que elas não podem ser livres?

— Elas são loucas — foi a resposta — e sofrem de alucinações.

Após uma longa conversa com o dr. Ingram, ele disse:

— Vou transferi-la para uma ala mais silenciosa.

Uma hora depois, a srta. Grady me chamou para o saguão e, depois de me insultar, com todos os nomes vis e profanos de que uma mulher poderia se lembrar, disse-me que era uma sorte eu ser transferida, ou então ela me

pagaria por me lembrar tão bem de contar tudo ao dr. Ingram.

— Sua maldita, você esquece tudo sobre si mesma, mas nunca esquece nada que quer contar ao médico.

Depois de chamar a srta. Neville, que o dr. Ingram também fez a gentileza de transferir, a srta. Grady nos levou ao saguão acima, o número 7.

No Saguão 7, estão a sra. Kroener, a srta. Fitzpatrick, a srta. Finney e a srta. Hart. Não vi tratamento tão cruel quanto o do saguão abaixo, mas ouvi-as fazer comentários feios e ameaças, torcer os dedos e dar tapas na cara das pacientes indisciplinadas. A enfermeira da noite, Conway, acredito que seja o nome dela, é muito irritada. No Saguão 7, se alguma paciente tinha pudor, logo o perdeu. Todas eram obrigadas a se despir no corredor diante de sua própria porta, dobrar as roupas e deixá-las lá até de manhã. Pedi para me despir no meu quarto, mas a srta. Conway disse que, se me pegasse fazendo isso, ela me daria motivo para não querer repetir.

O primeiro médico que vi aqui — dr. Caldwell — era afetuoso e, como eu estava cansada de me recusar a dizer onde ficava minha casa, só falava com ele em espanhol.

O Saguão 7 parece bastante agradável para um visitante casual. Tem fotos baratas na parede e um piano, presidido pela srta. Mattie Morgan, que anteriormente trabalhava em uma loja de música nesta cidade. Ela está no hospício há três anos. A srta. Mattie vem treinando várias pacientes para cantar, com certo sucesso. A artista do saguão é Wanda, uma garota polonesa. Ela é uma pianista talentosa quando escolhe mostrar sua capacidade. A música mais difícil ela lê com apenas um olhar, e seu toque e expressão são perfeitos.

No domingo, as pacientes mais calmas, cujos nomes foram entregues pelas assistentes durante a semana,

podem ir à igreja. Há uma pequena capela católica na ilha e outras cerimônias também são realizadas.

Um “comissário” veio um dia e fez a ronda com o dr. Dent. No porão, descobriram que metade das enfermeiras saíram para jantar, deixando a outra metade encarregada de nós, como sempre acontecia. Imediatamente, deram ordens para as enfermeiras voltarem às suas funções até depois as pacientes terminarem de comer. Algumas pacientes quiseram dizer que não tinha sal, mas foram impedidas.

O Hospício da Ilha Blackwell é uma ratoeira humana. É fácil entrar, mas uma vez lá é impossível sair. Eu pretendia ser internada nas alas violentas, o Alojamento e o Retiro, mas, quando recebi o testemunho de duas mulheres sãs, decidi não arriscar minha saúde — e cabelo —, então não fiquei violenta.

Quase no final, eu tinha sido escondida de todos os visitantes e, assim, quando o advogado Peter A. Hendricks veio e me disse que meus amigos estavam dispostos a cuidar de mim, se preferisse estar com eles do que no hospício, fiquei felicíssima em dar meu consentimento. Pedi que ele me enviasse algo para comer imediatamente em sua chegada à cidade, e então esperei ansiosa pela minha libertação.

Foi mais cedo do que eu esperava. Eu estava na fila para passear e tinha acabado de me interessar por uma pobre mulher que havia desmaiado enquanto as enfermeiras tentavam obrigá-la a andar.

— Adeus, estou indo para casa — eu disse a Pauline Moser, quando ela passou com uma mulher de cada lado dela. Tristemente, despedi-me de todas que conhecia, ao passar por elas a caminho da liberdade e da vida, enquanto elas foram abandonadas a um destino pior que a morte. — *Adiós* — murmurei para a mexicana. Mandeí um beijo para

ela com os dedos e então deixei minhas companheiras do Saguão 7.

Eu esperava ansiosamente deixar aquele lugar horrível, mas quando minha libertação veio e eu soube que a luz do sol de Deus voltaria a estar disponível para mim, houve certa dor ao sair. Por dez dias, fui uma delas. É tolice, mas parecia intensamente egoísta deixá-las sofrer. Senti um desejo quixotesco de ajudá-las com solidariedade e presença. Mas apenas por um momento. As barras estavam abaixadas e a liberdade era mais doce do que nunca para mim.

Logo estava atravessando o rio e me aproximando de Nova York. Mais uma vez eu estava livre, depois de dez dias no Hospício da Ilha de Blackwell.

Capítulo 17

O Grande Júri de investigação

Logo depois de me despedir do Hospício da Ilha de Blackwell, fui convocada para comparecer perante o Grande Júri. Respondi à convocação com prazer, porque desejava ajudar as filhas mais infelizes de Deus, as quais deixara para trás, aprisionadas. Se eu não pudesse lhes dar o maior de todos os benefícios, a liberdade, esperava pelo menos influenciar os outros a tornar a vida delas mais suportável. Descobri que os jurados eram cavalheiros e não precisei tremer diante das vinte e três augustas presenças.

Jurei dizer a verdade sobre minha história e depois contei tudo — desde o começo no Lar Temporário até a minha libertação. O procurador-assistente, Vernon M. Davis, conduziu o exame. Os jurados então pediram que eu os acompanhasse em uma visita à ilha. Fiquei feliz em consentir.

Não se esperava que ninguém soubesse da viagem prevista para a ilha, mas, assim que chegamos lá, fomos recebidos por um dos comissários de caridade e pelo dr. MacDonald, da Ilha de Ward¹⁰. Um dos jurados me disse que, em conversa com um homem sobre o hospício, soube que eles foram notificados da nossa vinda uma hora antes de chegarmos à ilha. Isso deve ter sido feito enquanto o Grande Júri examinava o pavilhão de Bellevue.

A viagem para a ilha foi muito diferente da anterior. Dessa vez, embarcamos em um barco novo e limpo,

enquanto aquele no qual eu havia viajado, disseram eles, estava passando por reparos.

Algumas das enfermeiras foram interrogadas pelo júri e fizeram declarações contraditórias entre si, bem como sobre a minha história. Confessaram que a visita programada pelo júri havia sido discutida entre elas e o médico. O dr. Dent confessou não ter meios de dizer com toda a certeza se o banho estava frio, nem qual o número de mulheres colocadas na mesma água. Ele sabia que a comida não era boa como deveria, mas disse ser devido à falta de fundos.

Se as enfermeiras eram cruéis com as pacientes, ele tinha algum meio indiscutível de averiguar isso? Não, não tinha. Disse que todos os médicos eram incompetentes, isso também se devendo à falta de meios para contratar bons médicos. Em conversa comigo, ele falou:

— Fico feliz que a senhorita tenha feito isso agora e, se soubesse o seu propósito, eu a teria ajudado. Não temos como saber como as coisas estão indo, a não ser fazendo como a senhorita fez. Desde sua história ter sido publicada, encontrei uma enfermeira no Retiro que tinha vigilantes prontas para avisá-la da nossa chegada, exatamente como a senhorita havia afirmado. Ela foi demitida.

A srta. Anne Neville foi trazida para baixo, e fui ao saguão encontrá-la, sabendo que a visão de tantos cavalheiros estranhos a deixaria agitada, mesmo ela estando sã. Foi como eu temia. As assistentes tinham-na avisado que seria interrogada por uma multidão de homens, e ela estava tremendo de medo. Embora eu a tivesse deixado apenas duas semanas antes, ela parecia ter sofrido de uma doença grave naquele período, tão mudada estava sua aparência. Perguntei se havia tomado algum remédio e ela respondeu afirmativamente. Eu disse que o que queria que ela fizesse era contar ao júri tudo o que havíamos feito desde eu ter sido levada com ela para o hospício, para ficarem convencidos de que eu era sã. Ela só me conhecia

como srta. Nellie Brown, e ignorava totalmente a minha história de vida.

Ela não jurou, mas seu relato deve ter convencido todos os ouvintes quanto à verdade de minhas declarações.

— Quando a srta. Brown e eu fomos trazidas para cá, as enfermeiras foram cruéis, e a comida era ruim demais para comer. Não tínhamos roupas suficientes, e a srta. Brown pedia mais o tempo todo. Eu a achei muito gentil, pois, quando um médico prometeu a ela algumas roupas, ela disse que as daria para mim. É estranho dizer que, desde que a srta. Brown foi levada, tudo está diferente. As enfermeiras são muito gentis e temos muito o que vestir. Os médicos vêm nos ver com frequência e a comida está muito melhor.

Precisávamos de mais evidências?

Os jurados visitaram a cozinha. Estava muito limpa, e dois barris de sal estavam visivelmente abertos perto da porta! O pão exposto era lindo, branco e totalmente diferente do que nos fora dado para comer.

Encontramos os saguões na mais perfeita ordem. As camas foram melhoradas e, no Saguão 7, os baldes nos quais fôramos obrigadas a nos lavar foram substituídos por bacias novas e brilhantes.

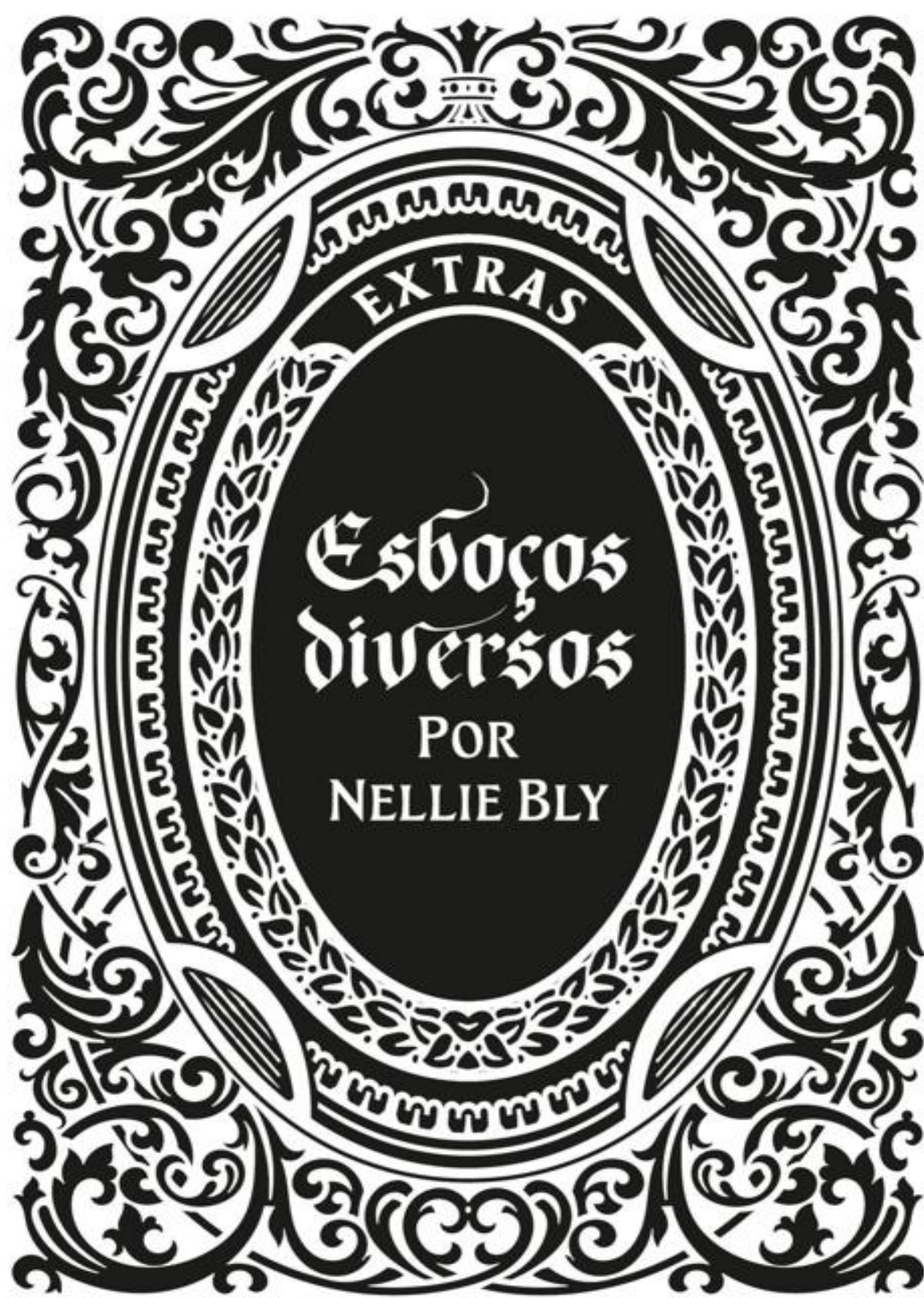
A instituição estava em exposição e não se encontrava nenhum defeito.

Mas as mulheres de quem eu falara, onde estavam? Nenhuma foi encontrada onde eu as havia deixado. Se minhas afirmações não fossem verdadeiras em relação a essas pacientes, por que teriam sido levadas para outro lugar, de forma que eu não pudesse encontrá-las? A srta. Neville reclamou diante do júri de ser transferida várias vezes. Quando visitamos o saguão mais tarde, ela havia sido devolvida ao seu antigo local.

Mary Hughes, que eu pensava ser sã, não foi encontrada. Alguns parentes a levaram embora. Para onde, eles não sabiam. A mulher de pele clara de quem falei, que fora enviada para lá por ser pobre, disseram ter sido transferida para outra ilha. Negaram saber da mexicana e disseram que nunca houve uma paciente assim. A sra. Cotter fora liberada e Bridget McGuinness e Rebecca Farron foram transferidas para outros lugares. A garota alemã, Margaret, não foi encontrada e Louise também fora enviada do Saguão 6 para outro lugar. A francesa Josephine, uma mulher ótima e saudável, disseram estar morrendo de paralisia, e não pudemos vê-la. Se eu estava errada no meu julgamento da sanidade dessas pacientes, por que tudo isso foi feito? Vi Tillie Mayard, e ela havia mudado tanto, e para pior, que estremeci quando a olhei.

Eu mal esperava que o grande júri sustentasse o meu caso, depois de verem tudo diferente do que tinha sido enquanto eu estivera lá. No entanto, eles o sustentaram, e seu relatório ao tribunal aconselha todas as alterações que eu havia proposto.

Tenho um consolo pelo meu trabalho: com base na minha história, o comitê de verbas fornece US \$ 1.000.000 a mais em benefício dos insanos.



Tentando ser uma serviçal

Minha experiência estranha em duas agências de emprego

Ninguém, a não ser os iniciados, sabe quão grande é a questão dos serviçais e quantos lados desconcertantes tem. As senhoras e as serviçais, é claro, desempenham os papéis principais. Então, nas partes menores, mas ainda importantes, vêm as agências que, apesar das muitas vozes clamando contra elas, declaram-se benfeitoras públicas. Até um homem engraçado consegue preencher uma grande quantidade de espaço com o assunto. É uma pergunta séria, pois afeta tudo o que se ama na vida — o jantar, a cama e a roupa de cama. Ouvi tantas reclamações de senhoras, funcionários, agências e advogados, que sofriam muito tempo, que decidi investigar o assunto para minha própria satisfação. Só havia uma maneira de fazê-lo. Personificar uma serviçal e arrumar um emprego. Eu sabia que poderia haver algo como referências necessárias e, como nunca havia testado minhas habilidades nessa linha, não sabia como fornecê-las. Ainda assim, não seria bom permitir algo como uma referência me impedir de trabalhar, e eu não pediria a nenhum amigo para se comprometer a me ajudar nos meus esforços. Muitas garotas devem estar ao menos uma vez sem referências, pensei, e isso me encorajou a correr o risco.

Na segunda-feira à tarde, uma carta de um advogado chegou ao escritório do *World*, reclamando de uma agência onde, segundo ele, um cliente havia pago por uma serviçal, e o agente se recusou a fornecer uma garota. Nesta loja,

decidi fazer meu primeiro ensaio. Vestida para parecer o personagem que queria representar, subi a Fourth Avenue até encontrar o número 69, o lugar que eu queria. Era um edifício de estrutura baixa retendo todas as impressões da velhice. A sala do primeiro andar estava cheia de um conglomerado de artigos, o qual dava a aparência de uma loja de segunda mão. Junto de uma porta lateral, encostada na parede, havia uma grande placa dizendo ao público que passava pela entrada “Agência de Serviços Germânia”. Em um quadro azul reto, preso longitudinalmente a uma janela do segundo andar, havia, em grandes letras brancas encorajadoras, a palavra sinistra “Serviços”.

Entrei pela porta lateral e, como não havia nada diante de mim, a não ser o corredor sujo sem carpete e uma escada estreita e de aparência deteriorada, segui para o meu destino. Passei por duas portas fechadas no primeiro patamar e no terceiro vi a palavra “escritório”. Não bati, mas girei a maçaneta da porta e, como ela estava agarrada em cima e em baixo, pressionei meu ombro contra ela. Cedeu, e eu também, e entrei na minha carreira como servicial com uma queda. Era uma sala pequena, com teto baixo, um tapete empoeirado e papel de parede barato. Um corrimão pesado, e uma escrivaninha e um balcão altos, dividindo a sala, davam a aparência de um tribunal policial. Nas paredes, anúncios coloridos de linhas de navios a vapor e mapas. Acima da lareira, decorada com dois bustos de gesso, havia uma folha quadrada de papel branco. Vi as grandes letras pretas neste papel com o coração trêmulo. “Referências são investigadas!!” com dois pontos de exclamação. Se tivesse escrito razoável e moderadamente, ou mesmo com um ponto de exclamação... mas dois — terrível. Foi uma sentença de morte à minha ideia de escrever minhas próprias referências, se alguma fosse exigida.

Uma jovem que estava de pé, com a cabeça baixa, perto da janela, virou-se para olhar a abrupta recém-chegada. Um homem, aparentemente conversando com ela, veio apressadamente para a mesa. Era de tamanho médio, com olhos cinzentos e afiados, careca e usando um casaco preto abotoado com força, mostrando, em desvantagem, os ombros arredondados.

— Sim? — ele me disse, de maneira questionadora, enquanto olhava rapidamente eu me levantar.

— Você é o homem que consegue empregos para moças? — perguntei, como se houvesse apenas um assim.

— Sim, eu sou. Quer um emprego? — ele perguntou, com um sotaque decididamente alemão.

— Sim, quero — respondi.

— Qual foi o seu último trabalho?

— Oh, eu era camareira. Você pode me conseguir um emprego?

— Sim, posso fazer isso — respondeu ele. — Você é uma garota bonita e eu posso te conseguir um lugar em breve. Outro dia, consegui empregar uma garota por US \$ 20 por mês, só porque ela era bonita. Muitos senhores, e senhoras também, pagam mais quando as meninas são bonitas. Onde você trabalhou por último?

— Trabalhei em Atlantic City — respondi, com um grito mental de perdão.

— Você não tem referência na cidade?

— Não, nenhuma. Mas quero um emprego nesta cidade, por isso vim aqui.

— Bem, eu posso conseguir uma posição para você. Não tenha medo, apenas algumas pessoas são particularmente meticulosas sobre referências.

— Não tem um lugar para onde possa me enviar agora? — eu disse, determinada a entrar no meu negócio o mais

rápido possível.

— Você precisa pagar para que o seu nome seja mencionado primeiro — disse ele, abrindo um grande livro enquanto perguntava: — Qual é o seu nome?

— Quanto você cobra? — perguntei, a fim de me dar tempo para decidir sobre um nome.

— Eu cobro um dólar pelo uso da agência por um mês, e se eu conseguir um grande salário, você terá de pagar mais.

— Quanto mais?

— Isso depende inteiramente do seu salário — respondeu ele, sem compromisso. — Seu nome?

— Agora, se eu lhe der um dólar, você me garantirá um emprego?

— Certamente. É para isso que eu estou aqui.

— E você me garante trabalho nesta cidade? — insisti.

— Oh, certamente, certamente; é para isso que serve esta agência. Vou arranjar um lugar para você, com certeza.

— Tudo bem, eu vou lhe dar um dólar, o que é muito para uma garota desempregada. Meu nome é Sally Lees.

— Que tipo de emprego devo procurar para você? — ele perguntou.

— Oh, qualquer um — respondi, com uma generosidade que me surpreendeu.

— Então eu colocarei camareira, garçoneiro, enfermeira ou costureira.

Assim, meu nome, ou o que se supunha ser o meu nome, foi inserido no livro e, ao pagar meu dólar, insinuei a informação de que, se ele me desse uma posição diretamente, ficaria satisfeita em lhe dar mais dinheiro. Ele se entusiasmou com isso e me disse que deveria me anunciar de manhã.

— Então você não tem ninguém querendo ajuda agora?

— Temos muitas pessoas, mas não agora. Todos eles vêm de manhã. Já é tarde. Onde você está ficando?

Nesse momento, uma mulher usando um vestido azul, com um pequeno xale preto em volta dela, surgiu de uma sala nos fundos. Ela também me olhou bruscamente, como se eu fosse um artigo à venda, enquanto o homem disse a ela em alemão tudo o que sabia sobre mim.

— Você pode ficar aqui — disse ela, em inglês rudimentar, depois de saber que eu não tinha amigos na cidade. — Onde está sua bagagem?

— Deixei minha bagagem onde paguei minha hospedagem esta noite — respondi.

Eles tentaram me induzir a ficar na casa deles. Apenas US \$ 2,50 por semana, com refeição, ou 20 centavos por noite, por uma cama. Insistiram que isso era irrelevante para eles, só que eu tinha uma chance melhor de garantir o trabalho se estivesse sempre lá; foi apenas para o meu próprio bem que eles sugeriram. Eu dei uma olhada no quarto adjacente e essa visão me fez firme na minha determinação de dormir em outro lugar.

À medida que a noite se aproximava, senti que eles não teriam mais pedidos por serviços naquela tarde e, após perguntar a hora em que deveria retornar pela manhã, solicitei um recibo do meu dinheiro.

— Você não precisa ser tão cuidadosa — disse ele, irritado, mas eu respondi que sim e insisti até ele se forçar a cumprir. Não era muito um recibo. Ele escreveu no lado em branco do cartão de publicidade da agência:

“Sally Lees pagou US \$ 1, para um mês de uso da agência. 69, 4th ave.”

Na manhã seguinte, por volta das 10h30, fiz minha aparição na agência. Cerca de oito ou dez meninas estavam na sala e o homem que havia embolsado minha taxa na tarde anterior ainda adornava o trono atrás da mesa.

Ninguém disse bom-dia, ou qualquer outra coisa, então silenciosamente deslizei em uma cadeira perto da porta. As meninas estavam todas confortavelmente vestidas e pareciam ter desfrutado de um café da manhã saudável. Todas ficaram em silêncio, com uma expressão sonhadora no rosto, exceto duas, paradas junto à janela, assistindo à multidão que passava e conversando em sussurros. Eu queria estar com elas ou perto delas, para poder ouvir o que foi dito. Depois de esperar um pouco, decidi lembrar ao homem o fato de que queria trabalhar, e não descansar.

— Você não tem nenhum lugar para me enviar esta manhã?

— Não, mas eu te anunciei no jornal — e ele me entregou o *Tribune* de 25 de outubro e apontou o seguinte aviso:

“ENFERMEIRA etc. — Por uma excelente e muito elegante garota inglesa como enfermeira e costureira, camareira e garçõete ou empregada doméstica, chame no número 69 da Fourth Avenue.”

Eu engasguei uma risada ao ler-me anunciada dessa maneira e me perguntei qual seria meu *papel* na próxima vez. Comecei a esperar alguém logo chamar a tal garota excelente, mas quando um cavalheiro idoso entrou, desejei com muito fervor que ele não estivesse atrás de mim. Eu estava gostando demais da minha posição e temia não conseguir conter minha seriedade se alguém comesse a me questionar. Pobre cavalheiro! Ele olhou em volta, desamparado, como se estivesse sem saber o que fazer. O agente não o deixou muito tempo em dúvida.

— Você quer uma garota, senhor?

— Sim, minha esposa leu um anúncio no *Tribune* hoje de manhã e me enviou aqui para ver a garota.

— Sim, sim, excelente garota, senhor, volte aqui. — Abrindo os portões e dando ao cavalheiro uma cadeira atrás

do balcão alto. — Você venha aqui, Sally Lees — indicando uma cadeira ao lado do visitante para mim.

Sentei-me com uma risada interior e o agente se inclinou sobre as costas de uma cadeira. O visitante me olhou nervosamente, e depois de pigarrear várias vezes e fazer tentativas vãs no começo, ele disse:

— Você é a garota que quer trabalhar? — E depois que respondi afirmativamente, ele disse: — É claro que você sabe como fazer todas essas coisas — sabe o que é necessário fazer?

— Oh, sim, eu sei — respondi confiante.

— Sim, bem, quanto você quer por mês?

— Oh, qualquer quantia — eu respondi olhando para o agente em busca de ajuda. Ele entendeu o olhar, pois começou apressadamente:

— Quatorze dólares por mês, senhor. Ela é uma garota excelente, boa, arrumada, rápida e de disposição amável.

Fiquei surpresa com o conhecimento dele sobre minhas boas qualidades, mas mantive silêncio.

— Sim, sim — disse o visitante, pensativo. — Minha esposa paga apenas dez por mês e, se a garota é boa, está disposta a pagar mais, sabe? Eu realmente não poderia, sabe...

— Não temos garotas de dez dólares aqui, senhor — disse o agente com dignidade. — Não se pode obter uma garota honesta, elegante e respeitável por esse valor.

— Sim, sim. Bem, essa garota tem boas referências, suponho?

— Sim, eu sei tudo sobre ela — disse o agente, rápido e confiante. — Ela é uma garota excelente, e eu posso lhe dar a melhor referência pessoal — a melhor das referências.

Ali estava eu, uma desconhecida para o agente. Até onde ele sabia, eu poderia ser uma mulher de confiança,

uma ladra ou algo perverso, e mesmo assim o agente estava jurando que eu tinha boas referências pessoais.

— Bem, eu moro em Bloomfield, Nova Jersey, e somos apenas quatro na família. Claro que você lava e passa bem, não? — ele virou-se para mim.

Antes que eu tivesse tempo de garantir a ele minha maravilhosa habilidade nessa linha, o agente interpôs:

— Esta não é a garota que você deseja. Não, senhor, essa garota não faz tarefas domésticas em geral. Esta é a garota que você procura — mencionando outra. — Ela faz trabalhos domésticos em geral — e ele continuou com uma longa lista de suas virtudes, semelhantes às que ele professara encontrar em mim.

O visitante ficou muito nervoso e começou a insistir que não poderia levar uma garota, a menos que sua esposa a visse primeiro. Então, o agente, quando achou impossível fazê-lo levar uma garota, tentou induzir o cavalheiro a se juntar à agência.

— Só custará US \$ 2 pelo uso da agência por um mês — ele insistiu, mas o visitante começou a ficar mais nervoso e a abrir caminho até a porta. Eu pensei que ele estava assustado porque era uma agência, e me diverti ouvir a sinceridade com a qual ele alegou que realmente não se atrevia a empregar uma garota sem o consentimento de sua esposa.

Após a fuga do visitante, todos retomamos nossas posições anteriores e esperamos por outro. Veio na forma de uma irlandesa ruiva.

— Bem, você voltou? — foi a saudação dada a ela.

— Sim. Aquela mulher era horrível. Ela e o marido brigavam o tempo todo, e a cozinheira levava histórias para a senhora. Claro que eu não moraria nesse lugar. Uma esplêndida lavadeira, com um bom caráter, não precisa ficar nesses lugares, eu disse a eles. A senhora da casa me fez

lavar roupa todos os dias. Então ela queria que eu me vestisse como uma dama, com certeza, e usasse um chapéu enquanto eu estava no trabalho. Claro, quem pode trabalhar vestida como uma dama não é uma boa lavadeira, então eu a deixei.

A tempestade mal passara quando outra garota com mechas de fogo entrou. Ela tinha um rosto bonito e esperto, e eu a observei de perto.

— Então você voltou também. Você é problemática — disse o agente.

Os olhos dela brilharam quando ela respondeu:

— Oh, eu sou problemática, sou? Bem, você pode pegar o dinheiro de uma garota pobre e dizer-lhe que ela é problemática. Eu não era problemática quando você pegou meu dinheiro. Onde está o emprego? Eu andei por toda a cidade, vestindo meus sapatos e gastando meu dinheiro em tarifas de carro. Agora, é assim que você trata meninas pobres?

— Não quis dizer nada falando que você é problemática. Eu estava apenas brincando — o agente tentou explicar e depois de um tempo a garota se acalmou.

Outra garota veio e foi informada de que, como ela não havia aparecido no dia anterior, não podia esperar obter um emprego. Ele se recusou a recomendá-la, caso houvesse alguma chance. Então um mensageiro telefonou e disse que a sra. Vanderpool, do número 36 da West Thirty-ninth Street queria a menina anunciada no jornal da manhã. A garota irlandesa nº 1 foi enviada e, depois de várias horas de ausência, voltou para dizer que a sra. Vanderpool disse, quando soube de onde a garota veio, que sabia tudo sobre agências e seus esquemas, e não queria ter uma garota deles. A garota calçou os sapatos na sra. Vanderpool e voltou à agência para aguardar.

Consegui finalmente atrair uma das garotas, Winifred Friel, para uma conversa. Ela disse estar esperando há vários dias e que ainda não tivera chance de uma colocação. A agência tinha um lugar fora da cidade para o qual eles tentavam forçar as meninas que declaravam que não deixariam a cidade. Mais estranho, eles nunca ofereciam o lugar para garotas que diziam sobre irem trabalhar em qualquer local. Winifred Friel queria, entretanto eles não a deixaram ir, mas tentaram insistir que eu aceitasse.

— Bem, agora, se você não aceitar, eu gostaria de vê-la tentar conseguir um lugar neste inverno — disse ele, irritado, quando descobriu que eu não iria sair da cidade.

— Você prometeu que me encontraria um emprego na cidade.

— Isso não faz diferença. Se você não aceita o que eu ofereço, você pode ficar sem emprego — ele disse, indiferentemente.

— Então me dê meu dinheiro — eu disse.

— Não, você não pode ter seu dinheiro. Ele vai para a agência.

Pedi e insisti, sem sucesso, e então deixei a agência, para não voltar mais.

No meu segundo dia, decidi me candidatar a outra agência e fui para a da sra. L. Seely, número 68, na Twenty-second Street. Paguei minha taxa em dólares e fui levada para o terceiro andar e colocada em uma pequena sala que estava tão cheia de mulheres quanto sardinhas em uma lata. Depois de me aproximar, não consegui me mexer, tão cheio estava o lugar. Uma mulher apareceu e, chamando-me de “aquela garota alta”, disse-me mais ou menos que, como eu era nova, seria inútil esperar lá. Algumas das garotas disseram sobre a sra. Seely sempre estar chateada

com elas, e que eu não deveria me importar. Quão terrivelmente sufocantes eram aquelas salas!

Havia cinquenta e duas pessoas na sala comigo, e as outras duas salas para as quais eu podia olhar estavam igualmente abarrotadas, enquanto grupos estavam nas escadas e no corredor. Foi uma nova visão que tive da vida. Algumas garotas riam, algumas estavam tristes, outras dormiam, outras comiam e outras liam, todas sentadas de manhã à noite, esperando a chance de ganhar a vida.

As esperas são longas. Uma garota estava lá há dois meses, outras por dias e semanas. Era bom ver o olhar alegre quando chamadas para ver uma dama e triste vê-las voltar dizendo que não se encaixavam porque usavam franja ou cabelos no estilo errado, ou pareciam irritáveis, ou eram muito altas, muito baixas, muito pesadas ou muito esbeltas. Uma pobre mulher não conseguiu um lugar porque estava de luto, e assim as objeções continuaram.

Não tive chance o dia inteiro e decidi que não poderia suportar um segundo dia naquele bando humano, então, criando uma desculpa, deixei o lugar e desisti de tentar ser uma serviçal.

Nellie Bly como escrava

Sua experiência trabalhando na fábrica de caixas de papel

Muito cedo, na outra manhã, saí, não como os que procuram prazer, mas como aqueles trabalhando o dia inteiro para poder sobreviver. Todo mundo estava correndo — garotas de todas as idades e aparências e homens apressados — e eu fui junto, como mais uma nas multidões. Eu sempre me questionava sobre os maus salários e tratamentos cruéis com que as meninas trabalhadoras contam. Havia uma maneira de chegar à verdade, e eu decidi tentar. Era me tornando uma trabalhadora na fábrica de caixas de papel. Assim, comecei em busca de trabalho sem experiência, referências ou nada para me ajudar.

Foi uma pesquisa cansativa, para dizer o mínimo. Se minha vida dependesse disso, teria sido desanimador, quase enlouquecedor. Fui a um grande número de fábricas nas ruas Bleecker e Grand e na Sixth Avenue, onde os trabalhadores chegam às centenas.

— Você sabe como fazer o trabalho? — era a pergunta feita por todos. Quando respondi negativamente, eles não me deram mais atenção.

— Estou disposta a trabalhar de graça até aprender — insisti.

— Trabalhar de graça! Ora, se você nos pagasse para estarmos aqui, você não estaria no nosso caminho — disse um deles.

— Não administramos um estabelecimento para ensinar negócios para mulheres — disse outro, em resposta ao meu pedido de trabalho.

— Bem, como elas não nascem com o conhecimento, como aprendem? — perguntei.

— As meninas sempre têm alguma amiga que quer aprender. Se ela deseja perder tempo e dinheiro ensinando-a, não nos opomos, pois ganhamos o trabalho que a iniciante faz de graça.

Nenhuma persuasão me ajudaria a obter uma entrada nas fábricas maiores, então concluí finalmente tentar uma menor, no número 196 da Elm Street. Muito diferente dos homens bruscos e mal educados que conheci em outras fábricas, o homem aqui era muito gentil.

Ele disse:

— Se você nunca fez o trabalho, acho que não vai gostar. É trabalho sujo e uma garota passa anos nele antes de poder ganhar muito dinheiro. Nossas iniciantes são garotas com cerca de dezesseis anos e não são pagas por duas semanas depois de virem para cá.

— Quanto elas podem fazer depois?

— Às vezes, começam no trabalho semanal — US \$ 1,50 por semana. Quando se tornam competentes, realizam trabalhos por encomenda — isto é, são pagas a cada cem caixas.

— Quanto elas ganham então?

— Uma boa trabalhadora ganha de US \$ 5 a US \$ 9 por semana.

— Você tem muitas garotas aqui?

— Temos cerca de sessenta no prédio e várias que levam o trabalho para casa. Estou nesse ramo há apenas alguns meses, mas se acha que gostaria de experimentar,

falarei com meu parceiro. Ele tem algumas de suas meninas por onze anos agora. Sente-se até eu encontrá-lo.

Ele saiu do escritório, e logo o ouvi falando de mim do lado de fora, e insistindo para eu ter uma chance. Logo voltou e com ele um homem pequeno que falava com sotaque alemão. Ele ficou ao meu lado sem falar, então repeti meu pedido.

— Bem, dê seu nome ao cavalheiro na mesa e venha na segunda-feira de manhã, veremos o que podemos fazer por você.

E assim comecei de manhã logo cedo. Eu tinha colocado um vestido de chita para trabalhar e me adequar ao meu ofício escolhido. Em um belo embrulho, coberto de papel marrom com uma mancha de gordura no centro, estava o meu almoço. Tinha a ideia de que todas as trabalhadoras carregavam seus almoços e tentava dar a impressão de estar acostumada a isso. Na verdade, considerei o almoço um revelador da minha atenção ao meu novo *papel*, e olhei com algum orgulho, no qual se misturou um pouco de consternação, a mancha de gordura, que estava gradualmente aumentando de tamanho.

Mesmo cedo, encontrei todas as meninas lá trabalhando. Passei por um pequeno pátio de carroças, a única entrada do escritório. Depois de dar minhas desculpas ao cavalheiro na mesa, ele chamou uma garotinha bonita, que estava com o avental cheio de papelão e disse:

— Leve essa senhora até Norah.

— Ela deve trabalhar em caixas ou cornucópias? — perguntou a garota.

— Diga a Norah para colocá-la em caixas.

Seguindo minha pequena guia, subi a escada mais estreita, mais escura e mais perpendicular que já tive o infortúnio de ver. Continuamos por pequenas salas, cheias de meninas trabalhadoras, até o último andar — quarto ou

quinto, esqueci qual. De qualquer forma, eu estava sem fôlego quando cheguei lá.

— Norah, aqui está uma senhora que você deve colocar em caixas — gritou minha linda guia.

Todas as meninas cercando as mesas compridas se afastaram do trabalho e me olharam com curiosidade. A garota de cabelos ruivos chamada Norah levantou os olhos da caixa que estava fazendo e respondeu:

— Veja se a escotilha está abaixada e mostre a ela onde colocar as roupas.

Depois, a encarregada ordenou que uma das garotas “pegasse um banquinho para a senhora” e sentou-se diante de uma mesa comprida, na qual havia uma pilha de quadrados de papelão, etiquetados no centro. Norah espalhou algumas longas tiras de papel sobre a mesa; pegando uma escova, ela a mergulhou em um balde de pasta e esfregou-a sobre o papel. Em seguida, pegou um dos quadrados de papelão e, correndo o polegar habilmente, subiu as bordas. Feito isso, ela pegou uma das tiras de papel e colocou-a rápida e ordenadamente no canto, amarrando-as e mantendo-as no lugar. Ela rapidamente cortou o papel na borda com a unha do polegar e girou e fez a próxima borda. Descobri que isso fazia uma tampa da caixa. Parecia e era muito fácil, e logo consegui fazer uma.

Não achei o trabalho difícil de aprender, mas bastante desagradável. A sala não era ventilada e a pasta e a cola eram muito agressivas. As pilhas de caixas impossibilitavam a conversa com todas as meninas, exceto uma iniciante, Therese, sentada ao meu lado. Ela ficou muito tímida no começo, mas depois que eu a questionei gentilmente, ela se tornou mais comunicativa.

— Eu moro na Eldrige Street com meus pais. Meu pai é músico, mas ele não sai às ruas para tocar. Ele raramente

consegue que as pessoas o ouçam. Minha mãe está doente quase o tempo todo. Eu tenho uma irmã que trabalha com guarnições. Ela consegue ganhar de US \$ 3 a US \$ 5 por semana. Tenho outra irmã que enrola seda na Twenty-third Street há cinco anos. Ela ganha US \$ 6 por semana. Quando ela chega em casa à noite, seu rosto, mãos e cabelos estão coloridos da seda com que ela trabalha durante o dia. Isso a deixa doente e ela está sempre tomando remédios.

— Você já trabalhou antes?

— Ah sim, eu trabalhava na guarnição da Spring Street. Eu trabalhava das 7 às 18 horas, trabalhava por peça e ganhava cerca de US \$ 3,50 por semana. Saí porque os chefes não eram gentis e só tínhamos três pequenas lâmpadas a óleo para enxergar o trabalho. Os quartos eram muito escuros, mas eles nunca nos permitiram aumentar as luzes. As mulheres costumavam vir e levar o trabalho para casa. Elas faziam isso bem barato, pelo prazer de fazê-lo, então não recebíamos tanto pagamento quanto receberíamos de outra forma.

— O que você fez depois de sair de lá? — perguntei.

— Fui trabalhar em uma fábrica de tecidos na Canal Street. Uma mulher era a dona do lugar e era muito cruel com todas as meninas. Ela não falava inglês. Eu trabalhei uma semana inteira, das 8 às 18, com apenas meia hora para o jantar, e no final da semana ela me pagou apenas 35 centavos. Você sabe que uma garota não pode viver com 35 centavos de dólar por semana, então eu saí.

— Você gosta da fábrica de caixas?

— Bem, os chefes parecem muito gentis. Eles sempre me dizem bom-dia, algo que nunca foi feito em nenhum outro lugar onde trabalhei, mas é um bom acordo uma garota pobre trabalhar por duas semanas de graça. Estou aqui há quase duas semanas e trabalhei bastante. O lucro é todo para os chefes. Eles dizem que muitas vezes

dispensam uma garota após suas primeiras duas semanas sob o argumento de que ela não combina. Depois disso, receberei US \$ 1,50 por semana.

Quando os apitos das fábricas vizinhas soaram 12 horas, a encarregada nos disse que podíamos parar de trabalhar e almoçar. Eu não estava tão orgulhosa da minha habilidade em interpretar uma trabalhadora quando uma delas disse:

— Você quer sair para almoçar?

— Não, eu trouxe o almoço — respondi.

— Oh! — ela exclamou, com uma entonação de reconhecimento e um sorriso divertido.

— Há algo errado? — perguntei, respondendo seu sorriso.

— Oh, não — disse rapidamente. — Só que as meninas zombam de quem carrega uma cesta agora. Nenhuma trabalhadora carrega o almoço ou uma cesta. Está fora de moda porque marca a garota como trabalhadora. Eu gostaria de carregar uma cesta, mas não ousa, porque elas tirariam sarro de mim.

As meninas saíram para almoçar e eu lhes perguntei por preços. Por cinco centavos, elas recebem uma boa caneca de café, com açúcar e leite, se desejado. Dois centavos compram três fatias de pão com manteiga. Três centavos, um sanduíche. Muitas vezes, várias garotas juntam todo o seu dinheiro e compram um banquete. Uma tigela de sopa por cinco centavos serve quatro meninas. Juntas, elas podem comprar um almoço quente.

À uma hora, estávamos todas trabalhando novamente. Eu completei sessenta e quatro tampas, e o suprimento consumido foi colocado na “moldagem””. Isso serve para encaixar o fundo nas laterais da caixa e colá-lo. No início, é bastante difícil fazer todas as bordas se colarem direito,

mas depois de um pouco de experiência, isso pode ser feito facilmente.

No meu segundo dia, fui colocada em uma mesa com algumas garotas novas e tentei fazê-las conversar. Fiquei surpresa ao descobrir que elas são muito tímidas em dizer seus nomes, onde moram ou como moram. Esforcei-me por todos os meios que uma mulher conhece para receber um convite para visitar suas casas, mas não tive sucesso.

— Quanto as meninas podem ganhar aqui? — perguntei à encarregada.

— Não sei — disse ela. — Elas nunca dizem, e os chefes são quem contabiliza.

— Você trabalha aqui há muito tempo? — perguntei.

— Sim, estou aqui há oito anos e, nesse período, ensinei minhas três irmãs.

— O trabalho é rentável?

— Bem, é constante; mas uma garota deve ter muitos anos de experiência para poder trabalhar rápido o suficiente para ganhar muito.

As garotas pareciam felizes. Durante o dia, faziam o pequeno prédio ressoar com seus cantos. Uma canção seria iniciada no segundo andar, provavelmente, e cada andar a seguiria, sucessivamente, até todas estarem cantando. Elas quase sempre eram gentis umas com as outras. Suas pequenas brigas não duravam muito, nem eram muito ferozes. Todas foram extremamente gentis comigo e fizeram todo o possível para tornar meu trabalho fácil e agradável. Senti-me bastante orgulhosa por poder fazer uma caixa inteira.

Havia duas meninas em uma mesa que estiveram em muitas fábricas de caixas e tiveram uma experiência variada.

— As meninas não são pagas nem metade do suficiente em nenhum trabalho. As fábricas de caixas não são piores que outros lugares. Não sei nada que uma garota possa fazer, nem onde, mesmo com muito trabalho, para ganhar mais de US \$ 6 por semana. Não é possível pagar roupas e transporte com isso.

— Onde essas meninas moram? — perguntei.

— Existem pensões em Bleecker e Houston, e em torno desses lugares, onde as meninas podem conseguir um quarto e refeições por US \$ 3,50 por semana. O quarto pode ser apenas para duas, com uma cama, ou pode ter uma dúzia, de acordo com o tamanho. Eles não têm conveniências ou confortos, e geralmente homens indesejáveis ficam no mesmo local.

— Por que elas não moram nesses lares administrados para acomodar mulheres que trabalham?

— Oh, esses lares são fraudes. Uma garota não pode ter nenhum conforto a mais, e as restrições são maiores do que podem suportar. Uma garota que trabalha o dia todo deve se divertir e nunca há diversões nesses lares.

— Você trabalha em fábricas de caixas há muito tempo?

— Por onze anos, e não posso dizer que isso me deu dinheiro para viver. Em média, ganho US \$ 5 por semana. Pago US \$ 3,50 pela pensão e minha conta na lavanderia, no mínimo, é de 75 centavos. Não dá para uma mulher se vestir com o dinheiro que sobra.

— Quanto você recebe por cada caixa?

— Eu ganho 50 centavos por cem caixas de bombons de um quilo e 40 centavos por cem caixas de meio quilo.

— Que trabalho você faz em uma caixa para esse pagamento?

— Tudo. Eu corto o papelão em quadrados da mesma forma que você. Primeiro monto as tampas e depois moldo

as partes inferiores. Isso forma uma caixa. Em seguida, faço o corte que coloca a borda dourada em torno da tampa da caixa. Cobrir a borda da tampa é a próxima etapa, em seguida, vem a etiqueta de cima, terminando a tampa inteira. Depois, forro a caixa, faço a etiqueta de baixo e em seguida coloco dois ou quatro papéis de renda no interior, conforme solicitado. Assim, você vê uma caixa passar por minhas mãos oito vezes antes de eu terminar. Tenho que trabalhar muito e incessantemente para fazer duzentas caixas por dia, o que me rende 1 dólar. Não é o suficiente. Veja, eu manejo duzentas caixas, mil e seiscentas vezes, por US \$ 1. Mão de obra barata, não é?

Uma garota muito inteligente, Maggie, que estava sentada à minha frente, contou uma história que fez meu coração doer.

— Esta é minha segunda semana aqui — disse ela —, e, é claro, não receberei nenhum pagamento até a próxima semana, quando espero receber US \$ 1,50 por seis dias de trabalho. Meu pai era motorista antes de ficar doente. Não sei o que há de errado, mas o médico diz que ele vai morrer. Antes de eu sair hoje de manhã, ele disse que meu pai morrerá em breve. Eu mal posso trabalhar por causa disso. Sou a filha mais velha e tenho um irmão e duas irmãs mais novas. Eu tenho dezesseis, e meu irmão tem doze anos. Ele ganha US \$ 2 por semana como funcionário de uma fábrica de cigarros.

— Você tem aluguel para pagar?

— Temos dois quartos em uma casa na Houston Street. Eles são pequenos e têm tetos baixos, e há muitos chineses na mesma casa. Pagamos por esses quartos US \$ 14 por mês. Não temos muito o que comer, mas o pai não se importa, porque não consegue comer. Não poderíamos viver se o depósito do papai não pagasse o aluguel.

— Você já trabalhou antes?

— Sim, uma vez eu trabalhei em uma fábrica de tapetes na Yonkers. Eu só tinha que trabalhar lá uma semana até aprender, e depois ganhei um dólar por peça por dia. Quando meu pai ficou tão doente, minha mãe me queria em casa, mas agora, quando vemos que ganho tão pouco, gostaríamos que eu tivesse ficado lá.

— Por que você não tenta outra coisa? — perguntei.

— Eu queria, mas não consegui encontrar nada. Meu pai me mandou para a escola até os quatorze anos, então pensei em aprender a ser operadora de telégrafo. Fui a um lugar na Twenty-third Street, onde é ensinado, mas o homem não me daria uma lição a menos que eu pagasse cinquenta dólares adiantado. Eu não poderia fazer aquilo.

Então, falei do Instituto Cooper¹¹, que eu achava que todo nova-iorquino sabia ser para a ajuda de tais casos. Fiquei muito surpresa ao saber que algo como o Instituto Cooper era totalmente desconhecido para todas as trabalhadoras ao meu redor.

— Se meu pai soubesse que havia uma escola gratuita, ele me mandaria — disse uma delas.

— Eu iria à noite — disse outra —, se soubesse que havia um lugar assim.

Mais uma vez, quando algumas delas estavam reclamando de salários injustos e de alguns lugares onde não puderam cobrar o valor devido depois do trabalho, falei da missão dos Knights of Labor¹² e da recém-organizada sociedade para mulheres. Todas ficaram surpresas ao saber da existência de meios de ajudar as mulheres a ter justiça. Eu critiquei um pouco o papel de tais sociedades, a menos que elas entrassem no coração dessas fábricas.

Uma garota que trabalhava no andar abaixo de mim disse não ter permissão para contar quanto recebia. No entanto, ela trabalhava ali há cinco anos e não ganhava em média mais de US \$ 5 por semana. A fábrica em si era um

lugar totalmente inadequado para as mulheres. Os cômodos eram pequenos e não havia ventilação. Em caso de incêndio, praticamente não havia escapatória.

O trabalho era cansativo e, depois de aprender tudo o que pude das garotas bastante reticentes, fiquei ansiosa para sair. Notei algumas coisas bem peculiares na minha viagem de ida e volta para a fábrica. Percebi que os homens eram muito mais rápidos em oferecer seus lugares nos carros às meninas que trabalhavam do que para mulheres bem-vestidas. Outra coisa igualmente perceptível: havia mais homens tentando flertar comigo enquanto eu era uma garota de fábrica de caixas do que nunca. As meninas eram boas em suas maneiras e mais educadas do que aquelas criadas em casa. Elas nunca se esqueciam de agradecer umas às outras por qualquer serviço, e havia algo de bom em muitas de suas ações. Eu já vi muitas garotas piores em posições muito mais altas do que as escravas de Nova York.



A corajosa vida de Nellie Bly

Biografia *por Joici Rodrigues*

Elizabeth Jane Cochran nasceu no dia 5 de maio de 1864. Seu pai, Michael Cochran, trabalhava como operário antes de comprar uma fábrica local e a maior parte das terras ao redor da casa de fazenda da família. Mais tarde, ele se tornou um comerciante, agente do correio e juiz associado em Cochran's Mills¹³ (que recebeu seu sobrenome) na Pensilvânia. Teve dez filhos com sua primeira esposa, Catherine Murphy, e mais cinco filhos com Mary Jane Kennedy, sua segunda esposa; um desses filhos foi Elizabeth.

Com o falecimento de Michael, em pouco tempo a mãe de Elizabeth ficou sem recursos. Ainda assim, a jovem se matriculou na *Indiana Normal School*, onde infelizmente estudou por apenas um período, pois os recursos da família haviam acabado. A partir de então, já nos anos 1880, ela se mudou para Pittsburgh, a sudoeste da Pensilvânia, com sua mãe e irmãos. Desistiu de concluir seus estudos e precisou trabalhar duro para que a família não morresse de fome.

Ao ler uma matéria no jornal *Pittsburgh Dispatch* intitulada *Para que servem as garotas* (em tradução livre), que limitava o papel feminino aos cuidados do lar, ela escreveu uma carta em que deixava claro o papel das mulheres sob sua ótica feminina e a enviou ao editor-chefe do periódico, George Madden. Assinou a carta como “Garota Órfã Solitária”. Madden, impressionado com a carta, publicou

um pedido para a tal garota se identificar e Elizabeth o fez, sendo então convidada a escrever seu primeiro artigo para o *Pittsburgh Dispatch*, “*The Girl Puzzle*”, e foi posteriormente contratada como colunista, ganhando o pseudônimo “Nellie Bly”. A adoção de um pseudônimo era prática comum à época sempre que os artigos publicados eram de autoria feminina.

Ela escreveu sobre a situação de mulheres e crianças em fábricas sem ventilação, péssimos salários e jornadas de trabalho com horários exaustivos. Suas críticas não agradaram os empregadores dessas mulheres e, para não permanecer falando sobre moda, arquitetura e jardinagem – temas aos quais ela teria sido destinada –, e devido à repercussão de suas matérias anteriores, ela partiu para o México.

Nellie, então com 21 anos de idade, passou seis longos meses estudando e documentando a cultura do México e o sistema de censura ao qual os jornalistas eram submetidos. Ela foi convidada a se retirar do país depois de denunciar a ditadura de Porfirio Díaz, militar e dirigente do país por três períodos políticos.

Após sete anos trabalhando para o *Pittsburgh Dispatch*, Elizabeth pediu demissão e partiu para Nova York, aos 23 anos, onde conseguiu um emprego no jornal *New York World*, cujo editor-chefe era Joseph Pulitzer. Joseph foi o responsável pela criação do prêmio Pulitzer, um dos mais importantes da profissão e oferecido a novos talentos do jornalismo desde então. Foi através de seu emprego no *New York World* que Nellie aceitou o desafio de investigar e denunciar as brutalidades e negligências cometidas no hospital psiquiátrico da Ilha Blackwell.

Depois de toda a jornada de seus *Dez dias em um hospício*, milimetricamente contados nessa obra, Nellie conheceu o prestígio da mídia e não parou com seus desafios. Aos 25 anos, realizou outro feito notável, inspirada

pelo livro *A Volta Ao Mundo Em 80 Dias*, do autor francês Júlio Verne. Com o objetivo de recriar a jornada e cumpri-la em menos tempo, o que de fato conseguiu, completando o percurso em 72 dias, ela propôs a viagem e o desafio ao jornal, para o qual relatou toda a experiência¹⁴.

Aos 31 anos, casou-se com o industrialista Robert Seaman, 42 anos mais velho do que ela. Ele não hesitou em torná-la presidente da *Iron Clad Manufacturing*, empresa que fundou em 1869. Durante o exercício das suas funções, Elizabeth providenciou creches e melhores condições de trabalho para as mulheres da empresa. Robert faleceu 1904. Mesmo sendo reconhecida como a primeira mulher a liderar uma indústria no país, os negócios ruíram devido ao desvio de dinheiro dos funcionários e de outros colaboradores.

Nellie, então, voltou a escrever, desta vez com relatos recebidos do Front da Primeira Guerra Mundial. Depois, na ousada cobertura de *A Parada Sufragista*, em 1913, Elizabeth tomou a liberdade de idealizar que logo as mulheres teriam direito ao voto nas eleições americanas.

Nellie Bly faleceu de pneumonia aos 57 anos no hospital St. Mark, no dia 22 de janeiro de 1922, em Nova York, dois anos depois do direito ao voto feminino em urnas americanas ser permitido. Ela está sepultada no cemitério de Woodlawn.

Nellie Bly inspirou diversos filmes e documentários como *The Adventures of Nellie Bly* (1981), *Fuga do Hospício* (2019) e a personagem Lana Winters na série *American Horror Story: Asylum* (2012), recebendo mais uma vez a visibilidade para causas sociais que ela digladiou por tantos anos para conseguir.

A luta de Nellie Bly e sua possibilidade de trabalhar em um grande jornal, encabeçando lutas por direitos femininos, muito provavelmente se deu por esforço de outras mulheres corajosas anteriores à Elizabeth. O direito ao voto em quase

todos os países também foi possível por outras que vieram depois dela.

Jornalistas, escritoras, chefes de estado, médicas, policiais, defensoras dos direitos humanos, e toda e qualquer forma de igualdade do ser são os reais frutos do trabalho de mulheres como Elizabeth Cochran. Com o tempo, as lutas se modificam em suas necessidades, mas sempre precisaremos lembrar de mulheres como Nellie para que a coragem muitas vezes não nos fuja.

Esse livro chega até você devido ao esforço de muitas mulheres que, assim como eu, sabem que essa é uma história que precisa ser contada e, principalmente, anseia por ser lida.

Eu sou Joici Rodrigues, tenho 31 anos e sou tudo o que me desafia. Mostro minha força no meu canal no Youtube, chamado *Ler Até Amanhecer*. Falo sobre assuntos polêmicos, leio assuntos polêmicos e possuo o direito da curiosidade e opinião, algo que só é possível porque mulheres como Nellie existiram.



1 O *New York World* foi um jornal importante para a história americana, circulando entre os anos de 1860 e 1931. De 1883 a 1911, seu editor-chefe foi Joseph Pulitzer, idealizador do prêmio de mesmo nome. [N. T.]

2 O termo utilizado atualmente é “hospital psiquiátrico”, já que “hospício” e “manicômio” caíram em desuso ao longo dos anos. No título original foi utilizado “*Mad-house*”, em uma tradução literal para “casa de loucos”, o que poderia ser uma jogada de marketing para atrair mais curiosos, já que o material foi publicado em um jornal antes de ser transformado em livro. Ao longo do texto, a jornalista faz pouco uso do termo “*mad-house*”, optando por “*asylum*”, que na época era mais respeitoso e usado oficialmente. [N. E.]

3 Palavras como “insano”, “louco” e semelhantes não são utilizadas pela psiquiatria. Hoje, os transtornos e deficiências são melhor abrangidos e tratados de forma mais humanizada, sem generalização. [N. E.]

4 “Lunático” é um termo antigo que caiu em desuso após o avanço da psiquiatria, pois entendia-se que os portadores de deficiências e transtornos viviam “no mundo da Lua” ou que sofriam sua influência. Até 1930, o termo era usado na legislação dos Estados Unidos, assim como “*asylum*”, ou “hospício” e “manicômio”. [N. E.]

5 Na época da primeira publicação do relato de Nellie Brown, os Vanderbilts eram a família mais rica dos Estados Unidos. [N. T.]

6 Robert Bruce, o sexto Lorde de Annandale, foi mantido refém por Marjorie de Carrick até concordar em se casar com ela, em 1271. [N. T.]

7 Beladona é uma planta medicinal de grande toxicidade. [N. T.]

8 A Sing Sing Correctional Facility é uma prisão de segurança máxima em Ossining, Nova York. [N. T.]

9 Hidrato de cloral é um sedativo hipnótico. [N. T.]

10 Havia outro hospício, na Ilha de Ward, perto da Ilha de Blackwell, no rio East, em Nova York. [N. P.]

11 Atualmente conhecido como Cooper Union, é uma faculdade privada, baseada no princípio de que a educação superior deve ser acessível a todos, independentemente de raça, gênero, credo e posição econômica. [N. T.]

12 Knights of Labor era uma federação trabalhista americana ativa no final do século XIX, especialmente na década de 1880. Operou nos Estados Unidos e também no Canadá, e também tinha capítulos na Grã-Bretanha e na Austrália. [N. T.]

13 Antigo subúrbio de Pittsburgh, na Pensilvânia.

14 A matéria foi publicada em formato de livro em 1890.

Table of Contents

[Prefácio da editora](#)
[Introdução](#)
[Uma missão delicada](#)
[Preparando-me para a provação](#)
[No lar temporário](#)
[O juiz Duffy e a polícia](#)
[Insanidade declarada](#)
[No Hospital Bellevue](#)
[Com o objetivo à vista](#)
[Dentro do hospício](#)
[Um especialista\(?\) trabalhando](#)
[Meu primeiro jantar](#)
[No banho](#)
[Passeando com as lunáticas](#)
[Sufocando e batendo nas pacientes](#)
[Algumas histórias tristes](#)
[Incidentes da vida no hospício](#)
[O último adeus](#)
[O Grande Júri de investigação](#)
[A corajosa vida de Nellie Bly](#)